



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS  
MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL  
NÚCLEO DE ESTUDOS EM INTERAÇÃO SOCIAL E DESENVOLVIMENTO  
INFANTIL

**OS GESTOS NA COMUNICAÇÃO MÃE-BEBÊ:  
UM ESTUDO LONGITUDINAL**

JANAINA FRANCIELE CAMARGO

JOÃO PESSOA – PB

FEVEREIRO/2013



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS  
MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL  
NÚCLEO DE ESTUDOS EM INTERAÇÃO SOCIAL E DESENVOLVIMENTO  
INFANTIL

**OS GESTOS NA COMUNICAÇÃO MÃE-BEBÊ:  
UM ESTUDO LONGITUDINAL**

Dissertação elaborada sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Nádia Maria Ribeiro Salomão, apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia Social da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia Social.

JOÃO PESSOA – PB

FEVEREIRO/2013

C172g Camargo, Janaina Franciele.  
Os gestos na comunicação mãe-bebê: um estudo  
longitudinal / Janaina Franciele Camargo.-- João Pessoa,  
2013.  
178f.  
Orientadora: Nádia Maria Ribeiro Salomão  
Dissertação (Mestrado) – UFPB/CCHL  
1.Psicologia Social. 2.Interação mãe-bebê. 3.Comunicação  
não verbal. 4.Desenvolvimento linguístico. 5.Comunicação  
gestual.

UFPB/BC

CDU: 316.6(043)

# OS GESTOS NA COMUNICAÇÃO MÃE-BEBÊ: UM ESTUDO LONGITUDINAL

Janaina Franciele Camargo

Banca examinadora

Symone Melo

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Symone Fernandes de Melo

(Membro Externo)

Fabiola de Sousa Braz Aquino

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Fabiola de Sousa Braz Aquino

(Membro Interno)

Nádia Maria Ribeiro Salomão

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Nádia Maria Ribeiro Salomão

(Orientadora)

## AGRADECIMENTOS

À minha mãe Maria Helena, que em sua breve existência me ensinou o valor da honestidade, da responsabilidade, da persistência, do respeito aos outros e, acima de tudo, do amor.

Ao meu marido e melhor amigo Breno, pela paciência e bom humor nos momentos de ausência e distância, por acreditar na minha capacidade e por tornar meus dias mais alegres.

À minha família, em especial minha irmã Jaqueline, minha sogra Elisabeth e meu sogro Nelson, pela presença constante e carinho nos momentos difíceis e nas pequenas vitórias.

Às minhas “mães” de coração Ana Cláudia e Laura, pelo cuidado e aconchego.

Meus sinceros agradecimentos à Prof.<sup>a</sup> Nádia Salomão, pela oportunidade, orientação e confiança em meu trabalho. Sua delicadeza e seriedade são exemplos para minha formação profissional e pessoal.

Às colegas do NEISDI, Ana Flávia, Carol, Deborah, Fátima e, em especial, Cibele, pela receptividade e disposição em ajudar e pelas contribuições dadas a este trabalho.

À Karla, pela amizade desde meus primeiros dias em João Pessoa e por ter se mantido presente em tantos momentos importantes.

Às amigas de longe, Maria, Raquel e Elisangela, que mesmo distantes fizeram parte desta etapa.

Aos professores e colegas do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da UFPB.

Às crianças e mães participantes do trabalho, por terem disponibilizado seu tempo para que este se tornasse possível.

À Prof.<sup>a</sup> Fabiola de Sousa Braz Aquino, pela leitura sempre cuidadosa e pelas importantes contribuições ao longo do trabalho.

À Prof.<sup>a</sup> Symone Fernandes de Melo, pela disposição em ler o trabalho e em participar da banca.

À CAPES, pelo apoio técnico e financeiro.

## OS GESTOS NA COMUNICAÇÃO MÃE-BEBÊ: UM ESTUDO LONGITUDINAL

**RESUMO:** O presente estudo teve como objetivo principal analisar a comunicação não verbal de diádes mãe-bebê durante o primeiro ano de vida da criança, especificamente aos seis, nove e 12 meses de idade. Para tanto, foram verificadas as frequências com que mães e bebês utilizaram os gestos dêiticos e representativos em cada um dos períodos evolutivos, bem como as respostas maternas aos gestos comunicativos do bebê e os contextos em que foram observados. Além disso, foram analisadas as atribuições de significado maternas relativas aos gestos e demais comportamentos comunicativos do bebê, como choro, sorrisos e direção do olhar. Segundo a Perspectiva da Interação Social dos Estudiosos da Linguagem, aporte teórico adotado por este estudo, o desenvolvimento da linguagem da criança ocorre por meio de interações estabelecidas com o adulto desde as idades iniciais. Considerando-se os bebês como ativos desde o seu nascimento, estas interações são concebidas como bidirecionais, de modo que ambos os constituintes da diáde atuam na modificação do contexto e dos comportamentos um do outro. Participaram do estudo seis diádes, sendo quatro bebês meninos e duas meninas. As seis diádes foram filmadas longitudinalmente aos seis, nove e 12 meses de idade do bebê, sendo duas filmagens em cada período evolutivo, totalizando 36 observações. Cada filmagem continha 20 minutos de observação da diáde em situação de brincadeira livre e, deste total, foram transcritos dez minutos, desconsiderando-se os cinco minutos iniciais e os cinco minutos finais. A análise das filmagens foi feita por meio da transcrição literal das falas e vocalizações da diáde, bem como da descrição detalhada do ambiente e dos comportamentos da mãe e do bebê durante as sessões de observação. Este procedimento permitiu que, além do estabelecimento de categorias de gestos representativos e dêiticos e da posterior contagem de suas frequências, fosse realizada uma análise minuciosa dos contextos em que tais gestos foram utilizados. Os resultados demonstraram que, em especial aos nove meses, ocorrem mudanças, de modo que o gesto dêítico de alcançar deixa de ser única categoria utilizada pela criança e passa a ser substituído pelo gesto de apontar. Foi verificado também que os gestos representativos, tanto convencionais quanto de objeto, foram observados apenas a partir desta idade. Os gestos dêiticos mais utilizados no estabelecimento e manutenção de episódios interativos foram o de alcançar, por parte dos bebês, e o de mostrar, por parte das mães. Além disso, comportamentos como choro, sorrisos e direção do olhar, que fazem parte da base da comunicação pré-verbal da criança, mostraram-se bastante eficazes para a mudança da conduta materna. Observou-se, portanto, que as mães ajustaram o seu comportamento de acordo com as características dos bebês, de modo que mudanças nos gestos da criança ao longo do seu desenvolvimento foram acompanhadas por mudanças nos gestos e nas atribuições maternas. Tais resultados são relevantes no sentido que contribuem para um maior conhecimento acerca da comunicação gestual mãe-bebê e do seu papel no desenvolvimento linguístico da criança.

**Palavras-chave:** interação mãe-bebê; desenvolvimento linguístico, comunicação não verbal; gestos.

## THE GESTURES IN MOTHER-INFANT COMMUNICATION: A LONGITUDINAL STUDY

**ABSTRACT:** This study aimed to analyze the nonverbal communication of mother-infant dyads during the first year of life, specifically at six, nine and 12 months of age. The frequency with which mothers and babies used deictic and representational gestures in each stage was verified, as well as maternal responses to the baby's communicative gestures and the contexts in which they were observed. In addition, it was analyzed the maternal meaning attributions regarding to gestures and other baby's communicative behaviors, such as crying, smiling and gaze direction. According to the social interaction perspective, adopted by this study, the child's language development occurs through interactions established with the adult since the early ages. Considering that babies are active since birth, these interactions are designed to be bidirectional, so that both components of the dyad act in modifying the context and behavior of each other. The participants were six dyads, four baby boys and two girls. The six dyads were recorded longitudinally when babies were six, nine and 12 months old, twice in each evolutionary period, totaling 36 observations. Each video contained 20 minutes of observation of the dyad in a free play situation. Ten minutes were transcribed, disregarding the first five and the final five minutes. The videos were analyzed through the literal transcription of speech and vocalizations of the dyad, as well as the detailed description of the context and the behavior of the mother and baby during the observation sessions. In addition to establishing categories of deictic and representational gestures and subsequent counting their frequency, a detailed analysis of the contexts in which such gestures were used was performed. The results showed that changes occur, especially at nine months. The reaching gesture is no longer the single category used by the child and shall be replaced by the pointing gesture. It was also noticed that the representational gestures, both conventional and object gestures, were observed only after that age. The deictic gestures most used in the establishment and maintenance of interactive episodes were reaching, by the babies, and showing, by mothers. Furthermore, behaviors such as crying, smiling and gaze direction, which form part of the basis of child's pre-verbal communication, proved to be very effective in changing the mother's behavior. It was noticed that mothers adjusted their behavior according to the baby's characteristics, so that changes in the child gestures during its development were accompanied by changes in maternal gestures and meaning attributions. These results are relevant in the sense that contribute to a greater knowledge about mother-infant gestural communication and its role in the child's linguistic development.

**Keywords:** mother-infant interaction, language development, nonverbal communication, gesture.

## Sumário

|  |     |
|--|-----|
| Lista de tabelas .....   | 17  |
| Introdução .....   | 9   |
| 1. Fundamentação teórica .....   | 14  |
| 1.1. Concepções de desenvolvimento infantil .....                        | 14  |
| 1.2. Interação mãe-bebê e desenvolvimento da linguagem .....             | 22  |
| 1.3. Os gestos: sua emergência, desenvolvimento e funções .....          | 31  |
| 2. Objetivos .....   | 47  |
| 2.1. Objetivo geral .....  | 47  |
| 2.2. Objetivos específicos .....   | 47  |
| 3. Método .....  | 48  |
| 3.1. Participantes .....   | 48  |
| 3.2. Instrumentos .....  | 48  |
| 3.3. Situação .....  | 49  |
| 3.4. Procedimentos para a coleta de dados .....                          | 49  |
| 3.5. Procedimentos para a análise dos dados .....                        | 50  |
| 3.6. Categorias de análise .....   | 51  |
| 3.6.1. Gestos comunicativos utilizados pelos bebês e pelas mães .....    | 51  |
| 3.6.2. Comportamentos comunicativos iniciais do bebê .....               | 54  |
| 3.6.3. Respostas maternas aos comportamentos comunicativos do bebê ..... | 54  |
| 4. Resultados .....  | 57  |
| 4. 1. Díade 1 - Mariana .....  | 57  |
| 4.2. Díade 2 - Cadu .....  | 73  |
| 4.3. Díade 3 - Carolina .....  | 88  |
| 4.4. Díade 4 - Carlos .....  | 106 |
| 4.5. Díade 5 - Edson .....   | 121 |
| 4.6. Díade 6 - Manuel .....  | 138 |
| 5. Discussão dos resultados .....  | 157 |
| 6. Considerações finais .....  | 168 |
| Referências .....  | 171 |

## LISTA DE TABELAS

|  |     |
|--|-----|
| Tabela 1 <i>Frequências dos gestos dêiticos e representativos utilizados pelo bebê da diáde 1 aos 6, 9 e 12 meses de idade em situação de brincadeira livre.</i> .....         | 57  |
| Tabela 2 <i>Frequências dos gestos dêiticos e representativos utilizados pela mãe da diáde 1 aos 6, 9 e 12 meses de idade do bebê em situação de brincadeira livre.</i> .....  | 60  |
| Tabela 3 <i>Atribuições de significado maternas aos gestos do bebê aos 6, 9 e 12 meses de idade (diáde 1).</i> .....   | 63  |
| Tabela 4 <i>Frequências dos gestos dêiticos e representativos utilizados pelo bebê da diáde 2 aos 6, 9 e 12 meses de idade em situação de brincadeira livre.</i> .....         | 73  |
| Tabela 5 <i>Frequências dos gestos dêiticos e representativos utilizados pela mãe da diáde 2 aos 6, 9 e 12 meses de idade do bebê em situação de brincadeira livre.</i> .....  | 77  |
| Tabela 6 <i>Atribuições de significado maternas aos gestos do bebê aos 6, 9 e 12 meses de idade (diáde 2).</i> .....   | 80  |
| Tabela 7 <i>Frequências dos gestos dêiticos e representativos utilizados pelo bebê da diáde 3 aos 6, 9 e 12 meses de idade em situação de brincadeira livre.</i> .....         | 88  |
| Tabela 8 <i>Frequências dos gestos dêiticos e representativos utilizados pela mãe da diáde 3 aos 6, 9 e 12 meses de idade do bebê em situação de brincadeira livre.</i> .....  | 92  |
| Tabela 9 <i>Atribuições de significado maternas aos gestos do bebê aos 6, 9 e 12 meses de idade (diáde 3).</i> .....   | 94  |
| Tabela 10 <i>Frequências dos gestos dêiticos e representativos utilizados pelo bebê da diáde 4 aos 6, 9 e 12 meses de idade em situação de brincadeira livre.</i> .....        | 106 |
| Tabela 11 <i>Frequências dos gestos dêiticos e representativos utilizados pela mãe da diáde 4 aos 6, 9 e 12 meses de idade do bebê em situação de brincadeira livre.</i> ..... | 108 |
| Tabela 12 <i>Atribuições de significado maternas aos gestos do bebê aos 6, 9 e 12 meses de idade (diáde 4).</i> .....  | 110 |
| Tabela 13 <i>Frequências dos gestos dêiticos e representativos utilizados pelo bebê da diáde 5 aos 6, 9 e 12 meses de idade em situação de brincadeira livre.</i> .....        | 121 |
| Tabela 14 <i>Frequências dos gestos dêiticos e representativos utilizados pela mãe da diáde 5 aos 6, 9 e 12 meses de idade do bebê em situação de brincadeira livre.</i> ..... | 125 |
| Tabela 15 <i>Atribuições de significado maternas aos gestos do bebê aos 6, 9 e 12 meses de idade (diáde 5).</i> .....  | 126 |
| Tabela 16 <i>Frequências dos gestos dêiticos e representativos utilizados pelo bebê da diáde 6 aos 6, 9 e 12 meses de idade em situação de brincadeira livre.</i> .....        | 138 |
| Tabela 17 <i>Frequências dos gestos dêiticos e representativos utilizados pela mãe da diáde 6 aos 6, 9 e 12 meses de idade do bebê em situação de brincadeira livre.</i> ..... | 142 |
| Tabela 18 <i>Atribuições de significado maternas aos gestos do bebê aos 6, 9 e 12 meses de idade (diáde 6).</i> .....  | 145 |

## INTRODUÇÃO

A linguagem é uma habilidade humana que permite criar ideias novas e transmiti-las às futuras gerações, tornando possível a construção e o acúmulo de conhecimentos culturais e científicos. Contudo, quando pensamos em linguagem, o termo em geral nos remete a ideias relacionadas a palavras. Existem outros tipos de linguagem que também comunicam ideias, como a linguagem musical, a computacional, a matemática, a artística, os códigos visuais e a linguagem de sinais. Essas outras formas de comunicação são compartilhadas por uma determinada cultura ou grupo social e são um modo de representar certos aspectos da realidade, tornando possível a sua transmissão a outros indivíduos que estejam aptos a interpretá-las.

Essas ideias ganham apoio na teoria de Vygotsky (1999), para quem o indivíduo somente se constitui como tal através das suas relações sociais com os outros indivíduos e com o mundo exterior em um determinado contexto histórico. Nesta relação do sujeito com o mundo, a linguagem é um dos principais mediadores, sendo através dela que a criança terá acesso à cultura acumulada das gerações precedentes dentro da sociedade em que está inserida.

Desse modo, a linguagem atua como um mediador das relações sociais construídas pelos seres humanos, ao mesmo tempo em que é por meio das relações sociais que se constrói a linguagem. Entretanto, se a linguagem é necessária para o desenvolvimento humano, como ocorreria este desenvolvimento antes de a criança ter adquirido a linguagem verbal? Este desenvolvimento se daria por meio de outro sistema de linguagem que não a oral, a linguagem gestual, a qual permite que a criança se comunique com os demais participantes do seu contexto e que, por meio desta interação, surjam oportunidades para o aprendizado da sua língua materna. Sendo assim, é por meio deste tipo particular de linguagem que as relações necessárias para o desenvolvimento da linguagem verbal se estabelecem.

Destacando a importância das interações sociais para o processo de desenvolvimento, a concepção na qual se baseia este estudo é a teoria sócio-histórica de Vygotsky (1999, 2001), bem como outras propostas socioculturais que se desenvolveram posteriormente, como as de Bruner (1975a, 1975b, 1997) e Tomasello (2003). A relevância em manter o foco nas primeiras interações entre mãe e bebê encontra-se no fato de que, de acordo com as abordagens teóricas apresentadas neste trabalho, o desenvolvimento ocorre por meio das relações entre a criança e outros membros de seu meio.

Considera-se que, por meio das interações que ocorrem desde os primeiros dias de vida, o bebê comunica seus estados e percebe os estados das outras pessoas, o que ocorre inicialmente por meio de recursos emocionais e afetivos. Admite-se, portanto, que os bebês já possuem um aparato para a interação desde o seu nascimento, o que aparece na sua preferência pela voz humana em detrimento de outros sons, no reconhecimento e predileção pela face humana e no uso de movimentos corporais e faciais para responder às emoções dos outros (Braz Aquino & Salomão, 2009; Lampreia, 2008; Seidl de Moura & Ribas, 2000; Seidl de Moura, 2009; Trevarthen, 2001). Deste fato advém a importância do estudo das interações iniciais mãe-bebê, a partir do qual torna-se possível a construção de um conhecimento acerca da comunicação entre adulto e criança desde suas formas mais primordiais.

A partir do reconhecimento de que o bebê recém-nascido possui a capacidade de interagirativamente, afetando os comportamentos dos adultos, os estudos sobre interação mãe-bebê passaram a considerá-la como bidirecional, e não dirigida exclusivamente pelo adulto, destacando a reciprocidade e a adaptação que cada membro da diáde realiza em relação ao outro e ao ambiente (Seidl de Moura, 2009). A relação dinâmica de atividades mediadas compõe o contexto sociocultural no qual o desenvolvimento ocorre e as ações do bebê são dotadas de sentido na cultura em que se encontra inserido. Um exemplo desse

processo são as atribuições de significado feitas pelas mães acerca dos comportamentos dos seus bebês (Seidl de Moura & Ribas, 2000).

Existem diversos estudos que investigam a relação dos gestos com o surgimento da linguagem verbal e os resultados têm demonstrado esta continuidade de diferentes formas. Como exemplo, podemos citar pesquisas que afirmam que os gestos são facilitadores do desenvolvimento da linguagem (Iverson & Goldin-Meadow, 2005), havendo uma relação entre os gestos utilizados pela criança aos 16 meses e o total de palavras que produz aos 20 meses (Volterra & cols., 2005) e, mais especificamente, que os gestos e as combinações gesto-palavra que a criança utiliza aos 18 meses podem ser preditores do seu vocabulário e complexidade das sentenças aos 42 meses, respectivamente (Rowe & Goldin-Meadow, 2009b). Uma das explicações desta relação considera que quando a mãe realiza a tradução dos gestos do bebê em palavras, oferece a ele *input* necessário para a aquisição dos nomes dos objetos (Goldin-Meadow, Goodrich, Sauer & Iverson, 2007).

Pesquisas recentes demonstraram também que as diferenças na linguagem de meninos e meninas aparecem primeiramente nos gestos utilizados pelos dois grupos (Özçaliskan & Goldin Meadow, 2010) e que as características dos gestos de crianças com lesões cerebrais estão relacionadas aos atrasos de linguagem que elas apresentarão no futuro, de modo que este dado pode ser utilizado para o diagnóstico e intervenção precoces (Sauer, Levine & Goldin-Meadow, 2010). Além dos estudos citados, Liszkowski e Tomasello (2011) afirmam que o gesto de apontar é social e intencional desde seu início, representando uma ação com propósito comunicativo do mesmo modo que as palavras.

A partir das ideias apresentadas, considera-se que o bebê já é capaz de se expressar e se comunicar mesmo antes do surgimento da linguagem verbal, por meio dos gestos. A principal questão investigada é de que maneira essas interações comunicativas não verbais se manifestam no primeiro ano de vida do bebê, mais especificamente como a díade utiliza os

gestos dêiticos e representativos, de que modo as mães respondem aos gestos da criança e quais atribuições de significado realizam diante destes comportamentos.

Diante do exposto, a temática proposta será desenvolvida em seis capítulos. O primeiro trata da base teórica do trabalho, sendo dividido em três partes, quais sejam: concepções de desenvolvimento infantil, estudos acerca da interação mãe-bebê e desenvolvimento da linguagem e relatos de pesquisas em que são discutidos a emergência, o desenvolvimento e as funções dos gestos na comunicação.

No segundo capítulo, apresentamos o objetivo do trabalho, que consiste em estudar a comunicação em interações de diádes mãe-bebê, destacando-se a modalidade gestual, em contextos de brincadeira livre. Mais especificamente, observar e analisar os gestos produzidos pelo bebê, verificar como a produção gestual de um dos membros da diáde influencia nos gestos utilizados pelo outro e identificar as atribuições de significado da mãe em relação aos comportamentos comunicativos do bebê.

O método encontra-se no terceiro capítulo, onde é feita a descrição dos participantes, dos instrumentos, da situação, dos procedimentos para coleta e análise dos dados e das categorias de análise. No presente estudo, o método utilizado para a análise da comunicação gestual das diádes foi o estudo longitudinal, o qual permite que se compreenda o desenvolvimento como um processo histórico (Lyra, 2000). Vygotsky (1999) destaca a importância de se analisar os processos e os meios utilizados pelo sujeito ao invés dos objetos em si e do resultado de uma operação. Além disso, a observação em ambiente natural permite analisar de que modo o meio físico em que a criança vive pode influenciar nas modalidades das trocas entre mãe e bebê (Seidl de Moura & Ribas, 2000).

Os resultados e a sua discussão são apresentados no quarto e quinto capítulos, respectivamente. No último capítulo são realizadas considerações finais acerca dos resultados

obtidos e as possíveis contribuições do estudo para o tema, bem como sugestões para futuros trabalhos.

## **1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **1.1. Modelos de desenvolvimento infantil**

Dentre os diferentes modelos existentes acerca do desenvolvimento humano, a teoria sócio-histórica de Vygotsky (1999, 2001) enfatiza o papel da cultura e das interações sociais. Influenciados por esse modelo, outros autores desenvolveram o que tem sido designado por perspectiva sociocultural, dentre eles Barbara Rogoff (2005), Michael Tomasello (2003) e Jerome Bruner (1975a, 1975b, 1997), os quais servirão de base para a concepção de desenvolvimento adotada no presente trabalho, dada a importância de seus conceitos para o estudo do desenvolvimento linguístico.

De importância fundamental para a interação social na infância, o papel mediador do adulto permite o surgimento de novas formas de conhecimento, levando ao desenvolvimento das funções psicológicas superiores (Vygotsky, 1999). Sendo assim, a mediação se contrapõe à naturalização do desenvolvimento das funções superiores, visto que pressupõe a participação do adulto como um mediador da relação entre a criança e os instrumentos culturais disponíveis em seu meio social (Veer & Valsiner, 2009).

Neste sentido, o processo geral do desenvolvimento infantil, segundo Vygotsky (1999), estabelece duas linhas qualitativamente diferentes, mas que se entrelaçam: os processos elementares, que se referem aos processos biológicos de crescimento e maturação - linha natural, e os processos superiores, cuja origem é sócio-cultural e englobam o domínio dos instrumentos da cultura - linha cultural. Para o autor, as operações mediadas por signos, como o pensamento, não surgem de súbito na mente da criança, mas dependem de interações e/ou experiências prévias. Assim, a fala e outros signos são, para a teoria histórico-cultural, instrumentos que auxiliam na solução de tarefas e reestruturam as operações psicológicas, atuando como mediadores, sendo dependentes da cultura em que o indivíduo se encontra inserido e dos sistemas simbólicos disponíveis neste contexto (Veer & Valsiner, 2009).

Para Seidl de Moura e Ribas (2000), a divisão do desenvolvimento em duas linhas, natural e social, feita por Vygotsky (1999) é meramente didática, pois mesmo enquanto não utiliza e não tem internalizadas as ferramentas culturais, fase em que Vygotsky considera a criança como pré-cultural, o bebê já pode ser considerado como social. Isso porque a cultura não é formada apenas pelas ferramentas de mediação, mas também pelo ambiente cultural e pelos membros com os quais a criança convive logo que nasce ou, até mesmo, antes de nascer, pois o contexto cultural constrói o ambiente futuro em que ela será inserida.

Segundo Lyra e Seidl de Moura (2000), os estudos sobre o desenvolvimento são realizados com base em duas vertentes, sendo que na primeira o foco se encontra no processo de mudança e na segunda prioriza-se o produto de tal processo, a partir do qual resultarão as etapas ou estágios. As autoras consideram que os dois aspectos devem ser estudados nas pesquisas sobre desenvolvimento. O estudo dos processos permite que se explore a construção de novas formas antes mesmo que elas existam, de modo que se torne possível compreender sua gênese.

Quanto às formas de abordar o desenvolvimento, Costa e Lyra (2002) citam as *abordagens socioculturais ou sociohistóricas*, que concebem a mente do recém-nascido como social e cultural. Segundo elas, a interação social não apenas permite, mas constitui o desenvolvimento dos processos da mente, a qual já é social desde o nascimento do indivíduo. Tais abordagens surgiram sob a influência das ideias de Vygotsky e um exemplo delas é a Psicologia Cultural, segundo a qual toda manifestação da criança, desde seu nascimento, é social e comunicativa, pois é direcionada a um Outro (social), além de ocorrer dentro de um contexto sociocultural.

Para Vygotsky (1999), o desenvolvimento psicológico está atrelado ao desenvolvimento histórico geral da espécie humana. Para estudar o desenvolvimento sob esta perspectiva, propõe uma nova metodologia para a experimentação e análise psicológica,

baseada na dialética, para a qual estudar algo historicamente significa estudar os seus processos de desenvolvimento. Neste processo dialético, não somente a natureza determina o desenvolvimento histórico e influencia o indivíduo, mas também o indivíduo atua sobre a natureza de modo a criar novas condições para sua existência. Segundo Veer e Valsiner (2009), a concepção de Engels, segundo a qual o indivíduo por meio da fabricação de instrumentos e uso da fala para a comunicação exerce uma transformação e controle ativos da natureza, teria inspirado Vygotsky. Lampreia (1992) pontua que o meio para os soviéticos consistia no meio social, embora o meio material também deva ser considerado. Assim, o uso que se faz de um objeto, instrumento ou conceito é influenciado socialmente tanto pelo fato de que, por ser uma criação humana, é produzido de modo que carrega em si a sua forma de uso, quanto pelo fato de que tais formas de uso devem ser aprendidas por meio da interação social.

Vygotsky (1999) propunha a análise dos processos em lugar da análise dos objetos. Por estar em constante movimento, a análise dos processos deveria ser feita a partir de uma abordagem da psicologia do desenvolvimento, e não exclusivamente da psicologia experimental. Além disso, afirmava que a explicação deveria tomar o lugar da descrição, de modo que os fenômenos deveriam ser abordados não a partir da forma sob a qual se apresentam externamente (ponto de vista fenotípico/descriptivo), mas sim a partir dos aspectos dinâmico-causais que os subjazem (ponto de vista genotípico/explicativo). Assim, dois processos podem ser fenotípicamente iguais e muito diferentes em sua natureza dinâmico-causal, ou seja, apresentam-se da mesma forma, mas são causados e regidos por processos diferentes. Por exemplo, o gesto de apontar utilizado na tentativa de alcançar algo e o apontar que surge mais tarde, dotado de intenção comunicativa, podem ser externamente parecidos, mas diferentes internamente (Lampreia, 1992). Quando a mãe confere significado ao comportamento do bebê, está agindo como mediadora, de modo que frequentemente estão

ocorrendo mediações durante a interação diádica. Somente a partir desta mediação materna o gesto deixará de ser uma simples ação e se tornará uma forma de comunicação.

De acordo com Vygotsky (1999), no curso do desenvolvimento infantil, não são apenas as respostas das crianças que mudam como o passar do tempo, mas também as estruturas dessas respostas, seus meios de realização e os instrumentos utilizados para tal. Tais instrumentos, ou estímulos artificiais, são utilizados como mediadores, o que permite um maior controle dos comportamentos. Inicialmente eles são de natureza externa e, posteriormente, são internalizados e passam a auxiliar no controle comportamental por meio de operações complexas e simbólicas.

Nesta direção, o desenvolvimento da criança não se dá de forma linear e organizada, mas sim dialeticamente por meio de desigualdades, transformações qualitativas, processos adaptativos, revoluções, saltos, processos que ocorrem sob a influência da combinação de fatores externos e internos. Para Vygotsky (1999), os processos de maturação não são o fator mais importante e tampouco descrevem o desenvolvimento das funções superiores - estruturas cerebrais tipicamente humanas tais como percepção, memorização, atenção, pensamento - as quais, de fato, se desenvolvem por meio de transformações qualitativas dos comportamentos fornecidas pela mediação.

Por meio dessas formulações, Vygotsky (1999) afirma sua ideia de que o desenvolvimento e o aprendizado pressupõem relações sociais entre as crianças e as pessoas com as quais convivem, e é por meio dessas relações que ocorrem as trocas de experiências intelectuais. Mas o autor também considera o papel do desenvolvimento na aprendizagem, pois a adaptação aos fatores externos também depende da base interna e das habilidades já adquiridas admitindo, portanto, a necessidade de uma base biológica para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, embora a característica qualitativa de tais funções dependa da atividade social humana (Lampreia, 1992).

A atividade prática possui uma relação com a linguagem, de modo que as atividades instrumental e simbólica constituem uma unidade em que esta última atua como organizadora da primeira. Assim, embora na criança que se encontra em seu período pré-verbal essas atividades sejam independentes, logo que começa a utilizar os signos ou a fala integrados à ação, ela passa a utilizar os instrumentos em uma configuração nova e especificamente humana. Vygotsky (1999) afirma que “*o momento de maior significado no curso do desenvolvimento intelectual, que dá origem às formas puramente humanas de inteligência prática abstrata, acontece quando a fala e a atividade prática, então duas linhas completamente independentes de desenvolvimento, convergem*” (p. 33, grifos do autor).

Esta relação entre fala e ação é o que define o comportamento da criança como eminentemente humano. A linguagem permite que a criança possa planejar ações futuras, o que amplia sua visão para além do seu ambiente concreto e imediato e permite a ela moldar as ações que pretende colocar em prática, demonstrando uma capacidade de combinar e sintetizar elementos apreendidos em diferentes períodos do presente e passado para formar um campo atencional unitário (Vygotsky, 1999).

Vygotsky (2001) afirma que pensamento e palavra não apresentam qualquer vínculo em sua gênese. As relações entre ambos surgem no processo de desenvolvimento do pensamento e da linguagem, de modo que se constituem como produto desse desenvolvimento. Desse modo, haveria uma fase em que o pensamento é pré-lingüístico e a linguagem é pré-intelectual, e somente por meio das interações sociais se daria o desenvolvimento e estabelecimento de relações entre os dois processos.

Dentre as manifestações linguísticas desvinculadas do pensamento, podem ser citadas o choro, os murmuríos, o riso, os sons inarticulados e os movimentos da criança em seu primeiro ano de vida. Tais comportamentos já possuem uma função social, pois são dotadas de significado por um outro social, embora ainda não sejam simbólicas. Somente aos 2 anos

de idade, aproximadamente, é que pensamento e fala passarão a servir reciprocamente um ao outro e o pensamento se tornará verbal, de modo que a criança será capaz de utilizar signos como instrumentos em sua atividade psicológica (Vygotsky, 2001). Nesse período da vida da criança desenvolvem-se novas habilidades de fala e mobilidade que exercerão um papel fundamental na transformação do seu potencial para a interação social, favorecendo o desenvolvimento das formas superiores de comportamento humano.

Enquanto os trabalhos de Vygotsky destacam a relevância das relações sociais para o desenvolvimento infantil, estudos posteriores, adotando uma perspectiva da psicologia cultural, passaram a discutir a importância das especificidades culturais para esse processo. Nesta direção, Rogoff (2005) afirma que o desenvolvimento humano ocorre por meio da participação variável do indivíduo nas atividades de suas comunidades culturais, e a única forma de compreendê-lo é por meio das práticas e circunstâncias culturais de uma dada comunidade, que também são transformadas neste processo através das gerações. Assim, o foco de análise do desenvolvimento para a autora é a atividade sociocultural, a qual pressupõe os sujeitos, suas relações e o contexto em que elas ocorrem como elementos integrados que não podem ser tomados separadamente. Contudo, ainda segundo Rogoff (2005), o observador tem a liberdade de destacar um desses aspectos em seu estudo, privilegiando aquilo que julga mais importante para sua pesquisa, mas sempre tendo em mente que, na realidade, não existe uma cisão entre estes níveis de análise.

Desse modo, Rogoff discorda das concepções de desenvolvimento que concebem a cultura apenas como exercendo uma influência externa na vida da criança, e não como sendo algo que a constitui e é constituída por ela. Por meio deste processo, o indivíduo contribui para criação da atividade cultural, bem como esta contribui na criação do indivíduo. A posição da autora é a de que o desenvolvimento é “a transformação da participação das

pessoas em atividades socioculturais contínuas, as quais se modificam, elas próprias, com o envolvimento de indivíduos em sucessivas gerações" (Rogoff, 2005, p. 44).

Rogoff (1998) afirma que, por meio da participação guiada, a pessoa se beneficia da direção social de outra, por meio de uma participação ativa em uma relação intersubjetiva e da compreensão de que uma ajuda está sendo oferecida, sendo que a capacidade para intersubjetividade é um habilidade inata que a criança possui para compartilhar significados por meio de uma compreensão mútua. Na participação guiada o envolvimento da criança é ativo e permite que ela tome decisões e torne-se apta para ser independente do seu colaborador, de modo que "a intersubjetividade não se desenvolve pelo fato de a criança estar em contato com o meio, mas depende da qualidade das relações estabelecidas com ele" (Costa & Lyra, 2002, p.643).

A relevância das atividades conjuntas também é destacada por Bruner (1975a, 1997). O autor considera que o desenvolvimento de estruturas formais de linguagem ocorre por meio de interações em que a atenção e a atividade conjuntas servem de base e são reguladas pela linguagem. Para que se compreenda como esta última é adquirida, é necessário que o foco recaia sobre os usos que são feitos da linguagem desde seu surgimento, e não apenas sobre sua estrutura. Assim, Bruner reforça a importância da interação social para o desenvolvimento da linguagem, considerando que os indivíduos compartilham significados por meio de sua participação na cultura. Desse modo, a partir da cultura em que está inserida desde o seu nascimento a criança aprenderá, juntamente com os seus pares e por meio dos sistemas simbólicos compartilhados entre eles, a interpretar e dar significado à realidade (Bruner, 1997).

O papel do outro em interação com a criança também é enfatizado por Tomasello (2003), o qual considera que a capacidade dos seres humanos de se identificar com os demais seres de sua espécie é o que sustenta a cultura humana. Isso porque, por meio dessa

identificação, o indivíduo comprehende o outro como um ser intencional como ele mesmo, o que permite o envolvimento em processos de aprendizagem. Para o autor, “(...) apesar do rico meio cultural em que as crianças nascem, se não entenderem os outros como agentes intencionais (...), elas não serão capazes de tirar vantagem das habilidades cognitivas e do conhecimento dos co-específicos que se manifestam nesse meio cultural” (Tomasello, 2003, p.109). Assim, é por meio da interação que a criança aprende as práticas sociais materiais e simbólicas inerentes à sua cultura e, por meio disso, se desenvolve.

Esta característica cognitiva de reconhecimento de si e do outro como dotados de intencionalidade é exclusivamente humana e surge na criança por volta dos 9 meses de idade, e somente neste período as interações entre a criança e o adulto poderão ser chamadas de intersubjetivas, segundo Tomasello (2003). Ainda segundo Tomasello, já ao nascer a criança apresenta em suas primeiras interações as protoconversas, definidas como interações mãe-bebê caracterizadas por olhares, toques e vocalizações, que já são dotadas de conteúdo emocional e alternância de turnos. Com base nisso, considera-se o bebê como um ser social desde o nascimento, embora ainda não seja um ser intencional.

A compreensão da intencionalidade de si e do outro, que ocorre durante a “revolução dos 9 meses” descrita por Tomasello (2003), é indicada pelos comportamentos de atenção conjunta, em que o bebê passa a acompanhar o olhar do adulto e se engaja junto com ele na atenção a um determinado objeto. Neste contexto, além de estarem atentos a um mesmo fenômeno, ambos os membros da diáde devem saber, juntos, que compartilham desta atenção.

Dada a importância atribuída por estes autores à interação social para o desenvolvimento humano e da linguagem, apresentaremos alguns estudos que demonstram o quão relevantes são as interações entre mãe e bebê desde os primeiros meses de vida da criança.

## 1.2. Interação mãe-bebê e desenvolvimento da linguagem

O estudo das interações sociais tem sido desenvolvido desde o final do século XIX, sendo este tema relacionado a vários processos, dentre eles o desenvolvimento (Seidl de Moura, 2009). No início do século XX, Mead (1913) afirmou que a relação com o outro é essencial para a construção da personalidade do indivíduo, considerando o sujeito psicológico, ou *self*, como resultado de um processo social.

A importância da interação social para o desenvolvimento repousa no fato de que todas as funções superiores internalizadas pela criança foram um dia externas e, portanto, sociais, de modo que mesmo as primeiras interações do bebê com o adulto e com o meio social já são imprescindíveis para o seu desenvolvimento. Sendo assim, somente por meio de processos que inicialmente são de natureza externa e social o indivíduo se torna apto a desenvolver determinadas habilidades (Vygotsky, 1999).

Segundo a perspectiva da interação social do desenvolvimento da linguagem, esta é adquirida pela criança por meio tanto dos aspectos biológicos quanto dos socioculturais, sendo a interação social um fator fundamental para o desenvolvimento linguístico. Tal interação é concebida como bidirecional e recíproca, de forma que ambos, adulto e criança, contribuem para sua construção de maneira dinâmica (Salomão, 2010), em que é tarefa da mãe a criação de uma estrutura sócio-interativa que favoreça a aprendizagem da linguagem.

Um tipo especial de formato interativo vem sendo estudado a partir do que se chamou de atenção conjunta. Considerando-se que o desenvolvimento da linguagem depende das interações sociais da criança em seu meio, mediadas pelos *inputs* maternos em atividades conjuntas, destaca-se que, para tais contextos interativos ocorrerem, é necessário que ela tenha desenvolvido a habilidade de atenção conjunta. A relevância das atividades conjuntas para o desenvolvimento da linguagem já era destacada por Bruner (1975a, 1997) desde a década de 1970, visto que para ele o desenvolvimento de estruturas formais de linguagem

ocorre por meio de interações nas quais a atenção e a atividade conjuntas servem de base e são reguladas pela linguagem. Por meio de um experimento, Scaife e Bruner (1975) investigaram a capacidade da criança, em seu primeiro ano de vida, de seguir as mudanças na direção do olhar do adulto. Os resultados demonstraram que, conforme a idade da criança aumenta, cresce também a frequência das respostas de atenção visual conjunta, em especial o comportamento de alternar o olhar entre o experimentador e o objeto ou ação observados.

Também enfatizando a importância do olhar, Butterworth (1995) propõe três mecanismos sucessivos de atenção conjunta: o mecanismo ecológico, o mecanismo geométrico e o mecanismo representacional. O primeiro surgiria por volta dos seis meses e consiste na capacidade do bebê de utilizar o olhar do outro para orientar sua busca por objetos interessantes. O segundo mecanismo estaria presente no bebê por volta dos 12 meses, quando ele se torna capaz de mapear o caminho que o olhar da mãe percorre até o referente e consegue fixar o alvo que deseja. O mecanismo representacional torna o bebê capaz de olhar para trás em busca de objetos de interesse, o que é possível devido à representação mental do espaço em que se encontra circunscrito, e surgiria por volta dos 18 meses.

Baron-Cohen (1994) propõe um modelo segundo o qual o sistema neurocognitivo seria composto por quatro módulos, responsáveis por regular a capacidade humana de atribuir estados mentais aos outros, possibilitando a interpretação e a predição das ações alheias. Um dos mecanismos destacados pelo autor é o detector de direção do olhar (*Eye Direction Detector - EDD*), por meio do qual o bebê, desde os primeiros meses de vida, seria capaz de construir representações diádicas sempre que seu olhar localiza os olhos de outras pessoas. Este último seria um dos componentes do mecanismo de atenção compartilhada (*Shared Attention Mechanism - SAM*).

Considerando a atenção conjunta como algo que vai além da situação em que duas pessoas apresentam a mesma orientação visual, Tomasello (1995) afirma que esta habilidade

está mais fortemente relacionada à capacidade da criança em compreender o outro como um agente intencional cujas ações buscam atingir um determinado fim. Segundo o autor, um bebê de seis meses já pode apresentar o comportamento de olhar em direção a um objeto ou evento simultaneamente ao adulto, contudo este ainda não configura um episódio de atenção conjunta.

Desse modo, a atenção conjunta não consiste apenas seguir o olhar do outro em direção a um objeto externo, mas sim em duas pessoas experienciando a mesma coisa, ao mesmo tempo e, juntas, conscientes deste engajamento mútuo (Tomasello & Carpenter, 2007). Esta habilidade pode ser observada em comportamentos como acompanhar, dirigir ou compartilhar relações com objetos ou eventos por meio da compreensão das outras pessoas como agentes intencionais iguais a si próprio (Tomasello, 2003).

A atenção conjunta consiste, portanto, na capacidade que um indivíduo possui de compartilhar a sua atenção dirigida a um objeto ou atividade com outras pessoas, além de ser considerada por muitos estudiosos como uma habilidade fundamental para que a criança desenvolva sua intencionalidade e, com isso, a linguagem (Braz Aquino & Salomão, 2009; Salomão, 2010; Tomasello, 2003). Sequências de atenção conjunta são consideradas instâncias de interação (Seidl de Moura & cols., 2004) e as estratégias sociocomunicativas utilizadas pela mãe, como determinadas modulações da voz, expressões faciais, perguntas, comentários acerca do ambiente ou do contexto de interação, são fundamentais para que episódios de atenção conjunta possam emergir e se manter (Braz Aquino & Salomão, 2009). Além das estratégias citadas, o gesto de apontar possui um importante papel no estabelecimento de episódios de atenção conjunta e no curso da aquisição lexical inicial (Bruner, 1975a). Sendo assim, a atenção conjunta pode ser considerada um contexto que favorece a mediação do adulto em relação à criança e, consequentemente, facilita o aprendizado de novas habilidades.

Interações em contextos de atenção conjunta são consideradas facilitadoras do desenvolvimento linguístico infantil, em especial do acréscimo do repertório de substantivos (Snow, 1998; Bruner, 1975a), e a atenção conjunta pode ser um bom preditor do desenvolvimento linguístico e cognitivo (Mundy & cols., 2007). A partir do que Tomasello (2003) denomina a “revolução dos nove meses”, o bebê apresenta comportamentos de atenção conjunta como: acompanhar o olhar do outro na direção do seu objeto de interesse; envolvimento conjunto com o adulto em sessões relativamente longas de interação social mediada por um objeto, o que antes não era possível devido à sua atenção ainda entrecortada; aprendizagem por imitação, que permite que atue sobre os objetos da maneira como os adultos estão agindo sobre eles; e intencionalidade, que parecem indicar a compreensão das intenções do outro e de si.

A partir de seu estudo, Behne, Carpenter e Tomasello (2005) sugerem que, em um contexto de atenção conjunta, bebês de 14 meses já possuem a capacidade de inferir a intenção comunicativa das expressões não verbais de um parceiro, de modo que esta habilidade não se restringe apenas às interações linguísticas. Além disso, os autores afirmam que tal habilidade é de suma importância não somente para que a linguagem se desenvolva, mas também para a aprendizagem cultural e para as atividades de cooperação. A intencionalidade é o que diferencia o comportamento de apenas “seguir o olhar”, apresentado pelos primatas, da atenção conjunta, presente nos humanos. As crianças, assim como os primatas, sabem o que os outros veem mas, além disso, tentam compartilhar a atenção com os outros. Esta intersubjetividade possibilita a construção de atividades com objetivos compartilhados, como a comunicação cooperativa, importante para o processo de aprendizagem (Tomasello & Carpenter, 2007).

Desde o seu nascimento as crianças já estão capacitadas para tomar parte das interações sociais de forma ativa, mostrando-se sensíveis às emoções dos outros humanos e

respondendo a elas por meio de movimentos corporais e faciais em direção à mãe, o que denota uma predisposição para a interação intersubjetiva (Braz Aquino & Salomão, 2009; Lampreia, 2008, Trevarthen, 2001). Mesmo as primeiras reações da criança à voz humana já possuem uma função social, demonstrando uma capacidade de estabelecer comunicação, mesmo que ainda pré-linguística (Vygotsky, 2001).

Assim, as primeiras interações mãe-bebê, de caráter emocional, levam ao surgimento da *intersubjetividade primária*, a qual é marcada pelo interesse que o bebê já apresenta pela face e pela fala da mãe e por sua capacidade de ser responsável às solicitações desta. Essas primeiras manifestações da comunicação, que denotam uma predisposição dos humanos para serem sociais, surgem entre 2 e 3 meses de idade e ocorrem por meio de sorrisos, vocalizações, movimentos e expressões em alternância de turnos, construindo-se uma espécie de diálogo, ou protoconversação, de caráter primordialmente afetivo focado nas trocas face-a-face (Trevarthen, 2001).

Tomasello (2003) não considera estas primeiras interações como intersubjetivas pois, para ele, antes dos nove meses a criança ainda não teria a compreensão do outro como um sujeito, embora o autor admita que tais interações já possam ser vistas como sociais devido ao seu conteúdo emocional e à evidência de alternância de turnos. O ambiente em que a criança nasce já possui elementos socioculturais, de modo que é possível considerar o bebê como um ser social mesmo no início de sua vida, quando ele ainda não dispõe da linguagem e dos símbolos para se comunicar.

Mais tarde, a criança passa a direcionar sua atenção e olhar para os objetos do ambiente e apresenta uma interação diádica alternada ora com a mãe, ora com os objetos (Seidl de Moura & cols., 2004; Tomasello, 2003; Trevarthen, 2001; Vygotsky, 2001). Conforme se desenvolve, a criança torna-se capaz de interagir com a mãe e com os objetos simultaneamente, dentro de um quadro de atenção compartilhada de caráter triádico,

composto por mãe-bebê-objeto/evento, e intencional denominado *intersubjetividade secundária*. Essa importante modificação na intencionalidade ocorre quando a criança está com cerca de nove meses de idade e mudará o modo como a mãe fala e age em relação à criança (Lampreia, 2008; Volterra & cols., 2005; Tomasello, 2003; Trevarthen, 2001).

Trevarthen (2001) considera que a capacidade inerente e exclusivamente humana que a criança possui de interagir com as demais pessoas de seu meio, que ele denomina de inteligência social, é causa necessária, mas não suficiente, para que ela alcance o desenvolvimento psicológico de habilidades que dependem da aprendizagem cultural, como a linguagem.

Além dos processos de interação, Rossetti-Ferreira, Amorim e Silva (2000) apontam como importantes para moldar os comportamentos dos membros ativos da diáde os aspectos físicos, biológicos, sociais, econômicos e ideológicos. As autoras consideram que o desenvolvimento não ocorre pela interação em si, mas sim pelos conflitos e crises criados dentro dela e por meio dos quais as pessoas sofrem transformações. A cada interação, diferentes práticas se constroem e formam contextos de desenvolvimento diversos de modo que, ao se tomar a relação como unidade de análise, tanto os membros da interação quanto as ações e comunicações construídas em seu interior são englobados.

As interações ocorrem de diferentes formas, de acordo com as práticas e tradições presentes nas diversas culturas humanas existentes (Rogoff, 2005) e têm em comum o fato de que ocorrem em contextos de cuidados dos adultos ou crianças mais velhas para com os bebês, a fim de garantir a estes últimos o seu pleno desenvolvimento e sua inserção na cultura. Além disso, as interações tendem a se transformar conforme o bebê se desenvolve por meio de processos de maturação ontogenética, de modo que elas se modificam tanto em termos dos contextos em que ocorrem quanto das estratégias utilizadas para a comunicação (Seidl de Moura, Ribas, Seabra, Pessôa, Ribas Jr., & Nogueira, 2004; Seidl de Moura, 2009).

Este último aspecto demonstra que os aspectos biológicos da criança devem ser considerados em conjunto com os elementos sociais.

Antes mesmo do nascimento do seu filho, a mãe já possui expectativas e ideias acerca do bebê que irão direcionar a forma como ela organizará as suas práticas de interação, o que por sua vez influenciará o desenvolvimento da criança. Deve ser considerado que, mesmo essas ideias individuais maternas, são construídas a partir de uma cultura coletiva. A partir dessa concepção, a comunicação mãe-bebê se faz com limites e possibilidades que são culturalmente construídos, por exemplo, aqueles relacionados à linguagem, à cultura, ao grupo social, à família e à própria mãe como indivíduo (Lyra, 2000).

Segundo Seidl de Moura e colaboradores (2004), a comunicação mãe-bebê ocorre por meio de contato visual, sorriso, choro, expressões faciais, vocalizações, gestos, posturas, brincadeiras, aproximação ou afastamento do corpo. O significado de tais comportamentos é atribuído pela mãe, que interpreta as ações da criança de acordo com os conhecimentos, concepções e expectativas que tem acerca de seu bebê e do desenvolvimento em geral. Assim, os autores consideram que a capacidade infantil de estabelecer interações sociais é prontamente percebida pelas mães como presente em seus bebês. Afirmam ainda que a comunicação da diáde tende a se modificar de acordo com essas ideias maternas e também conforme a criança se desenvolve, o que pode ser demonstrado por meio de estudos longitudinais como o que estamos propondo.

Essa ideia materna de que seu filho é um interlocutor na relação estabelecida entre ambos é chamada por Cavalcante (2008) de *intersubjetividade suposta*, a qual se manifesta quando o adulto assume o papel do bebê, falando “como se” fosse ele (fala atribuída), dando forma a um esboço de um quadro dialógico. Esta fala atribuída ocorre já nas primeiras interações face-a-face em que a mãe utiliza o “manhês”, e pode ser acompanhada de sorrisos e outros movimentos da face. Ainda acerca da percepção materna das habilidades

sociocomunicativas de seus bebês, Braz Aquino e Salomão (2011) afirmam que muitas mães não percebem tais habilidades presentes em seus filhos no primeiro ano de vida, o que pode refletir-se nas formas de interação que serão estabelecidas por elas e nas respostas que darão às condutas da criança. De acordo com os dados obtidos em seu estudo, as autoras verificaram que a maior parte das mães tende a relacionar a comunicação aos comportamentos de vocalização e fala, embora considerem os gestos como principal ferramenta comunicativa de seus bebês no período evolutivo estudado, que variava entre seis, nove e doze meses de idade.

A forma e a duração das interações da mãe com o seu bebê dependem do repertório de comportamentos já presente na criança e se modificam de acordo com o seu desenvolvimento. Isso ocorre porque as mães são capazes de compreender e se ajustar intuitivamente à comunicação dos bebês, que por sua vez também se ajustam às mães, de modo que a reciprocidade e a comunicação são constituintes fundamentais das interações diádicas bidirecionais (Seidl de Moura & cols., 2004). Os tipos de comportamentos apresentados pela mãe durante a interação são influenciados por diversos aspectos, como concepções maternas, idade e desenvolvimento do bebê (Seidl de Moura & cols., 2004), a inclusão de objetos nas atividades da diáde e os tipos de intersubjetividade estabelecidas (Vila, 1995), fatores culturais (Rogoff, 2005), e também pelo gênero do bebê (Acredolo & Goodwyn, 1988; Braz & Salomão, 2002).

Os comportamentos pré-linguísticos como choro, sorriso, desconforto, prazer, calma e padrões vocais e de entonação são recursos disponíveis ao bebê para que possa se manifestar e seu significado é atribuído pelo adulto. Tais comportamentos são prontamente interpretados pela mãe como um sinal de que o bebê deseja comunicar algo, de modo que é ela quem irá dotar tais gestos de sentido, o qual será aprendido futuramente pelo bebê, que então passará a utilizá-los intencionalmente (Braz Aquino & Salomão, 2011). Assim, “(as mães) se

apropriam das ações comunicativas dos bebês, dão a elas um significado, as interpretam de acordo com suas referências, e agem, em resposta aos bebês, de acordo com esta interpretação” (Seidl de Moura e cols., 2004, pp. 300-301). Neste sentido, Lyra e Seidl de Moura (2000) afirmam que, para Bruner (1996), embora se localizem na mente, os significados são construídos no seio da cultura em que o indivíduo está inserido, de modo que é válido afirmar que os instrumentos utilizados por ele para organizar seu mundo são fornecidos pela cultura.

Com base no que foi discutido, podemos afirmar que os gestos são uma forma de comunicação de grande importância durante as primeiras interações entre a mãe e seu bebê, em especial na fase em que este ainda não tem totalmente desenvolvidas as habilidades necessárias para se expressar verbalmente. A fim de compreendermos melhor esta questão, apresentaremos estudos acerca deste tipo de comunicação mais detalhadamente a seguir.

### **1.3. Os gestos: sua emergência, desenvolvimento e funções**

Muitos estudiosos (Acredolo & Goodwyn, 1988; Camaioni & cols., 2003; Iverson & Goldin-Meadow, 2005; Rowe & Goldin-Meadow, 2009; Schults, Tulviste & Konstabel, 2011; Volterra & cols., 2005) concordam que a linguagem não verbal, mais especificamente a gestual, tem relação direta com o desenvolvimento posterior da linguagem verbal, a segunda sendo derivada da primeira.

Inicialmente, a criança utiliza sinais naturais desprovidos de intenções ou significados que somente mais tarde se tornarão convencionais (Lampreia, 2008). Em seguida, surgem os gestos dêiticos, que têm como função indicar onde um objeto está localizado e demonstrar interesse em uma situação, como apontar, mostrar e oferecer. Conforme o bebê se desenvolve, os gestos passam a servir para representar simbolicamente objetos, necessidades e estados, de modo análogo às primeiras palavras (Acredolo & Goodwyn, 1988). Estes últimos são denominados gestos representativos e, no decurso do desenvolvimento da criança, eles são substituídos pelas próprias palavras.

De acordo com Tomasello (2003), os bebês recém-nascidos já são capazes de interagir de modo recíproco por meio de protoconversas, caracterizadas pelos comportamentos de olhar, tocar e vocalizar para expressar emoções básicas, ou da mímica neonatal, que consiste na imitação de movimentos dos adultos, como da cabeça e da boca. Nesta fase o bebê apresenta apenas gestos ritualísticos diádicos como, por exemplo, levantar os braços solicitando ser colocado nos braços. Dos nove aos doze meses o bebê apresenta interações triádicas, representadas por comportamentos que envolvem uma coordenação da interação entre objetos ou eventos e pessoas. O bebê passa então a utilizar gestos dêiticos triádicos, que indicam para o adulto uma entidade externa. Entretanto, o processo de desenvolvimento destes gestos pode ser considerado ainda uma ritualização, em que o bebê estica o braço e/ou o dedo em direção a algo e obtém uma resposta do adulto a esse comportamento, como na

formação do gesto descrita por Vygotsky (1999). Tomasello (2003) afirma também que alguns estudos consideram que, quando o gesto é ritualizado, ou seja, quando ainda não é entendido como um símbolo compartilhado, a criança pode apontar sem compreender o sentido do apontar do outro. Porém, essa dissociação deixaria de ocorrer em crianças que apontam com o dedo indicador ao invés da mão (Liszkowski & Tomasello, 2011).

No conjunto de repertórios gestuais, o gesto de apontar é considerado como social e intencional desde seu início por Liszkowski e Tomasello (2011), os quais afirmam que os bebês tendem a apontar mais quando acompanhados e que existem relações entre a frequência com que a mãe e a criança utilizam o gesto. Sua importância para a comunicação se reflete no fato de que os gestos dêiticos continuam a fazer parte do repertório comunicativo da criança mesmo depois que ela desenvolve a linguagem oral, apresentando-se em combinações gesto-palavra, cuja função é tornar a comunicação mais eficiente (Camaioni, Aureli, Bellagamba & Fogel, 2003; Volterra, Caselli, Capirci & Pizzuto, 2005).

Antes de se constituírem gestos, os primeiros sinais naturais surgem espontaneamente nas crianças com desenvolvimento típico e, conforme estas se desenvolvem, estes movimentos tornam-se gestos que servirão para a representação simbólica de objetos, necessidades, estados e qualidades, funcionando de modo parecido aos primeiros símbolos verbais, pois ambos, gestos e primeiras palavras, dependem da compreensão do indivíduo de que os objetos possuem nomes (Acredolo & Goodwyn, 1988). Durante as trocas mãe-bebê nas quais se observa a ocorrência de episódios de atenção conjunta, a criança apreende os significados do símbolo linguístico utilizado pelo adulto, pois tais episódios ocorrem no contexto de rotinas estruturadas e repetitivas em que a díade está engajada em interação, de modo que a emergência dos gestos simbólicos e o desenvolvimento da linguagem ocorrem neste ambiente ideal onde a criança realiza a associação entre o rótulo e seu referente linguístico (Acredolo & Goodwyn, 1988; Bruner, 1975a; Lampreia, 2008). Isso se dá, por

exemplo, por meio de procedimentos como alimentação e higiene do bebê que, independentemente de quem os realiza, não apresentam uma grande variabilidade e permitem que a diáde compartilhe expectativas, de modo que a partir de determinados comportamentos, um possa prever a resposta do outro (Vila, 1995).

Outra característica presente nestes contextos de rotinas é a de que as mães atribuem significados às ações do bebê (Bruner, 1975b; Goldin-Meadow, Goodrich, Sauer, & Iverson, 2007; Seidl de Moura, 2009). Desse modo, as estruturas comunicativas e os gestos representativos exercem um importante papel no caminho que a criança percorre até chegar ao ponto em que começa a compreender os símbolos e a se expressar por meio deles (Camaioni & cols., 2003).

Goldin-Meadow, Goodrich, Sauer e Iverson (2007) notaram que as mães traduzem os gestos dos seus bebês em palavras, fornecendo *input* para que a criança possa adquirir os nomes dos objetos e as sentenças de mais de uma palavra. A partir disso, investigaram como a tradução realizada pela mãe dos gestos do bebê influencia no desenvolvimento futuro da linguagem da criança e como essas traduções estão relacionadas às palavras presentes no seu vocabulário posteriormente. Observaram que as palavras que a mãe utilizava para rotular os gestos do bebê apresentavam uma correlação positiva com as palavras presentes no vocabulário deste último alguns meses depois. Isso talvez ocorra porque, segundo Schults, Tulviste e Konstabel (2011), baseando-se em um estudo realizado para verificar a relação entre a compreensão e a produção de diferentes categorias de gestos e palavras, mesmo que ainda não tenha a habilidade de se comunicar verbalmente, a criança já é capaz de compreender palavras que designam objetos ou ações a partir dos oito ou dez meses de idade.

As mães não rotulam apenas objetos físicos presentes no ambiente, mas também referentes abstratos, como os estados mentais de si e do bebê. Slaughter, Peterson e Carpenter (2009) observaram em seu estudo que as mães falam sobre os estados internos de seus bebês

em termos de volição, cognição e disposição, e que o tipo de rótulo varia de acordo com o desenvolvimento da competência comunicativa gestual da criança.

Sendo assim, a função comunicativa da linguagem não depende exclusivamente dos símbolos vocais, mas esta já se produz por meio dos comportamentos não verbais, tais como gestos de oferecer, mostrar e apontar (Acredolo & Goodwyn, 1988). Este último consiste em um tipo de gesto que se encontra presente em todos os indivíduos da espécie humana (Leavens & Hopkins, 1999; Liszkowski & Tomasello, 2011) e, quando utilizado com a intenção de compartilhar com outro indivíduo a atenção a um objeto, torna-se um ato comunicativo presente exclusivamente nos humanos (Tomasello, 2003). Desse modo, as modalidades gestual e vocal da comunicação se constituem por meio de um *continuum* durante o desenvolvimento da criança, sendo demonstrado que existe uma correlação entre a quantidade de gestos produzidos pela criança aos 16 meses e o total de palavras que ela será capaz de expressar aos 20 meses (Volterra & cols., 2005).

Neste sentido, Iverson e Goldin-Meadow (2005) atribuem aos gestos a função de “pavimentar” o caminho para o desenvolvimento futuro da linguagem, atuando como facilitadores neste processo. Como possibilidades de explicação para este fenômeno, os autores citam, primeiramente, que os gestos serviriam para o parceiro da criança como um sinal de que ela estaria pronta para um tipo particular de *input* verbal. Em segundo lugar, significados relativos a representações visuoespaciais podem ser mais fáceis de serem expressos em gestos do que em palavras. Os autores afirmam ainda que os gestos demandariam menos o uso da memória do que as palavras, além de possibilitarem à criança o acesso a novos significados e fornecerem oportunidades para colocá-los em prática.

Os gestos dêiticos surgem entre nove e 12 meses de idade, ao mesmo tempo em que a criança começa a compreender as primeiras palavras (Schults, Tulviste & Konstabel, 2011). Solicitar algo por meio do gesto de alcançar é um tipo primitivo de gesto dêitico do bebê cujo

uso declina aproximadamente aos 11 meses, enquanto que o uso do apontar continua a crescer entre os 16 e 20 meses (Iverson, Capirci & Caselli, 1994). Sendo assim, o apontar é um gesto que será utilizado como meio de comunicar algo durante toda a vida do indivíduo, apresentando-se associado à linguagem verbal nos adultos (Melinguer & Levelt, 2004). Segundo Leavens e Hopkins (1999), bebês tendem a utilizar o apontar com toda a mão mais frequentemente, enquanto os chimpanzés utilizam mais o apontar com o dedo indicador. Além disso, alternância de olhar durante o apontar é mais comum em primatas em cativeiro do que em crianças humanas de cerca de um ano de idade, embora vocalizações durante a apresentação deste gesto sejam mais comuns em nossa espécie.

O movimento de estender o braço em direção a um objeto, muitas vezes abrindo e fechando a mão, pode ser interpretado tanto como uma tentativa de alcançar quanto como uma solicitação, significando “dê-me”. Assim, tal gesto aparece categorizado como *alcançar ritualizado* (Goldin-Meadow, Goodrich, Sauer, & Iverson, 2007), *alcançar com a mão aberta* (Olson & Masur, 2011), *apontar com toda a mão* (Leavens & Hopkins, 1999), ou como *solicitação ritualizada* (Iverson, Capirci & Caselli, 1994). Isso talvez ocorra por ser difícil estabelecer se, ao apresentar este movimento, o bebê tem alguma intenção comunicativa subjacente ou apenas tenta pegar um objeto. Messinger e Fogel (1998), por sua vez, consideraram como solicitações os gestos do bebê de estender um braço em direção ao objeto, apontar para um objeto ou mostrar a mão com a palma para cima indicando que deseja que a mãe lhe dê algo. Se o bebê apenas estender o braço na direção do objeto, o último deve encontrar-se fora de alcance, de modo que apenas um ato comunicativo poderia assegurar a sua obtenção. É importante destacar que, neste caso em particular, os autores consideram o apontar como um modo de a criança conseguir a ajuda do adulto para obtenção de um objeto, ou seja, consideram o gesto apenas em seu sentido protoimperativo, desconsiderando a função protodeclarativa do apontar.

Acerca da combinação entre as linguagens verbal e não verbal, Cavalcante (2008) considera que gestos e palavras atuam em conjunto, o que tem como consequência o fim da distinção entre período pré-verbal e verbal e concede aos gestos um estatuto linguístico. Neste sentido, McNeill (2007) parte da premissa de que a gestualidade e os diversos tipos de produções verbais formam um conjunto que não é passível de ser dissociado, pois são parte de uma única matriz de produção e significação. Se, inicialmente, os gestos eram considerados como relevantes apenas durante a fase pré-linguística da comunicação, de modo que na fase linguística somente a modalidade verbal era vista como comunicativa, pesquisas mais recentes (Camaioni & cols., 2003; Liszkowski & Tomasello, 2011; Volterra & cols., 2005) mostram que os gestos, especialmente os dêiticos, continuam a fazer parte da comunicação das crianças sob a forma de combinações gesto-palavra, mesmo depois que elas são capazes de utilizar palavras e apresentam uma expansão de seu vocabulário.

Para Rochet-Capellan, Schwartz, Laboissière e Galván (2007), a associação entre ações orofaciais, ligadas à fala, e ações manuais, relativas ao gesto, em uma função dêitica estaria na raiz da emergência das primeiras palavras tanto ontogeneticamente quanto filogeneticamente. Desse modo, o processo de evolução teria privilegiado a capacidade de associar fala e gestos em um processo comunicativo coerente. Para isso, é preciso que haja um controle motor para que se observe a capacidade de apontar (primeiro com o braço, depois com a mão e somente depois com o dedo indicador) e os gestos de abrir e fechar a mandíbula, necessários para o balbucio. Os autores afirmam que desde os primeiros meses a criança já apresenta uma ligação entre seus murmurários e gestos e mais tarde passam a associar o gesto de apontar a palavras durante a transição da fase de uma palavra para a fase de duas palavras.

Estas combinações gesto-palavra, observadas em crianças durante estudos do desenvolvimento (Camaioni & cols., 2003; Liszkowski & Tomasello, 2011; Volterra & cols.,

2005), tenderia a continuar aparecendo nos adultos, demonstrando a importância da articulação entre a comunicação oral e gestual para a linguagem humana. Considerando que os estudos citados não fornecem informações detalhadas acerca das diferentes formas que as vocalizações podem apresentar, Papaeliou e Trevarthen (2006) realizaram uma pesquisa com bebês de dez meses e encontraram evidências de que a duração e o padrão de entonação da vocalização podem variar conforme ela esteja sendo utilizada para fins de comunicação ou de reflexão.

Os signos que atuam como mediadores da atividade infantil são, inicialmente, externos e só depois se tornam internos. Como vimos anteriormente, Vygotsky (1999) denomina a reconstrução de uma operação externa internamente de *internalização*, e utiliza como exemplo o desenvolvimento do gesto de apontar. No princípio a ação consiste em uma tentativa da criança de alcançar um objeto por meio do ato de esticar o braço e fazer movimentos de “pegar” com as mãos. Esta ação se torna um gesto para a mãe, pois ela reage atribuindo significado ao movimento da criança. Somente quando a criança compreender seu movimento com sendo um gesto de apontar dotado de significado é que ele deixará de ser orientado ao objeto e passará a ser direcionado a outra pessoa, tornando-se realmente um ato que pode ser utilizado para estabelecer relações e deixando de ser um simples movimento. Quando o movimento de tentar alcançar apresenta-se fisicamente simplificado, manifesta-se objetivamente para os outros e é entendido por estes como tal, torna-se um gesto.

Assim, as ações da criança desde cedo adquirem um significado social próprio devido ao fato de que os significados de seus atos são atribuídos pelo meio social em que ela está inserida, havendo sempre outra pessoa que atua como mediadora entre a criança e o objeto, de modo que a história de um indivíduo está ligada à própria história da sociedade em que vive. Liszkowski e Tomasello (2011) afirmam que o “apontar para alcançar” descrito por Vygotsky não explica o fato de que o comportamento de alcançar continua a ocorrer com a

mesma frequência mesmo depois que surge na criança o gesto de apontar. Além disso, citam o fato de que este último gesto é também utilizado pela criança de 12 meses para indicar a localização de objetos e expressar e compartilhar interesse em uma situação, usos que não parecem estar relacionados com a tentativa de alcançar algo. Os autores adotam uma abordagem sociopragmática e afirmam que o gesto de apontar é uma atividade social, pois crianças tendem a apontar menos quando sozinhas e mais quando acompanhadas, e é intencional desde o seu surgimento, que ocorre entre oito e quinze meses de idade.

Neste estudo, Liszkowski e Tomasello (2011) compararam o apontar com toda a mão e com o dedo indicador em crianças de 12 meses de idade. Primeiramente, os autores diferenciam ambos: o apontar com a mão ocorreria quando não há indicativo claro de que o dedo indicador se encontra esticado; o apontar com o dedo indicador, quando este se encontra visivelmente estendido em relação aos outros dedos. Os resultados encontrados demonstram que apontar com o dedo indicador está relacionado a maior frequência do gesto, maior acompanhamento de vocalizações e melhor compreensão da intenção referencial subjacente ao ato de apontar de outra pessoa, de modo que apontar com o dedo indicador demandaria uma compreensão por parte da criança de intenções comunicativas que o apontar com a mão ainda não apresenta. Além disso, o estudo demonstrou que há uma relação entre o apontar da criança e o apontar da mãe, já que crianças que apontavam muito possuíam mães que também apontavam muito.

Deste modo, os autores supõem que o gesto de apontar consiste em uma prática social conjunta que se dá pela atenção compartilhada entre adulto e criança em direção a um objeto. Por exemplo, para que haja comunicação, deve haver a compreensão mútua não apenas “do que” o outro aponta, mas também do “porquê” ele aponta (Behne & cols., 2005; Tomasello, Carpenter & Liszkowski, 2007). Com base nestes resultados Liszkowski e Tomasello (2011) afirmam que a origem do apontar decorre tanto das práticas sociais compartilhadas quanto de

habilidades cognitivas presentes na atenção compartilhada e presumem que o apontar com a mão é uma forma anterior ao apontar com o indicador, visto que todas as crianças que apontavam com o dedo também apontavam com a mão, mas o contrário não ocorria.

Leavens e Hopkins (1999) consideram que o apontar com toda a mão também é comunicativo, considerando-o uma subcategoria dos gestos indicativos, assim como o apontar canônico. Para diferenciar este gesto do simples ato de tentar alcançar algo, os autores preferem deixar o termo “alcançar” para ser usado apenas nos casos em que haja uma real tentativa de preensão por parte da criança, no sentido de tocar ou agarrar um objeto.

De acordo com Braz Aquino e Salomão (2010), a intencionalidade dos bebês pode ser apreendida por meio das formas de comunicação que eles utilizam para chamar a atenção de suas mães. Em um estudo longitudinal em que foram realizadas observações com diádes mãe-bebê aos 6, 9 e 12 meses de idade da criança para pesquisar a comunicação intencional em bebês no primeiro ano de vida, Braz Aquino (2008) verificou que aos seis meses surgem indícios de habilidade de comunicação intencional, o que pode ser observado por meio da tendência das crianças em estender os braços e se inclinar em direção às mães. Aos nove meses há evidências de intencionalidade, visto que os bebês estendem apenas um dos braços, alternando o olhar entre a mãe e o objeto. Aos doze meses os bebês passam a utilizar o apontar canônico (apontar com braço e dedo indicador estendidos) acompanhado algumas vezes de vocalizações, também alternando o olhar entre a mãe e o objeto. O apontar canônico pode ser visto como uma nova e importante evidência da comunicação intencional do bebê. Nesse sentido, considera-se que a intencionalidade já se faz presente nas primeiras formas de comunicação não verbais, como os gestos, expressões faciais, movimentos corporais e posturas (Braz Aquino & Salomão, 2010).

A importância da experiência compartilhada para o uso do apontar na comunicação é enfatizada por Liebal, Behne, Carpenter e Tomasello (2009), cujos dados obtidos em um

estudo com bebês de 14 e 18 meses sugerem que o mesmo gesto de apontar, em direção ao mesmo objeto e dentro de um mesmo contexto, pode ser interpretado pela criança de formas diferentes, dependendo da atividade de cooperação vivenciada anteriormente com o parceiro.

De acordo com Volterra e colaboradores (2005), os pais tendem a encorajar as crianças a utilizarem principalmente os símbolos vocais para se comunicarem, embora o contato físico com um objeto torne mais possível o surgimento na criança de um gesto do que de uma palavra. Esses autores afirmam ainda que existem grandes similaridades entre a produção gestual e vocal durante os primeiros estágios da aquisição da linguagem. Segundo os autores, a modalidade de comunicação gestual foi muitas vezes considerada como não comunicativa ou como sendo referencial, enquanto a comunicação verbal sempre foi vista como comunicativa e referencial independente do contexto em que é usada. Contudo, afirmam que muitos estudos mostram que isso não é verdadeiro, pois alguns esquemas gestuais serviriam para comunicar algo acerca de um referente específico de uma forma descontextualizada e simbólica.

Com base nos estudos de alguns autores acerca do tema, os gestos podem ser classificados em duas categorias:

a) Gestos dêiticos: marcam a comunicação intencional da criança entre os 9 e 12 meses. Podem ser exemplificados por meio do apontar, mostrar, oferecer e solicitar e podem ser usados isoladamente ou acompanhados de vocalizações e, mais adiante, por palavras, formando combinações gesto-palavra. Tais gestos expressam uma intenção da criança e se referem diretamente a um objeto ou evento por meio de indicação ou toque, não guardando semelhanças com o referente, de modo que seu significado só pode ser apreendido se relacionado ao contexto em que é produzido (Iverson, Capirci & Caselli, 1994; Acredolo & Goodwyn, 1988; Camaioni & cols, 2003). A frequência dos gestos dêiticos continua a crescer mesmo quando a criança já possui uma considerável capacidade de utilizar palavras,

apresentando-se em combinações gesto-palavra que podem consistir em um meio de a criança expressar de forma mais clara e produtiva a sua intenção, pois podem reforçar a mensagem, diminuir sua ambiguidade e ampliar o seu significado (Camaioni & cols., 2003; Volterra & cols., 2005).

b) Gestos representativos ou simbólicos: começam a ser utilizados entre os 12 e 15 meses. Tais gestos representam um referente específico e seu significado se mantém estável independente do contexto em que é apresentado, embora dependam do contexto para serem interpretados (exemplo: balançar a mão significando “tchau”). Na mesma época, a criança desenvolve a capacidade de utilizar palavras para se referir a objetos. A produção dos gestos representativos e das palavras nesta fase ocorre de forma muito parecida se considerarmos que ambos passam paulatinamente por um processo de descontextualização que dará a eles o seu caráter simbólico. Com o tempo, os gestos representativos referentes a palavras passam a ser substituídos pelo uso das próprias palavras, de modo que sua frequência aumenta até que chega a um pico e depois começa a diminuir. Assim, o desenvolvimento da linguagem e a aquisição das primeiras palavras pela criança estão fortemente ligados aos gestos representativos (Acredolo & Goodwyn, 1988; Camaioni e cols., 2003).

Ainda acerca dos gestos representativos, Volterra e colaboradores (2005) afirmam que muitos dos gestos apresentados pela criança, como segurar o punho vazio próximo da orelha significando “telefone”, são usados com o intuito de comunicar algo em contextos similares àqueles em que as primeiras palavras são produzidas. Esses tipos de ações podem também ser denominadas de “gestos referenciais”, pois estão relacionadas a um referente específico e seu conteúdo semântico permanece relativamente estável mesmo em diferentes contextos e situações. Tais gestos adquirem uma forma e um significado específicos por meio de uma concordância que ocorre entre a diáde nas interações mãe-bebê e diferem dos gestos dêiticos, como apontar e mostrar, por estarem carregados de conteúdo.

Os gestos representativos podem ser gestos relacionados ao uso de objetos ou gestos nominais. No primeiro caso, referem-se à ação específica utilizada na manipulação de determinados tipos de objeto, como o modo de segurar uma colher (Schults, Tulviste & Konstabel, 2011). No segundo caso, podem rotular um objeto de duas formas: por meio da reprodução da ação que o indivíduo desempenha com o objeto referente ou por meio da reprodução do movimento executado pelo próprio referente (Iverson, Capirci & Caselli, 1994). Neste sentido, Acredolo e Goodwyn (1988) demonstram em seu estudo que os gestos tendem a representar mais a função do que a forma dos objetos. Schults, Tulviste e Konstabel (2011) afirmam que a criança começaria a apresentar este tipo de gesto com cerca de um ano de vida, ao mesmo tempo em que começaria a nomear os objetos. Segundo os autores, haveria uma correlação positiva entre o número de gestos relacionados a objetos apresentados pela criança e a extensão de seu vocabulário no futuro.

McNeill (2007) apresenta uma classificação dos gestos, dividindo-os em: gesticulação, pantomima, gestos emblemáticos e língua de sinais. A gesticulação consiste nos movimentos corporais e posturas que acompanham o fluxo da fala, e possui em suas características marcas tanto sociais quanto individuais; a pantomima indica a simulação de uma ação ou representação de um ato individual, de modo que possui a característica de uma narrativa; os gestos emblemáticos são estabelecidos culturalmente e, portanto, convencionais, como o apontar, determinado pela cultura como gesto dêitico; a língua de sinais consiste no sistema linguístico de uma determinada comunidade como, por exemplo, a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). Esta classificação leva em conta a relação dos gestos com a fala de modo que, na ordem em que foram apresentados, a presença de fala diminui. Assim, nos bebês que ainda não desenvolveram a linguagem verbal, há uma maior frequência de gestos pantomímicos e emblemáticos, embora tenham sido observadas relações entre gestos pantomímicos e enunciados de uma palavra, as holófrases (Lima, Cavalcante & Costa Filho,

2011). Cavalcante (2008) acrescenta que os gestos com características individuais tendem a ser substituídos por aqueles regulados pela sociedade.

Os gestos agem como sinais convencionais que possuem a função de ajudar o bebê a expressar suas intenções, por meio da coordenação de meios e fins, sendo classificados em protodeclarativos e protoimperativos e, segundo Cavalcante (2008), podem ser considerados precursores dos performativos da língua, declarativos e imperativos. Ambos ocorrem em episódios de atenção compartilhada de caráter bidirecional em que o bebê, além de dirigir o comportamento do outro, também é capaz de seguir a atenção e o comportamento deste (Lampreia, 2008).

a) protodeclarativos ou declarativos: com o *gesto declarativo* a criança destaca um objeto do ambiente como meio para captar a atenção materna por meio de ações comunicativas como mostrar e oferecer e do gesto de apontar (Lampreia, 2008; Tomasello, 2003; Volterra & cols., 2005).

b) protoimperativos ou imperativos: por meio do *gesto imperativo* o bebê utiliza a mãe como ferramenta para obter um objeto de seu interesse ou um determinado fim, por meio do apontar (Lampreia, 2008; Tomasello, 2003; Volterra & cols., 2005).

Contudo, para Messinger e Fogel (1998) tanto solicitar quanto oferecer são gestos protoimperativos, pois quando o bebê solicita algo ele está utilizando um meio social, a mãe, como um modo de obter um objeto. Por outro lado, quando a criança oferece algo, ela utiliza um objeto como meio para atingir um fim social. Desse modo, para esses autores, os gestos possuem uma dupla função, podendo apresentar um uso instrumental ou de estabelecimento de contato social.

Tanto o apontar protoimperativo quanto o protodeclarativo não seriam, segundo Tomasello e colaboradores (2007), uma mera tentativa da criança de causar uma mudança no comportamento das outras pessoas, por meio de um “fazer”, mas já consistiriam em uma

tentativa de influenciar o estado intencional ou mental destas, por meio de um “saber”. Além disso, os autores afirmam que o apontar depende de algumas habilidades exclusivamente humanas, além de motivação para a cooperação e intencionalidade compartilhada (intenção e atenção conjunta), adotando uma visão social acerca deste gesto.

A base formada pela comunicação pré-linguística dará suporte para as primeiras habilidades linguísticas da criança, já que tanto o apontar quanto a linguagem verbal são formas de comunicação que possuem a intencionalidade compartilhada como fundamento, tanto em seu aspecto sócio-cognitivo quanto sócio-motivacional (Tomasello & cols, 2007; Liebal & cols, 2009). Desse modo, haveria uma continuidade entre a comunicação pré-linguística e a linguística, e o desenvolvimento desta última não se daria em um salto mas, ao contrário, a criança primeiramente apresentaria suas intenções por meio de gestos e vocalizações que somente mais adiante se tornariam simbólicas e verbais (Camaioni & cols., 2003).

Uma diferenciação entre o símbolo, que é convencional, e o sinal natural, que não possui esta característica, é apontada por Lampreia (2008). A autora cita que, para Tomasello, não só as palavras são símbolos, mas o gesto de apontar também é simbólico e convencional. Afirma também que, para Bates, o gesto, apesar de ser um sinal convencional, visto que seu significado é reconhecido pela criança e pelo adulto por meio de uma convenção estabelecida entre eles, não é simbólico, pois é apenas fruto de uma *ritualização* e a criança não é capaz de utilizá-lo para evocar ou substituir algo que não está no contexto.

Desse modo, entre o sinal natural (ação) e o símbolo (palavra), haveria uma “ponte”: o sinal convencional (gesto). Para a autora, a ação/sinal natural estaria presente na fase da intersubjetividade primária, em contextos de regulação fisiológica entre mãe e bebê, enquanto o gesto/sinal convencional surge conforme a criança se aproxima dos 12 meses de idade, quando esta adquire a capacidade de compartilhar sua atenção com a mãe em um terceiro

elemento, resultando na interação triádica que caracteriza a intersubjetividade secundária. De modo análogo, Camaioni e colaboradores (2003) sugerem que os gestos representativos podem também servir como uma “ponte”, ligando a comunicação pré-simbólica (gestos dêiticos) e a simbólica (palavras).

Assim, a passagem da ação ao gesto se dá por meio das trocas intersubjetivas da diáde. Inicialmente o bebê apresenta ações espontâneas, sinais naturais desprovidos de qualquer intenção subjacente e que são prontamente significados e respondidos pelo adulto, em forma de reações às ações do bebê (Lampreia, 2008). Conforme a criança percebe que suas ações desencadeiam determinadas reações no adulto, ela passa a apresentá-las de maneira intencional, antecipando o resultado que virá, de modo que certos sinais naturais se tornam convencionais por adquirirem um significado compartilhado tanto pelo bebê quanto pelo adulto, como no exemplo de Vygotsky (1999) para a formação do gesto.

Acrescenta-se que a produção gestual do bebê é afetada por aspectos como gênero e idade da criança, educação materna e nível socioeconômico, conhecidos por influenciar o desenvolvimento da linguagem verbal. As meninas apresentam-se à frente dos meninos não apenas no desenvolvimento da linguagem oral, mas também na produção de gestos comunicativos, utilizando mais a comunicação gestual do que os meninos (Acredolo & Goodwyn, 1988; Schults, Tulviste & Konstabel, 2011). Acerca da influência da idade da criança no uso da comunicação gestual, Evans e Porter (2009) afirmam que a frequência do gesto de apontar aumenta durante os primeiros meses de vida do bebê. Rowe e Goldin-Meadow (2009a), estudando a influência do nível socioeconômico, verificaram que genitores de nível mais alto gesticulam mais e possuem bebês que também gesticulam mais. As autoras afirmam que o vocabulário da criança aos 54 meses pode ser explicado, em parte, pelos gestos apresentados pelo bebê aos 14 meses. Sendo assim, o que ocorre na fase inicial do

desenvolvimento da linguagem, marcada pelo uso dos gestos, tem consequências que podem afetar as habilidades de vocabulário da criança no início de sua vida escolar.

Assim, partindo do pressuposto de que o desenvolvimento da linguagem pode ser caracterizado como um *continuum* que se inicia na comunicação pré-linguística e chega à comunicação verbal em um processo que ocorre por meio de interações sociais, ideia compartilhada pelas pesquisas abordadas até o momento, este estudo longitudinal buscou focar o contexto interativo em que ocorrem os gestos comunicativos da mãe e do bebê e em comportamentos que podem ocorrer associados a estes gestos, como sorrisos, choro, vocalizações e direção do olhar. Com isso, objetivou-se uma melhor compreensão das mudanças concernentes às estratégias de comunicação não verbais utilizadas pela diáde em três momentos do primeiro ano de vida da criança.

## **2. OBJETIVOS**

### **2.1. Objetivo geral**

Analisar a comunicação entre mãe e bebê na fase pré-verbal da criança em situações de brincadeira livre em três períodos do primeiro ano de vida.

### **2.2. Objetivos específicos**

- a) Verificar a frequência com que os bebês e mães utilizam os gestos dêiticos e representativos em cada período evolutivo observado.
- b) Identificar como a mãe responde aos gestos comunicativos utilizados pelo bebê e em que contextos eles ocorrem.
- c) Analisar se a mãe atribui significados aos gestos, sorrisos, choro e direção do olhar do bebê e como isso ocorre nas interações observadas.

### **3. MÉTODO**

A abordagem adotada nesta pesquisa foi o estudo longitudinal, o qual permite a obtenção de dados mais acurados acerca da emergência e desenvolvimento de determinadas habilidades, tornando possível apreender a evolução do processo. O recorte evolutivo estudado torna-se importante, pois permitiu verificar os períodos anterior e posterior à “revolução dos nove meses”, descrita por Tomasello (2003). Optou-se pela transcrição da fala e das vocalizações da mãe, que permitiram identificar as atribuições de significado que ela realizou acerca dos comportamentos do bebê e como ele agiu diante de tais respostas maternas, tornando possível conhecer as influências mútuas que ocorreram entre os membros da diáde.

Tais dados foram analisados após a obtenção de parecer favorável por parte do Comitê de Ética do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba (Protocolo nº 0288/11). É importante ressaltar que a descrição detalhada das interações diádicas nas diferentes idades do bebê permite observar com clareza como se configuram em cada período as novas modalidades comunicativas em ambos componentes da diáde.

#### **3.1. Participantes**

O estudo foi realizado a partir de observações gravadas em vídeo de seis diádes mãe-bebê acompanhadas longitudinalmente aos 6, 9 e 12 meses de idade do bebê, sendo quatro meninos e duas meninas residentes na cidade de João Pessoa. Quatro bebês eram os primogênitos e dois possuíam um irmão, todos nasceram a termo e apresentavam-se saudáveis. As mães participantes eram todas casadas, com média de idade de 27,7 anos e o nível de instrução mínimo era o superior incompleto.

#### **3.2. Instrumentos**

Para a condução do trabalho foram utilizados dados gravados em vídeo de observações diádicas pertencentes ao banco de dados do Núcleo de Estudos em Interação Social e Desenvolvimento Infantil (NEISDI), coordenado pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Nádia Maria Ribeiro Salomão. Para a transcrição das observações, utilizamos o sistema CHAT (*Codes for the Human Analysis of Transcripts*), que fornece um formato padrão para transcrições de interações. Esta é uma ferramenta que faz parte do sistema CHILDES (*Child Language Data Exchange System*), organizado por MacWhinney (2011).

### **3.3. Situação**

Os dados utilizados para o trabalho fazem parte do banco do NEISDI e foram obtidos por meio de observações das diádes em situação de brincadeira livre em suas próprias residências. Tais dados foram coletados em um estudo anterior realizado por Braz Aquino (2008).

### **3.4. Procedimentos para a coleta de dados**

Os dados das observações analisadas no presente estudo foram obtidos por meio da filmagem da interação de cada diáde mãe-bebê duas vezes em cada período evolutivo estudado (seis, nove e doze meses do bebê), com intervalo médio de quinze dias entre a primeira e a segunda observação. Em cada uma dessas visitas a diáde foi filmada por um período de 20 minutos em sua própria residência, estando presentes no ambiente apenas a mãe, o bebê e a observadora, de modo a evitar eventuais interrupções. Para a gravação, foi solicitado às mães que brincassem com seus bebês do modo como o faziam habitualmente e que evitassem manter a si e ao bebê de costas para a câmera. Foram conduzidas duas observações em cada período para que a diáde se tornasse familiarizada com sua presença da observadora e da câmera, de modo que a ação ocorresse da forma mais natural possível.

As diádes foram contatadas para o estudo de Braz Aquino (2008) por meio da indicação de colegas, sendo que os critérios para escolha dos participantes foram, no caso dos bebês, que estivessem com seis meses de idade no início da pesquisa e que fossem filhos únicos ou com no máximo um irmão. No caso das mães, estas deveriam ser casadas, residentes em domicílio próprio e com nível de escolaridade mínimo de ensino médio completo.

### **3.5. Procedimentos para a análise dos dados**

De acordo com os objetivos estabelecidos, a análise dos dados buscou compreender como se caracteriza a comunicação nas interações entre mãe e bebê aos 6, 9 e 12 meses de idade da criança, destacando-se o papel dos gestos em cada período evolutivo observado. Além disso, partindo de uma perspectiva bidirecional da interação, foram analisadas as participações da mãe e do bebê, visto que mudanças no tipo de comportamento de um dos membros da diáde têm como consequência modificações no comportamento do outro membro, afetando o contexto interativo como um todo.

Foi realizada a transcrição literal das falas e vocalizações tanto da mãe quanto do bebê, descrevendo-se os gestos de ambos, bem como um detalhamento da situação e do ambiente em que a diáde interagia durante as sessões de observação. Tal transcrição foi feita desconsiderando-se os cinco minutos iniciais e os cinco minutos finais da gravação, de modo que utilizamos para a análise somente os dez minutos centrais de cada observação. As categorias de análise foram estabelecidas após esta etapa de transcrição dos dados.

Foram codificados apenas os gestos considerados comunicativos, cujo critério foi o de que ocorressem acompanhados de contato visual com a mãe ou com o objeto referente, de vocalização ou outra forma de dirigir a atenção do outro membro da diáde (Iverson, Capirci & Caselli, 1994; Leavens & Hopkins, 1999). Isso porque os primeiros gestos do bebê não

possuem um significado convencional, ou ainda não são interpretados dessa forma pela mãe, consistindo apenas em sinais naturais (Lampreia, 2008) ou gestos ritualísticos (Tomasello, 2003). Além disso, sempre que um gesto fosse compreendido e dotado de um significado compartilhado pelos componentes da diáde durante o contexto da interação, ele foi considerado um gesto comunicativo. Comportamentos como choro, sorriso e direção do olhar também foram analisados, pois, segundo Nogueira (2009), a base da comunicação pré-verbal da criança não é formada apenas pelos gestos, como os dêiticos e representativos, mas também por expressões faciais, vocalizações e outros comportamentos motores.

Observou-se também se a resposta da mãe conduzia ou não a uma continuidade do comportamento apresentado pelo bebê anteriormente. Para tanto, foram analisados episódios interativos, definidos como situações em que a diáde atua em conjunto, estando os membros próximos um do outro, com a presença de gestos e direção do olhar recíprocos, podendo haver descontinuidades e interrupções, sendo reguladas mutuamente pelos parceiros (Anjos, Amorim, Vasconcelos & Rossetti-Ferreira, 2004). Além disso, foi verificado qual membro da diáde iniciou e finalizou o episódio interativo e como cada evento interferiu no próximo. Considerou-se o início de um episódio interativo o momento em que mãe ou bebê, por meio de gestos, toques, palavras ou vocalizações, chamava a atenção do outro, o que era verificado por meio da direção do olhar, ou engajava-se com ele em uma atividade conjunta. O episódio era considerado finalizado quando um dos membros da diáde interrompia a atividade conjunta ou direcionava seu olhar a outro objeto ou evento.

### **3.6. Categorias de análise**

#### **3.6.1. Gestos comunicativos utilizados pelos bebês e pelas mães**

**Gestos dêiticos:** são aqueles que se referem diretamente a um objeto ou evento por meio de indicação ou toque e não apresentam semelhanças com o referente, de modo que

possuem significado apenas em relação ao contexto em que são produzidos (Iverson, Capirci & Caselli, 1994; Acredolo & Goodwyn, 1988; Camaioni & cols, 2003). Constituem um dos primeiros sinais de comunicação intencional (Braz Aquino & Salomão, 2010; Liszkowski & Tomasello, 2011; Schults, Tulviste & Konstabel, 2011) e, no presente estudo, consistem em ações como:

- a) Alcançar:** (GD:A) estender o braço em direção a um objeto com a mão aberta, com presença ou não de movimentos de abrir e fechar a mão (Olson & Masur, 2011). O objeto deve encontrar-se ao alcance da criança, de modo que ela possa obtê-lo sem a necessidade de um ato comunicativo.
- b) Mostrar:** (GD:M) estender o braço em direção ao outro para mostrar um objeto que está segurando na mão (Olson & Masur, 2011; Schults, Tulviste & Konstabel, 2011) no campo de visão da outra pessoa (Iverson, Capirci & Caselli, 1994), mas sem permitir que ela o pegue (Papaeliou & Trevarthen, 2006). Pode-se movimentar ou bater o objeto, desde que tais ações não reproduzam o uso que se faz do mesmo.
- c) Oferecer:** (GD:O) estender o braço em direção ao outro segurando um objeto, sem que haja uma solicitação verbal ou gestual prévia (Iverson, Capirci & Caselli, 1994; Olson & Masur, 2011; Schults, Tulviste & Konstabel, 2011), com a aparente intenção de dar o objeto, podendo este ou não ser colocado diretamente na mão do parceiro (Messinger & Fogel, 1998).
- d) Responder a uma solicitação:** (GD:RS) quando um gesto de oferecer é utilizado após uma solicitação verbal ou gestual do outro.
- e) Solicitar:** (GD:S) estender o braço em direção a um objeto ou evento executando movimentos de abrir e fechar a mão (Iverson, Capirci & Caselli, 1994; Schults, Tulviste & Konstabel, 2011) ou mantendo a palma para cima, sendo necessário que o objeto encontre-se fora de alcance (Messinger & Fogel, 1998).

**f) Apontar:** estender o braço e o dedo indicador em direção a um objeto ou evento (Iverson, Capirci & Caselli, 1994; Leavens & Hopkins, 1999, Papaeliou & Trevarthen, 2006), podendo haver toque no local (Schults, Tulviste & Konstabel, 2011).

- **Apontar com toda a mão (apontar não-canônico):** (GD:APM) extensão do braço e dos dedos em direção a um objeto sem a presença de movimentos de preensão.

- **Apontar canônico:** (GD:APC) extensão do braço e do dedo indicador com flexão dos demais dedos.

**Gestos representativos:** movimentos da mão e do corpo ou expressões faciais cujo significado se mantém constante independentemente do contexto em que se expressam (Olson & Masur, 2011).

**a) Gestos relacionados ao uso de objetos:** (GR:O) são gestos representativos que reproduzem ações relacionadas a objetos específicos como: segurar o telefone próximo à orelha; beber em um copo; balançar uma boneca fazendo-a “ninar”; colocar corretamente objetos como chapéu ou sapato; soprar indicando que algo está quente; empurrar um carrinho de brinquedo; jogar uma bola (Schults, Tulviste & Konstabel, 2011). Incluem-se também tentativas bem sucedidas ou não de encaixar a peça de um quebra cabeça no local correto.

**b) Gestos convencionais:** (GR:C) são gestos representativos que estão relacionados a determinadas rotinas comportamentais que possuem sua forma e significado definidos pela cultura ou pelo contexto particular das interações entre a mãe e o bebê, e podem ser acompanhados por palavras (Acredolo & Goodwyn, 1988; Goldin-Meadow, Goodrich, Sauer, & Iverson, 2007; Iverson, Capirci & Caselli, 1994; Schults, Tulviste & Konstabel, 2011). São exemplos de gestos convencionais: acenar “tchau” quando alguém sai; balançar a cabeça e/ou o indicador para os lados para “não”; balançar a cabeça para cima e para baixo para “sim”; gestos utilizados durante músicas e jogos, como os de “aparecer e desaparecer”, em que haja uma clara troca de turnos; bater palmas em sinal de aprovação; estender as mãos com as

palmas para cima, movimentando ou não os dedos, para “venha”; manter a palma da mão para cima para indicar “acabou” ou “cadê?”; mandar um beijo.

### 3.6.2. Comportamentos comunicativos iniciais do bebê

Embora não representem categorias de análise, outras modalidades de comportamentos comunicativos iniciais do bebê foram observadas, por consistirem em um tipo de comunicação não verbal que utilizam durante a interação com a mãe desde os primeiros meses de vida.

- a) Chorar:** choro e choramingo, associados à expressão de emoções negativas (Mendes & Seidl de Moura, 2009a; Messinger, & Fogel, 2007).
- b) Sorrir:** sorrisos e risos, os quais são reconhecidos como manifestações de emoções positivas (Mendes & Seidl de Moura, 2009b; Messinger, & Fogel, 2007).
- c) Vocalizar:** sons vocálicos ou combinações de consoante e vogal (Sarriá, 1991), excetuando-se sons vegetativos, como espirros e tosse.
- d) Olhar para a mãe:** o bebê olha em direção aos olhos, rosto ou corpo da mãe (Papaeliou & Trevarthen, 2006).
- e) Seguir o olhar da mãe:** o bebê olha para a mesma direção que a mãe olha (Papaeliou & Trevarthen, 2006).
- f) Seguir o apontar da mãe:** o bebê olha em direção ao objeto ou evento que a mãe aponta (Papaeliou & Trevarthen, 2006).
- g) Olhar para um objeto:** o bebê olha em direção a um objeto ou evento, mesmo que não tenha a intenção de comunicar algo. Este aspecto foi observado porque a mãe pode atribuir significados a este olhar e considerá-lo comunicativo.

### 3.6.3. Respostas maternas aos comportamentos comunicativos do bebê

Tomando como base as categorias de respostas maternas de Olson e Masur (2011) e de atividades maternas de Seidl de Moura, Mendes, Pessoa e Marca (2011), outros comportamentos ou enunciados maternos, além dos gestos, também foram observados. Estes foram considerados respostas maternas desde que houvesse evidência de que a mãe viu o gesto do bebê.

- a) Olhar dirigido ao bebê:** a mãe olha em direção ao rosto ou outra parte do corpo do bebê.
- b) Olhar dirigido a objeto ou evento:** a mãe olha em direção a um objeto ou evento.
- c) Vocalizações dirigidas ao bebê:** sons vocálicos ou combinações de consoante e vogal (Sarriá, 1991) que a mãe dirige ao bebê tanto espontaneamente quanto o imitando.
- d) Sorriso dirigido ao bebê:** a mãe sorri enquanto interage com o bebê.
- e) Palavras dirigidas ao bebê:** a mãe utiliza palavras para se comunicar com o bebê. Excluem-se as palavras dirigidas a outras pessoas que possam, eventualmente, aparecer durante a observação. A exemplo de outras pesquisas (Özçaliskan & Goldin-Meadow, 2010; Rowe & Goldin-Meadow, 2009b), incluímos também as onomatopeias (“au-au”) e sons que possuem um significado convencional (“ahã” para “sim”).
- f) Demonstrações de afeto:** comportamentos de abraçar, beijar, afagar, fazer cócegas e balançar o bebê nos braços.

As atribuições de significado maternas aos comportamentos comunicativos do bebê foram codificadas de acordo com os rótulos de estado interno ou mental, propostos por Olson e Masur (2011) e Slaughter, Peterson e Carpenter (2009).

- a) Atribuição de percepção:** (A:P) refere-se aos sentidos, como os atos de ver, ouvir e sentir. Incluem-se também sensações como dor, calor e frio. Exemplo: “Tá vendo o cachorrinho, é?”.
- b) Atribuição de volição:** (A:V) expressa um desejo ou intenção, como querer, precisar, tentar e procurar. Exemplo: “Tu quer mais pera?”.

c) **Atribuição de cognição:** (A:C) diz respeito a atos mentais de pensamento, intelecto ou raciocínio, como pensar, entender e saber. Exemplo: “Ah, tu não sabe não”.

d) **Atribuição de disposição:** (A:D) expressa estados de preferência ou afeto, como gostar, feliz, preferir, cansado, quieto e com preguiça. Exemplo: “Tu só gosta dessa boneca”.

e) **Atribuição de necessidade:** (A:N) referem-se às necessidades básicas como sono, fome e sede. Exemplo: “Tá com soninho, mainha”.

**Outros:** (OUT) termo utilizado para rotular comportamentos que não pudessem ser incluídos nas categorias de gestos comunicativos ou de atribuições maternas acima definidas.

## 4. RESULTADOS

A análise das observações interacionais foi realizada a partir dos gestos utilizados pelas mães e pelos bebês, bem como das atribuições maternas de significado, em cada diáde nos três períodos observados. Foram consideradas tanto as frequências dos comportamentos quanto as descrições dos episódios interativos, o que permitiu uma melhor apreensão do objeto estudado e a compreensão da relação entre os dados quantitativos e o contexto em que se produziram.

A partir dos resultados obtidos, foram feitas análises dos gestos utilizados por cada diáde, mãe e bebê separadamente, nos três períodos observados; das atribuições de significado maternas, por diáde, nas diferentes idades da criança; dos episódios interativos observados em cada diáde, por idade; e dos resultados gerais das frequências dos gestos utilizados pelas diádes e das atribuições maternas. Foram apontadas as mudanças nos gestos comunicativos das mães e dos bebês, assim como aqueles que se destacaram em cada período. Destaca-se que os nomes das crianças apresentados nesta seção de resultados são fictícios, de modo que a identidade dos participantes se manteve preservada.

### 4. 1. Díade 1 - Mariana

#### Gestos utilizados pelo bebê

Tabela 1

*Frequências dos gestos dêiticos e representativos utilizados pelo bebê da diáde 1 aos 6, 9 e 12 meses de idade em situação de brincadeira livre.*

| Gestos          | Idades  |         |          | Total |
|-----------------|---------|---------|----------|-------|
|                 | 6 meses | 9 meses | 12 meses |       |
| <b>Dêiticos</b> |         |         |          |       |
| <i>GD:A</i>     | 5       | 3       | 1        | 9     |
| <i>GD:M</i>     | 0       | 0       | 1        | 1     |
| <i>GD:O</i>     | 0       | 0       | 0        | 0     |
| <i>GD:RS</i>    | 0       | 0       | 6        | 6     |
| <i>GD:S</i>     | 0       | 0       | 0        | 0     |

|                 |   |           |    |            |
|-----------------|---|-----------|----|------------|
| <i>GD:APC</i>   | 0 | 0         | 0  | 0          |
| <i>GD:APM</i>   | 0 | 0         | 3  | 3          |
| Representativos |   |           |    |            |
| <i>GR:O</i>     | 0 | 0         | 5  | 5          |
| <i>GR:C</i>     | 0 | <b>51</b> | 27 | <b>78</b>  |
| Total           | 5 | 54        | 43 | <b>102</b> |

Conforme os dados apresentados na Tabela 1, acerca dos gestos dêiticos, o alcançar (GD:A) foi substituído pelo apontar com a mão (GD:APM) aos 12 meses e os gestos de responder a uma solicitação (GD:RS) e mostrar (GD:M) surgiram também apenas aos 12 meses. Os gestos representativos passaram a ser utilizados a partir dos nove meses, com especial destaque para os convencionais (GR:C), que consistiram na categoria mais utilizada pela criança, representando cerca de 76% do total.

Aos seis meses, a mãe e o bebê passaram a maior parte das observações sentadas sobre um colchão, pois a mobilidade do bebê ainda era limitada, o que o mantinha sempre muito próximo à mãe ou no seu colo. Nota-se que o único gesto dêitico utilizado pelo bebê foi o gesto de alcançar, cuja frequência diminuiu conforme o seu desenvolvimento. Mesmo que não haja uma intenção por parte do bebê de comunicar algo, mas apenas uma tentativa de alcançar o objeto, a mãe pode atribuir um significado a esta ação. Porém, na observação desta diáde aos seis meses, em nenhuma das vezes que o bebê utilizou o gesto de alcançar a mãe atribuiu algum significado.

Ainda nesta idade, observou-se que o bebê utilizou sorrisos e choro na comunicação com a mãe. Nos exemplos a seguir, nota-se o bebê retribui os sorrisos que a mãe dirige a ele e expressa satisfação na brincadeira empreendida por ela com o telefone e quando ela canta e o levanta. Este sinal de que a criança está sentindo prazer nas atividades pode ser o que leva a mãe a repetir tais ações diversas vezes durante as observações:

Exemplo 1:

- \*MOT: que foi?
- %act: pega o telefone novamente e pressiona as teclas, que agora emitem um som, enquanto olha e sorri para o bebê.
- \*CHI: 0.
- %act: olha em direção à mãe, sorrindo.

### Exemplo 2:

- \*MOT: pananananan.
- %act: levanta o bebê novamente, cantando, olhando em direção a ele e sorrindo.
- \*CHI: 0.
- %act: tira a mão da boca, olha para a mãe e sorri.
- \*MOT: é a super garota!
- %act: levanta novamente o bebê.

Na observação aos nove meses, o alto índice de gestos representativos convencionais pode ser explicado pelo fato de que grande parte da atividade da diáde durante as duas observações nesta idade consistiu em brincadeiras com trocas de turnos marcadas, as quais fazem parte desta categoria. No trecho a seguir é possível ver como a brincadeira ocorria:

- \*CHI: 0.
- %act: olha em direção à câmera, com a mão direita na boca. Engatinha para o lado oposto ao que ela está.
- \*MOT: olha. Vô pegá sem vergonha, vô pegá.
- %act: bate palmas e, em seguida, busca o bebê.
- \*CHI: 0.
- %act: olha em direção à câmera e sorri.
- \*MOT: bicha sem vergonha. Vô pegá, vô, pegá.
- %act: sorrindo, pega o bebê pela cintura e o coloca perto de si.
- \*CHI: 0.
- %act: olha brevemente na direção da câmera, sorrindo, enquanto é levada pela mãe. Quando a mãe a solta, senta de frente para ela e de costas para a câmera.

Um aspecto a ser destacado nas observações aos 12 meses consiste no fato de que o bebê utilizou pela primeira vez os gestos dêiticos de mostrar e apontar com a mão. Além disso, respondeu às solicitações maternas, de modo que parece conceber a mãe como dotada de intencionalidade quando esta lhe estende a mão enquanto ele segura um objeto, o qual prontamente entrega a ela.

Nesta idade, o bebê demonstrou também ser capaz de compreender o modo como determinados objetos são utilizados em sua cultura, utilizando um gesto representativo de objeto (GR:O) ao colocar o telefone próximo à orelha ou ao balançar uma boneca no colo, fazendo-a “ninar”. Aos 12 meses o bebê utilizou também gestos representativos cujo

significado é compartilhado culturalmente, e não apenas pela diáde, como bater palmas ao experimentar emoções positivas. No recorte abaixo, a mãe e o bebê se comunicam por meio de um gesto representativo convencional, o de mandar um beijo, além de palavras e vocalizações:

\*MOT: X X. Dê beijinho em mamãe, dê beijinho.

%act: segura o bebê sentado no seu colo.

\*CHI: hum hum.

%act: olha em direção à câmera e manda um beijo.

\*MOT: hum, cheiroso.

%act: continua segurando o bebê e olhando em direção a seu rosto, e manda um beijo.

Observou-se, portanto, que inicialmente o bebê utilizou os gestos de alcançar, um tipo primitivo de gesto dêitico, passando a se comunicar por meio de outros tipos mais sofisticados de gestos dêiticos que pressupõem a compreensão do outro como intencional. Somente em uma idade posterior mostrou-se capaz de interagir por meio de gestos representativos cujo significado cultural é aprendido por meio da interação social.

A seguir, serão apresentados os dados acerca dos gestos utilizados pela mãe em sua comunicação com o bebê durante as situações de brincadeira livre.

### Gestos utilizados pela mãe

Tabela 2

*Frequências dos gestos dêiticos e representativos utilizados pela mãe da diáde 1 aos 6, 9 e 12 meses de idade do bebê em situação de brincadeira livre.*

| Gestos                 | Idades  |         |          | Total     |
|------------------------|---------|---------|----------|-----------|
|                        | 6 meses | 9 meses | 12 meses |           |
| <b>Dêiticos</b>        |         |         |          |           |
| <i>GD:A</i>            | 0       | 0       | 0        | 0         |
| <i>GD:M</i>            | 40      | 18      | 12       | <b>70</b> |
| <i>GD:O</i>            | 2       | 4       | 24       | 30        |
| <i>GD:RS</i>           | 0       | 0       | 0        | 0         |
| <i>GD:S</i>            | 0       | 0       | 9        | 9         |
| <i>GD:APC</i>          | 1       | 0       | 1        | 2         |
| <i>GD:APM</i>          | 0       | 0       | 1        | 1         |
| <b>Representativos</b> |         |         |          |           |

|             |    |    |     |            |
|-------------|----|----|-----|------------|
| <i>GR:O</i> | 5  | 1  | 15  | 21         |
| <i>GR:C</i> | 0  | 56 | 40  | <b>96</b>  |
| Total       | 48 | 79 | 102 | <b>229</b> |

De acordo com os números indicados na Tabela 2, a frequência do gesto de mostrar (GD:M), embora tenha sido a segunda categoria mais utilizada, diminuiu significativamente entre a primeira e a última observação ( $f=40$  e  $f=12$ , respectivamente), enquanto a dos gestos de oferecer (GD:O) e solicitar (GD:S) apresentam um aumento. Assim como os resultados do bebê, a mãe utilizou com maior frequência os gestos representativos convencionais (GR:C), que representaram 41% do total.

Durante as observações do primeiro período evolutivo a mãe se manteve ao lado do bebê, que permaneceu deitado ou sentado devido à sua ainda limitada capacidade de locomoção. Tal situação pode ter favorecido os comportamentos maternos de olhar para o bebê e mostrar objetos, sendo esta última a categoria de gestos mais utilizada pela mãe, que buscava chamar a atenção do bebê.

Nesta idade, as interações mãe-bebê tendem a ser diádicas, pautadas em uma comunicação face-a-face permeada por sorrisos, expressões e posturas, em que os objetos ainda não são utilizados conjuntamente pelos membros da diáde, embora a criança já demonstre interesse por alguns brinquedos mostrados pela mãe. A mãe oferece ao bebê “recortes” da realidade, rotulando-os e criando oportunidades para que o bebê aprenda sobre o mundo que o cerca. Tais rótulos podem se referir a) diretamente ao objeto, b) ao seu conteúdo, c) ao seu movimento ou d) a alguma de suas características, como pode ser visto nos exemplos a seguir:

a)

\*MOT: toma a chupetinha toma.

%act: balança a chupeta próximo ao rosto do bebê.

b)

\*MOT: olha a aguinha do neném. Psiu!  
 %act: pega um copo e posiciona na frente do bebê.

c)

\*MOT: eita, vai embora ó. Ei, caiu. Vai embora o nenê ó, ó.  
 %act: movimenta o chocalho para perto de si, afastando-o do bebê, e faz cair o Mickey. Levanta o Mickey e continua a movimentar o chocalho sobre o colchão.

d)

\*MOT: colorido, divertido. É, cololido.  
 %act: agita o chocalho amarelo próximo ao rosto do bebê.

Aos nove meses a mãe passou a utilizar menos o gesto de mostrar e aumentou a frequência do gesto representativo convencional. Nas brincadeiras de “vou te pegar”, em que este gesto foi mais utilizado, o bebê respondeu de modo a dar continuidade à brincadeira, o que pode ter sido um incentivo para que a mãe mantivesse este comportamento, destacando a reciprocidade da interação. Neste episódio em particular percebe-se o caráter bidirecional da interação, pois o bebê, além de conduzir o comportamento da mãe, também acompanha a atenção e o comportamento dela.

Aos 12 meses a mãe começou a utilizar com maior frequência o gesto de solicitar que, ao contrário do gesto de mostrar, demanda uma participação ativa da criança como resposta, além de uma compreensão das intenções do outro. Comparando-se as frequências do gesto de solicitar materno com o gesto de responder à solicitação do bebê, nota-se que a criança respondeu adequadamente a seis das nove solicitações maternas, o que sugere que ela já entende que a mãe possui uma intenção comunicativa subjacente ao estender a mão vazia em sua direção. Um outro gesto que a mãe passou a utilizar com maior frequência neste período foi o de oferecer, cuja resposta também demanda que o bebê entenda que a mãe tem a intenção de lhe entregar o objeto ao estender a mão em sua direção. É importante destacar que o uso deste último pode ter sido favorecido por um episódio interativo em particular que ocorreu durante a segunda observação aos 12 meses, em que a diáde utilizou um controle remoto e um telefone durante a interação, trocando os objetos entre si repetidas vezes.

A mãe utilizou também demonstrações de afeto enquanto interagia com o bebê, sendo que os comportamentos de beijar, abraçar e acariciar foram observados principalmente em situações em que o bebê chorou ou em que a diáde estava envolvida em alguma brincadeira.

Em seguida, apresentaremos os dados acerca dos significados atribuídos pela mãe aos gestos comunicativos do bebê.

### Atribuições de significado

Tabela 3

*Atribuições de significado maternas aos gestos do bebê aos 6, 9 e 12 meses de idade (diáde 1).*

| Atribuições de significado | Idade   |         |          | Total     |
|----------------------------|---------|---------|----------|-----------|
|                            | 6 meses | 9 meses | 12 meses |           |
| A:P                        | 1       | 0       | 2        | 3         |
| A:V                        | 1       | 1       | 3        | 5         |
| A:C                        | 0       | 0       | 0        | 0         |
| A:D                        | 11      | 8       | 6        | <b>25</b> |
| A:N                        | 1       | 0       | 0        | 1         |
| Total                      | 14      | 9       | 11       | <b>34</b> |

Os dados da Tabela 3 demonstram que a atribuição de significado mais utilizada por esta mãe foi a de disposição (A:D), consistindo em 73,5% do total, enquanto a atribuição de cognição (A:C) não foi utilizada em nenhum momento. Além disso, cabe mencionar que a frequência de atribuições apresentou poucas variações conforme o bebê se desenvolvia. A mãe fez atribuições principalmente com relação ao choro, direção do olhar e postura da criança, como deitar ou inclinar o corpo em direção a algo, sendo raros os episódios em que atribuiu significados aos gestos dêiticos ou representativos do bebê. Alguns exemplos são mostrados a seguir:

a)

\*CHI: hän hän.

%act: deita-se de costas no colchão, agita os braços e as pernas e chora.

\*MOT: oxente, oxente. Estessou, estessou o neném? Estessou estessou! Não não não não, psuipsui.

%act: coloca o bebê em pé no seu colo e bate as mãos levemente nas suas costas.

b)

\*CHI: au au. <Au au.> [>]

%act: com o rosto voltado para o lado em que está a câmera, estende o braço direito. Em seguida, olha em direção à câmera.

\*MOT: <ou ou.> [<]. O que foi que cê viu ali? O que foi?

%act: continua a segurar o bebê e a olhar para seu rosto, em seguida o coloca em pé no seu colo.

c)

\*CHI: ahaha.

%act: ri enquanto a mãe o arrasta e quando ela o solta, fica deitado com a cabeça abaixada.

\*MOT: oxente cansou?

%act: observa o bebê.

No primeiro caso, ao realizar uma atribuição de disposição em consequência do choro do bebê, a mãe utiliza uma demonstração de afeto como resposta. Ou seja, o comportamento do bebê e o que ela julgou que ele significava dirigiu o seu comportamento posterior. No segundo caso, ao perceber o interesse do bebê pela câmera, a mãe o coloca no seu colo como forma de desviar a sua atenção do aparelho e dar continuidade à interação diádica. Por fim, ao ver o bebê se deitar e interpretar que ele está cansado, a mãe para a brincadeira por um momento. É possível notar, portanto, que as atribuições maternas são de grande importância para que o adulto regule o seu comportamento de acordo com as pistas enviadas pelo bebê. Além disso, é importante mencionar que, mesmo quando não o faz verbalmente, pode-se verificar que a mãe atribui significados aos comportamentos do bebê durante toda a interação por meio das respostas apresentadas após uma ação da criança.

### **Descrição dos episódios interativos**

Com o intuito de verificar as situações em que os diferentes tipos de gestos foram utilizados, foi adotada a definição de episódios interativos de Anjos, Amorim, Vasconcelos e Rossetti-Ferreira (2004), descritos como situações em que a diáde se mantém engajada em uma atuação conjunta com proximidade física e presença de gestos e direção do olhar recíprocos, podendo ocorrer descontinuidades e interrupções, havendo uma influência mútua

nos comportamentos dos parceiros. A descrição detalhada dos episódios permitiu uma análise mais acurada no que se refere à reciprocidade dos comportamentos da mãe e do bebê, destacando-se a bidirecionalidade da interação.

### 6 meses

Aos seis meses, mesmo que não houvesse uma clara presença de atenção conjunta, mãe e bebê estavam interagindo, de modo que seus comportamentos se influenciavam mutuamente. Inicialmente a díade estava na sala, sobre um colchão colocado no chão, onde havia brinquedos e almofadas. Mãe e bebê permaneceram quase o tempo todo de frente uma para a outra, de modo que era possível manter contato face-a-face. A interação concentrou-se em atividades da mãe de mostrar brinquedos e objetos ao bebê, movimentar o corpo da criança, falar e sorrir, além de ações de cuidado, como oferecer água. Uma atividade bastante repetida pela mãe foi a de cantar e levantar o bebê fazendo-o “voar”.. Quando a mãe realizou esta brincadeira, a criança parou de chorar e sorriu, de modo que a mãe interpretou esta expressão como um sentimento de contentamento da criança, e continuou a realizar a brincadeira. Isso pode ser percebido na seguinte fala materna: “ficou calminha o nenê agora depois que dançou?”. Houve momentos em que, mesmo havendo a presença de brinquedos, não havia uma atuação conjunta da díade com o objeto, sendo estes marcados pela ação da mãe de mostrar algo à criança, como no exemplo a seguir:

- \*CHI: 0.
- %act: olha em direção à câmera e depois para a mãe.
- \*MOT: culioso? O nenê culioso é? <O nenê culioso é> [>]? Sim. É culioso o nenê é?
- %act: olhando para o bebê e sorrindo, aperta o brinquedo que emite som próximo ao rosto do bebê.
- \*CHI: <hum> [<].
- %act: olha em direção à mãe, depois para frente e se arrasta para mais próximo a ela. Em seguida, deita o rosto no colchão, virado para baixo.
- \*MOT: han han han. Tandandandan.
- %act: pressiona o brinquedo que emite som próximo ao rosto do bebê, cantando.
- \*CHI: 0.
- %act: levanta o rosto e olha em direção ao brinquedo. Em seguida, eleva levemente o tronco, apoiando-se nos braços.

Neste trecho é possível perceber que, inicialmente, mãe e bebê dirigem sua atenção a um mesmo objeto por breves momentos, o brinquedo que emite som quando pressionado. Contudo, a mãe quebra o episódio ao afastar o objeto de interesse do bebê e mostrar a ele outro brinquedo, um chocalho. Em seguida, é o bebê quem realiza uma quebra, ao desviar sua atenção do chocalho e olhar para a câmera, para a frente e para um copinho, em um curto espaço de tempo. Com isso, a mãe também volta sua atenção para o copo e rotula o objeto ao dizer: “É a aguinha do nenê?”, afastando novamente do bebê aquele que era objeto de sua atenção. Todas essas quebras não permitem a formação de um episódio interativo com presença de atenção conjunta, em que a atenção da díade esteja voltada para o mesmo objeto e ambos tenham conhecimento deste fato.

#### 9 meses

Durante a observação aos nove meses a díade encontrava-se sentada no chão da sala, onde havia garrafas PET e brinquedos. Um aspecto a ser destacado no desenvolvimento do bebê neste período é o fato de que ele já engatinhava, o que teve consequências no tipo de interação que foi estabelecida. Embora tenha havido pouco uso de objetos, observou-se que a mãe e o bebê compartilharam uma caixa de sapatos sobre a qual as duas batiam a mão da mesma maneira, algumas vezes simultaneamente. Entretanto, na maior parte do tempo em que houve o uso de objetos, a mãe apenas mostrou brinquedos ao bebê.

A descontinuidade dos episódios interativos no início desta observação pode ter ocorrido devido ao fato de que o bebê mostrou-se irritado em alguns momentos, chorando. Tal comportamento perdurou até que iniciou-se a brincadeira de “vou te pegar”, uma atividade em que o papel e o momento de atuar de cada uma era claramente marcado, cabendo ao bebê fugir para que a mãe o pegasse. Ainda nesta observação, o bebê utilizou um gesto representativo convencional que não estava relacionado à brincadeira, mas é reconhecido culturalmente, o ato de bater palmas:

\*MOT: eita.  
 %act: bate palmas.  
 \*CHI: 0.  
 %act: balança o corpo e começa a bater palmas, de frente para a mãe e de costas para a câmera.

O gesto de bater palmas, neste caso, pode significar que o bebê estava contente com a situação em que se encontrava, visto que os gestos representativos podem ser utilizados tanto para se referir simbolicamente a um objeto, quanto a necessidades e estados.

Em outra situação observada aos nove meses, a díade estava sentada no chão da sala, onde havia brinquedos, garrafas PET e uma caixa de sapatos. Inicialmente mãe e bebê brincaram de “vou te pegar”, o que caracterizou um episódio interativo contínuo. Em outro momento da observação, estando o bebê com um celular na mão, a díade concentra sua atenção no objeto, tanto a mãe quanto a criança alternando o olhar entre o objeto e o outro, vocalizando, falando e manipulando o aparelho. Neste momento, pode-se dizer que o bebê já apresenta a capacidade de sustentar um episódio de atenção conjunta com a mãe, configurando-se um contexto que faz surgir a oportunidade para o aprendizado acerca daquele objeto, visto que a mãe refere-se à função do telefone, ao dizer diversas vezes “alô, titia” e rotula o nome do objeto ao dizer “eita, é, o telefone titia”. Além disso, a mãe aperta as teclas do aparelho e o coloca próximo à sua orelha e à do bebê, demonstrando o uso convencional do objeto, uso que é determinado pela cultura em que a díade se encontra inserida e só é possível de ser aprendido por meio das interações sociais. A seguir, apresentamos um pequeno trecho deste episódio:

\*CHI: hum.  
 %act: puxa a caixa para perto de si e manuseia o seu conteúdo. Por fim, com a mão esquerda pega um celular de brinquedo, coloca-o na mão direita e toca nas teclas com o indicador esquerdo.  
 \*MOT: eita, é, o telefone titia. Alô titia! Titia!  
 %act: observa o bebê, sorrindo.  
 \*CHI: 0.  
 %act: olha em direção à mãe quando ela diz “Alô titia!”. Olha em direção à câmera sorrindo e coloca o telefone na boca. Em seguida, olha novamente em direção à mãe.  
 \*MOT: assim assim.  
 %act: toca uma tecla do celular de brinquedo, fazendo com que ele emita um som.  
 \*CHI: 0.  
 %act: olha em direção ao celular que está na sua mão e, em seguida, em direção à mãe.  
 \*MOT: olha!

- %act: toca no celular que está na mão do bebê e o brinquedo emite um som novamente.
- \*CHI: 0.
- %act: olha nem direção à mãe e coloca o celular na boca, sorrindo.

No trecho acima, observa-se um episódio interativo com presença de atenção conjunta, em que as atenção da mãe e do bebê encontram-se voltadas ao mesmo objeto, o telefone celular de brinquedo. Contudo, houve momentos em que o bebê permaneceu tentando afastar-se da mãe ou olhando em direção a outros objetos que não aqueles que ela buscava compartilhar com ele.

### 12 meses

Durante as observações aos 12 meses a diáde encontrava-se sentada no chão da sala onde havia brinquedos, repetindo o contexto das observações aos nove meses. A primeira observação nesta idade teve início com a mãe e o bebê engajados em um episódio de atenção conjunta cujo objeto parece ser um cachorro que encontra-se fora da casa, como pode ser visto a seguir:

- \*MOT: fiu fiu fiu, como é chama? Ó o cachorro.
- %act: alterna o olhar entre a direção da porta e o bebê, assoviando e estalando os dedos.
- \*CHI: 0.
- %act: sentado de joelhos e com o braço direito apoiado na estante que está ao seu lado, o bebê olha na direção da porta e da mãe.
- \*MOT: ó lá, han! Tchutchutchu.
- %act: estala os dedos e alterna o olhar entre o bebê e a porta.
- \*CHI: ê.
- %act: sorrindo, olha na direção da porta e depois da mãe e bate palmas.
- \*MOT: ê! Tsctscts.
- %act: sorri para o bebê.
- \*CHI: 0.
- %act: sorri olhando na direção da câmera e, em seguida, olha na direção da porta e estica o braço direito, movimentando os dedos.

Neste episódio interativo, a ocorrência de atenção conjunta pode ser percebida pela alternância de olhar que mãe e bebê realizaram entre si e o cachorro, demonstrando um ao outro que estavam atentos àquele objeto.

A mãe utilizou o gesto de estalar os dedos e assoviar para chamar o cachorro, ambas formas de comunicação reconhecidas e utilizadas em nossa cultura para este fim. O bebê, por

sua vez, se comunicou com a mãe e manteve o episódio por meio de dois gestos representativos: repetiu o gesto de estalar os dedos e espontaneamente bateu palmas. No momento em que bateu palmas, o bebê vocalizou “ê” e a mãe o repetiu logo em seguida. Tais repetições das vocalizações do bebê pela mãe, que ocorreram também em outros episódios interativos aos 12 meses, criaram um “diálogo” entre a diáde, sustentando a atenção de um em relação ao outro. Além disso, juntamente com a vocalização, o bebê sorriu, de modo que a junção dos comportamentos de bater palmas, vocalizar e sorrir pode ter tido para a mãe o sentido de que a criança estava sentindo prazer na atividade, de modo que ela retribuiu o sorriso e deu continuidade ao comportamento de chamar o cachorro. Apenas quando o bebê mudou de posição, olhou para a câmera e engatinhou em direção ao aparelho a mãe mudou de atividade e finalizou este episódio interativo, talvez interpretando a ação da criança como um sinal de que ela não estava mais interessada naquela brincadeira.

O bebê iniciou um novo episódio ao olhar em direção à porta e estalar os dedos e, em seguida, olhar em direção à mãe. Esta alternância do olhar entre o objeto e a mãe foi interpretado por ela como uma intenção do bebê de chamar a sua atenção para o objeto que estava naquela direção. Sendo assim, a mãe respondeu prontamente alternando o olhar entre o bebê e a porta e repetindo o ato de estalar os dedos enquanto falava “cadê o cachorro?”. O episódio foi finalizado quando a mãe passou a repetir o nome do bebê, olhando para ele e sorrindo, e a criança concentrou sua atenção no rosto da mãe e sorriu.

Em seguida, outro episódio da brincadeira “vou te pegar” se iniciou e a diáde demonstrou satisfação na atividade, ao permanecer rindo durante todo o processo. Assim, a mãe interpretou o sorriso do bebê como uma expressão de um sentimento positivo em relação à brincadeira, bem como o bebê também permaneceu na atividade por ser correspondido pela

mãe, que o pegava sempre que ele fugia, de modo que um regulava a atividade do outro mutuamente.

Embora tenha havido algumas quebras durante o episódio descrito acima, este só foi finalizado quando a mãe virou um cesto em frente ao bebê, fazendo com que diversos brinquedos caíssem no chão, o que deu início a outro episódio interativo. Destaca-se ainda que, durante esta observação, o bebê passou grande parte do tempo chorando enquanto a mãe tentava chamar sua atenção e acalmá-lo mostrando brinquedos.

Um episódio interativo ocorreu sem a presença de um olhar compartilhado, em uma situação em que mãe e bebê, mesmo estando de costas, utilizaram o mesmo gesto representativo com relação a um brinquedo, como pode ser visto no trecho a seguir:

\*MOT: aa nenê mimi, gostoso cheiroso.  
 %act: pega o Mickey e o balança nos braços.  
 \*CHI: ahan ahan.  
 %act: olha na direção da mãe. Em seguida, vira-se na direção oposta à mãe e coloca a boneca de pano na boca.  
 \*MOT: aa bote nenepra dormir, bote, aa.  
 %act: olha para o bebê, que está de costas para ela.  
 \*CHI: 0.  
 %act: continua com a boneca na boca, segurando-a com as duas mãos.  
 \*MOT: aa neneça mimi.  
 %act: balança o Mickey nos braços.  
 \*CHI: ah.  
 %act: mesmo sem olhar para a mãe, balança o corpo segurando a boneca, do mesmo modo que ela.  
 \*MOT: <aa> [>].  
 %act: balança o corpo com a pelúcia na mão.  
 \*CHI: <adá> [<].  
 %act: retira a boneca da boca e a segura com a mão direita, balançando o corpo. Em seguida, vira-se para trás e olha na direção da mãe.

Neste trecho, o bebê vê a mãe “ninando” o Mickey, gesto que é rotulado com as palavras “nenê mimi”, ditas em ritmo de cantiga de ninar. Em seguida, mesmo sem estabelecer contato visual com a mãe, a criança repete o gesto ao ouvir a mãe dizer as palavras “neneca mimi” no mesmo ritmo que anteriormente, o que pode sugerir que ela estava atenta à mãe e compreendeu o que as palavras, ou mesmo aquele tom específico de voz, significavam.

Em outra situação observada aos 12 meses, a mãe tentava chamar a atenção do bebê mostrando objetos, chamando-o e segurando-o, mas a criança permanecia olhando em volta, buscando ficar próxima a uma estante, até que começou a chorar. Nas situações em que a mãe mostrava objetos ao bebê e, embora ele não compartilhasse a atenção, ela persistia no mesmo gesto, não havendo continuidade na interação. Apenas nos casos em que a mãe se engajava com o bebê naquilo em que ele estava prestando a atenção ou quando o bebê focava sua atenção no que a mãe mostrava é que surgia a oportunidade de uma atividade conjunta. Em diversos momentos, mesmo o bebê não demonstrando interesse nas atividades da mãe, ela não mudava o seu comportamento, dificultando a continuidade da interação. Desse modo, a insistência da mãe em que o bebê interaja com ela, mesmo diante das constantes demonstrações negativas da criança, pode ter feito com que o bebê se irritasse e chorasse. Isso porque quando a mãe não comprehende o que o bebê comunica, não há engajamento na atividade e não são criadas oportunidades de aprendizado por meio da atenção conjunta.

Ainda nesta observação, mãe e bebê se envolveram na brincadeira de “vou te pegar”, até que a mãe interrompeu a atividade para começar a chamar o cachorro. A mãe então iniciou um novo episódio interativo ao apontar com o indicador em direção à porta e dizer “olha o au au”. O bebê seguiu este apontar e sorriu, dando início a uma série de alternâncias de olhar entre parceiros e objeto, sendo que em certo momento o bebê repetiu o gesto da mãe de estalar os dedos, além vocalizar “au au aaau”. O episódio terminou quando o bebê engatinhou em direção à porta, como pode ser visto no recorte abaixo:

- \*MOT: olha o au au ali olha. O au au olha.
- %act: olha para a direção da porta e aponta com o dedo indicador.
- \*CHI: 0.
- %act: olha para a direção que a mãe aponta e sorri, parando de chorar.
- \*MOT: psiu psiu.
- %act: estala os dedos chamando o cachorro e olhando na direção da porta, assoviando.
- \*CHI: 0.
- %act: olha em direção à mão da mãe e, em seguida, em direção à porta.
- \*MOT: assim ó. Cadê o au au? Psiu psiu.
- %act: estala os dedos.
- \*CHI: aa.

- %act: pega uma boneca que está do seu lado direito e permanece olhando na direção da porta.  
 \*MOT: aa.  
 %act: alterna o olhar entre o bebê e a porta.  
 \*CHI: ae.  
 %act: movimenta a boneca nas mãos e permanece olhando na direção da porta.  
 \*MOT: aa o au au.  
 %act: olha para o bebê e depois para a porta.  
 \*CHI: 0.  
 %act: solta a boneca, levanta o braço direito e estala os dedos como a mãe havia feito anteriormente.  
 \*MOT: tchutchutchu. Au au! Coisa linda o au au, né!  
 %act: olha para o bebê, para a porta e novamente para o bebê, enquanto estala os dedos.  
 \*CHI: au au aaau.  
 %act: olha para a mão da mãe e para o seu rosto e, em seguida, novamente para a porta.

Em outro trecho o bebê, chorando, realizou diversas tentativas de subir no sofá, até que olhou em direção à mãe, que o auxiliou. Este olhar em direção à mãe enquanto chorava pode ter sido interpretado por ela como um pedido de ajuda, ao qual ela respondeu auxiliando o bebê. Isso sugere que o bebê é capaz de expressar uma intenção com eficiência e a mãe de interpretá-la propriamente, visto que o bebê parou de chorar ao ser colocado sobre o sofá.

- \*CHI: aã.  
 %act: deixa as duas pernas caírem no chão e olha para a mãe chorando.  
 \*MOT: hehe. Vá vá vá. Suba. Vá vá vá. XXX. Vai vai. Bzzzz.  
 %act: ajuda o bebê a subir no sofá, apoiando-o com as mãos pelas nádegas.  
 \*CHI: 0.  
 %act: deixa-se levar pela mãe e para de chorar quando colocado sobre o sofá.

Por fim, um episódio contínuo se iniciou quando o bebê pegou um controle remoto e a mãe interagiu com ele utilizando este objeto e um telefone. Seguiu-se uma sequência de oferecer e receber os aparelhos, além de momentos em que gestos representativos foram utilizados em relação aos objetos:

- \*MOT: eita! Alô, titia! Titia. Alô, titia!  
 %act: olha para o bebê sorrindo e pega o telefone da sua mão para, em seguida, colocá-lo próximo à orelha.  
 \*CHI: 0.  
 %act: olha para a mãe, sorrindo.  
 \*MOT: 0.  
 %act: oferece o telefone ao bebê.  
 \*CHI: aia.  
 %act: olha para o telefone e o pega com a mão direita. Em seguida, coloca o objeto próximo à orelha, enquanto vocaliza olhando para a mãe.

O episódio apresentou continuidade, pois mãe e bebê permaneceram sintonizados, demonstrando compreender a intenção um do outro e respondendo de acordo, bem como

evidenciando seu prazer na atividade por meio de sorrisos. Neste episódio interativo, o bebê respondeu a todas as solicitações da mãe, o que pode ser visto no recorte abaixo:

\*MOT: dê à mamãe, dê mamãe, dê. Dê pra mamãe, dê pra mamãe, dê.  
 %act: estende a mão direita para que o bebê lhe entregue os aparelhos.  
 \*CHI: aaa.  
 %act: pega o controle remoto com a mão direita e entrega na mão da mãe, olhando para o aparelho.  
 \*MOT: ô coisa linda.  
 %act: pega o controle remoto que o bebê lhe entrega.  
 \*CHI: 0.  
 %act: pega o celular com a mão esquerda.  
 \*MOT: dê pra mamãe, dê.  
 %act: estende a mão direita para receber o celular que o bebê segura.  
 \*CHI: 0.  
 %act: coloca o celular na mão da mãe e sorri.  
 \*MOT: ah, eita. Tá de parabéns.  
 %act: solta os aparelhos sobre o sofá e bate palmas. Em seguida estende as mãos para que o bebê lhe entregue os aparelhos.  
 \*CHI: aaa.  
 %act: bate palmas uma vez e, em seguida, pega cada aparelho com uma das mãos e entrega para a mãe, sorrindo.  
 \*MOT: eita, tá de parabéns o bebê.  
 %act: segura os aparelhos que o bebê lhe entrega e bate palmas.  
 \*CHI: ah.  
 %act: bate palmas uma vez enquanto olha para as mãos da mãe. Em seguida olha em direção ao rosto da mãe, sorrindo.

Neste trecho, a mãe e o bebê utilizam também o gesto representativo convencional de bater palmas como forma de comunicação, além dos gestos dêiticos de mostrar, oferecer, solicitar e responder a uma solicitação. Com base nos resultados mostrados, nota-se que tanto os gestos utilizados pela mãe quanto pelo bebê sofrem alterações no decorrer do desenvolvimento deste último, o que leva a uma mudança geral no modo como a diáde se comunica no primeiro ano de vida da criança. Na próxima seção apresentaremos os resultados relativos aos participantes da diáde 2.

#### 4.2. Diáde 2 - Cadu

##### Gestos utilizados pelo bebê

Tabela 4

*Frequências dos gestos dêiticos e representativos utilizados pelo bebê da diáde 2 aos 6, 9 e 12 meses de idade em situação de brincadeira livre.*

| Gestos | Idades | Total |
|--------|--------|-------|
|--------|--------|-------|

|                        | 6 meses   | 9 meses   | 12 meses  |           |
|------------------------|-----------|-----------|-----------|-----------|
| <b>Dêiticos</b>        |           |           |           |           |
| <i>GD:A</i>            | 16        | 5         | 0         | 21        |
| <i>GD:M</i>            | 0         | 0         | 0         | 0         |
| <i>GD:O</i>            | 0         | 0         | 2         | 2         |
| <i>GD:RS</i>           | 0         | 0         | 0         | 0         |
| <i>GD:S</i>            | 0         | 0         | 0         | 0         |
| <i>GD:APC</i>          | 0         | 2         | 3         | 5         |
| <i>GD:APM</i>          | 0         | 0         | 1         | 1         |
| <b>Representativos</b> |           |           |           |           |
| <i>GR:O</i>            | 0         | 19        | 21        | <b>40</b> |
| <i>GR:C</i>            | 0         | 8         | 10        | 18        |
| <b>Total</b>           | <b>16</b> | <b>34</b> | <b>37</b> | <b>87</b> |

Conforme os dados da Tabela 4, o gesto de alcançar (GD:A) foi o segundo mais utilizado ( $f=21$ ), sendo substituído pelos gestos de apontar com a mão (GD:APM) e canônico (GD:APC) a partir dos nove meses. Os gestos representativos surgiram apenas aos nove meses e a categoria que apresentou maior frequência foi o gesto representativo de objeto (GR:O) ( $f=40$ ), o que pode ter sido influenciado pelo tipo de atividade realizada pela diáde durante as situações de brincadeira livre.

O único gesto utilizado pelo bebê aos seis meses foi de alcançar, possivelmente estimulado pelo fato de a mãe oferecer (GD:O) e mostrar (GD:M) objetos a ele, tanto como forma de chamar sua atenção, que ainda se apresenta flutuante, quanto para tentar acalmá-lo quando ele chorava. A esse gesto a mãe atribui um significado e realiza uma ação correspondente, como pode ser visto nos trechos a seguir:

Exemplo 1:

\*CHI: 0.

%act: olha para baixo e estende o braço direito na direção do berço, com a mão aberta.

\*MOT: tu qué o que, hein? Qué ir pro berço? Mamãe bota você no bercinho.

%act: coloca o bebê dentro do berço e o segura em pé.

Exemplo 2:

- \*CHI: 0.  
 %act: estende as mãos na direção de um brinquedo circular com teclas coloridas que está sobre o colchão, olhando na direção dele.  
 \*MOT: qué tocá é? Tu gosta de ouvir hein, uma discotecinha hein?  
 %act: pressiona o botão central do brinquedo, fazendo-o tocar uma música.

Aos nove meses o bebê utilizou com menos frequência o gesto de alcançar e começou a se comunicar também por meio dos gestos representativos de objeto e convencionais (GR:C). O uso de brinquedos durante a interação justifica a frequência dos gestos representativos de objeto como, por exemplo, empurrar um carrinho de bebê de brinquedo e jogar uma bola. Sendo assim, o bebê já demonstra ter uma compreensão acerca do uso adequado de cada um desses objetos, entendimento que se desenvolve nas interações em que a mãe os utiliza na presença da criança.

#### Exemplo 1:

- \*MOT: ahān, carrinho de novo?  
 %act: puxa para perto de si e do bebê o carrinho de bebê que estava do lado esquerdo da criança.  
 \*CHI: ãn.  
 %act: leva a mão esquerda até o carrinho e o empurra.  
 \*MOT: é o carrinho.  
 %act: apoia o bebê enquanto ele caminha empurrando o carrinho.  
 \*CHI: 0.  
 %act: caminha empurrando o carrinho com a mão esquerda.

#### Exemplo 2:

- \*CHI: ê.  
 %act: com a mão direita, pega a bola amarela que está na mão da mãe e a joga no chão.  
 \*MOT: eita.  
 %act: rindo, vai até onde a bola caiu e a pega.  
 \*CHI: 0.  
 %act: a mãe fica na frente do bebê, portanto não é possívelvê-lo.  
 \*MOT: toma joga de novo.  
 %act: oferece a bola amarela ao bebê.  
 \*CHI: ãn.  
 %act: pega a bola com a mão direita e a joga no chão.

Os gestos representativos convencionais também foram utilizados, embora em menor número, no contexto de uma brincadeira proposta pela mãe e compartilhada pelo bebê, como pode ser visto a seguir:

- \*MOT: dedo mindinho, vâmo fazê dedo mindinho, vâmo?  
 %act: fica com a palma da mão aberta, apoiada sobre a perna.

\*CHI: eiei.

%act: olha na direção da mãe, eleva a mão esquerda com a palma aberta e, com a mão direita, mantém apenas o indicador esticado. Aproxima o indicador direito da palma da mão esquerda.

O bebê utilizou o apontar canônico em duas ocasiões aos nove meses. Primeiramente apresentou um gesto com esta configuração, contudo não foi possível ver se estava direcionado a um objeto. Além disso, a mãe não interpretou ou respondeu a tal gesto, e permaneceu cantando:

\*CHI: 0.

%act: sorri olhando em direção à câmera, segurando o sapo com a mão esquerda. Caminha alguns passos, apoiado pela mãe, e estende o braço direito para a frente, com o dedo indicador esticado, apontando.

\*MOT: o sapo o sapo na beira da lagoa não tem não tem rabinho nem orelha.

%act: apoia o bebê com a mão, olhando na direção dele e cantando.

Ainda durante esta idade, o bebê utilizou o apontar canônico, mas este foi interpretado pela mãe não como relacionado a um objeto específico, mas sim a uma brincadeira, como pode ser visto a seguir:

\*CHI: aê.

%act: senta-se no chão, de frente para a mãe, e estende o braço direito com a mão em gesto de apontar com o indicador.

\*MOT: dedo mindinho.

%act: pega a mão direita do bebê.

Na ocasião da brincadeira, quando o bebê utilizou o gesto com a configuração do apontar canônico, embora não relacionado a nenhum objeto específico, este foi categorizado como um sendo um gesto representativo convencional, por entendermos que ele estava sendo utilizado mais como parte da brincadeira do que como forma de chamar a atenção da mãe para um objeto ou para solicitar algo.

Aos 12 meses o gesto de alcançar não foi mais observado e os gestos representativos mantiveram quase a mesma frequência apresentada aos 9 meses, o que pode ter sido influenciado pelo contexto. Uma das atividades presentes na interação da diáde e que favoreceram o uso dos gestos representativos convencionais foi cantar parabéns batendo palmas, como ilustra o trecho a seguir:

\*MOT: vâmo cantar parabéns pra Cadu, vâmo?

%act: fala olhando na direção do bebê.

\*CHI: 0.

%act: olha na direção da mãe e começa a bater palmas, sorrindo.

\*MOT: parabéns pra você nessa data querida, muitas felicidades muitos anos de vida.

%act: bate palmas enquanto canta, sorrindo.

A ação descrita acima se repete outras vezes durante a interação. Os gestos representativos de objeto, por sua vez, foram utilizados em situação de brincadeira envolvendo a montagem de um quebra-cabeça em que peças de diferentes formatos deveriam ser encaixadas em um orifício correspondente localizado em um caminhão de plástico. Mesmo que não colocasse o objeto no local correto, as tentativas do bebê demonstraram que ele compreendia qual ação deveria ser realizada utilizando aqueles dois elementos, a peça e o caminhão.

\*MOT: 6.

%act: pega a peça que caiu no chão e a encaixa no caminhão.

\*CHI: 0.

%act: encaixa a peça que havia ficado em sua mão no orifício do caminhão ao mesmo tempo em que a mãe, olhando na direção do brinquedo.

\*MOT: eita tu colocou bebê, tu conseguiu!

%act: olha em direção ao bebê.

O gesto de oferecer foi observado pela primeira vez aos 12 meses, sendo esta uma das duas crianças do estudo que utilizaram este gesto. A seguir, apresentamos o contexto em que esta forma de comunicação foi utilizada:

\*CHI: hum.

%act: fica em pé e estende o braço com que segura a tartaruga na direção da mãe.

\*MOT: esse aqui é, é?

%act: segura a tartaruga com as duas mãos e olha na direção do bebê, tocando na roda do brinquedo.

Na sequência, apresentaremos as frequências dos gestos utilizados pela mãe durante as situações de observação.

### Gestos utilizados pela mãe

Tabela 5

*Frequências dos gestos dêiticos e representativos utilizados pela mãe da diáde 2 aos 6, 9 e 12 meses de idade do bebê em situação de brincadeira livre.*

| Gestos                 | Idades  |         |          | Total      |
|------------------------|---------|---------|----------|------------|
|                        | 6 meses | 9 meses | 12 meses |            |
| <b>Dêiticos</b>        |         |         |          |            |
| <i>GD:A</i>            | 0       | 0       | 0        | 0          |
| <i>GD:M</i>            | 15      | 5       | 3        | 23         |
| <i>GD:O</i>            | 18      | 10      | 7        | <b>35</b>  |
| <i>GD:RS</i>           | 0       | 0       | 0        | 0          |
| <i>GD:S</i>            | 0       | 0       | 4        | 4          |
| <i>GD:APC</i>          | 0       | 0       | 14       | 14         |
| <i>GD:APM</i>          | 1       | 0       | 1        | 2          |
| <b>Representativos</b> |         |         |          |            |
| <i>GR:O</i>            | 0       | 6       | 26       | 32         |
| <i>GR:C</i>            | 4       | 9       | 16       | 29         |
| Total                  | 38      | 30      | 71       | <b>139</b> |

Como observado na Tabela 5, o gesto dêitico mais utilizado pela mãe da diáde 2 foi o de oferecer (*GD:O*) ( $f=35$ ), apresentando um declínio conforme a idade do bebê avançava. Enquanto isso, as duas modalidades de gestos representativos foram utilizadas com frequências semelhantes, sendo  $f=32$  para os gestos representativos de objeto (*GR:O*) e  $f=29$  para os gestos representativos convencionais (*GR:C*), tendo apresentado um aumento após os nove meses.

Durante as observações aos seis meses a mãe e o bebê permaneceram próximos um ao outro no chão, onde havia brinquedos, os quais a mãe mostrou e ofereceu ao bebê, buscando chamar a sua atenção. Contudo, a mãe e a criança ainda não apresentaram uma interação triádica com tais objetos e o bebê algumas vezes pegava o objeto oferecido e outras vezes o ignorava.

Neste período os comportamentos de coçar os olhos e chorar, sendo interpretados pela mãe como sono e desconforto, levaram-na a ficar mais tempo com o bebê no colo, segurando-o ou amamentando-o, do que efetivamente brincando com ele. O choro do bebê pode ter feito com que a mãe utilizasse demonstrações de afeto com uma maior frequência se

comparado aos períodos posteriores. Esta situação de cuidado do adulto para com a criança pode não ter facilitado a criação de muitas oportunidades para o uso de brinquedos ou o desenvolvimento de outras atividades.

Aos nove meses mãe e bebê criaram mais oportunidades de interagir em brincadeiras com ou sem objetos. No primeiro caso, os gestos representativos de objeto foram utilizados pela mãe enquanto ela empurrava um carrinho e quando brincava de bola com o bebê, como pode ser visto a seguir:

\*MOT: isso.  
 %act: pega a bola e a faz quicar no chão. Em seguida, deixa a bola cair no chão.  
 \*CHI: 0.  
 %act: quando a mãe joga a bola, olha em direção ao objeto e permanece com as mãos abertas. Quando a bola cai no chão, inclina o corpo na direção do brinquedo.

Os gestos representativos convencionais foram utilizados tanto em situações de brincadeiras quanto como forma de a mãe se comunicar com o bebê, sinalizando uma afirmativa ou o chamando, como pode ser visto a seguir:

\*MOT: é vâmo.  
 %act: aproxima-se do bebê e faz sinal de “sim” com a cabeça.  
 \*CHI: 0.  
 %act: fica em posição de gatinhas.  
 \*MOT: vem cá pra mamãe fazê dedo mindinho, vem pra mamãe fazê.  
 %act: estende o braço direito em direção ao bebê.  
 \*CHI: 0.  
 %act: vira-se e olha em direção à mãe, ainda em posição de gatinhas.  
 \*MOT: vem, se tu vim mamãe faz vem.  
 %act: chama o bebê, fazendo gesto de chamar com as duas mãos, mantendo a palma para cima e movimentando os dedos.

Quando o bebê estava com 12 meses de idade a mãe utilizou pela primeira vez o gesto de apontar (GD:APC), repetindo-o 14 vezes. Desse total, o bebê respondeu a duas, seguindo o apontar da mãe com o olhar, e na terceira ocasião obedeceu ao que a mãe solicitou, como pode ser visto no trecho a seguir:

\*MOT: pega a tartaruga ali pra mim brincar ó.  
 %act: coloca a fralda sobre o sofá e senta-se na frente dele. Aponta com o indicador direito em direção à tartaruga, olhando na direção do brinquedo.  
 \*CHI: ãidá aun.  
 %act: olha na direção do apontar da mãe e caminha em direção à tartaruga, pegando-a em seguida com a mão

- direita.
- \*MOT: 0.
- %act: olha na direção da tartaruga e depois do bebê.
- \*CHI: 0.
- %act: apenas parte do brinquedo fica em sua mão. Vira-se na direção da mãe e estende o braço com o qual segura o casco da tartaruga na direção da cabeça dela.
- \*MOT: 0.
- %act: leva as mãos na direção do brinquedo e, junto com o bebê, o coloca na sua cabeça.
- \*CHI: dãndã.
- %act: olha em direção à mãe e sorri.

O gesto de solicitar (GD:S) foi utilizado pela mãe apenas neste último período, embora não tenha sido respondido pelo bebê em nenhuma das situações, mesmo que ele parecesse estar atento à ação, como pode ser observado no seguinte trecho:

- \*MOT: 0.
- %act: estende as duas mãos com a palma para cima na direção do bebê, olhando para ele e sorrindo.
- \*CHI: dê.
- %act: olha para trás e depois na direção da mãe, caminhando em direção a ela.
- \*MOT: é, cadê?
- %act: mantém as mãos estendidas em direção ao bebê.
- \*CHI: hän.
- %act: faz um movimento de jogar a bola na direção da mãe, contudo não a solta.

Ainda acerca dos 12 meses, os gestos mais frequentes neste período foram os gestos representativos tanto para a mãe quanto para o bebê, estando os valores bastante próximos. Isso pode demonstrar que houve uma sintonia nas atividades realizadas pela diáde nesta idade, de modo que quando um utilizava determinado tipo de gesto para se comunicar, o outro dava continuidade à interação por meio do mesmo tipo de ação. A seguir serão apresentadas as atribuições maternas aos gestos comunicativos do bebê.

#### Atribuições de significado

Tabela 6

Atribuições de significado maternas aos gestos do bebê aos 6, 9 e 12 meses de idade (diáde 2).

| Atribuições de significado | Idade   |         |          | Total     |
|----------------------------|---------|---------|----------|-----------|
|                            | 6 meses | 9 meses | 12 meses |           |
| A:P                        | 7       | 4       | 4        | 15        |
| A:V                        | 22      | 15      | 4        | <b>41</b> |
| A:C                        | 2       | 3       | 1        | 6         |
| A:D                        | 6       | 1       | 4        | 11        |
| A:N                        | 5       | 0       | 1        | 6         |

|       |    |    |    |    |
|-------|----|----|----|----|
| Total | 42 | 23 | 14 | 79 |
|-------|----|----|----|----|

A atribuição de significado mais utilizada pela mãe da diáde 2 foi a de volição (A:V), correspondendo a mais da metade do total, conforme pode ser observado na Tabela 6. Nota-se também que a frequência com que a mãe atribuiu significados aos comportamentos do bebê diminuiu conforme o desenvolvimento dele.

Comportamentos como direção do olhar, movimentos do corpo e gestos de alcançar levaram a mãe a atribuir vontades, preferências e necessidades ao bebê já aos seis meses. Os trechos a seguir demonstram que a mãe realizou ações coerentes a tais atribuições:

#### Exemplo 1:

\*CHI: 0.  
 %act: bate a mão no brinquedo fazendo-o cair da mão da mãe e, em seguida, abaixa a cabeça e coça o olho com a mão esquerda.  
 \*MOT: ô meu Deus do céu. Com soninho, <qué deitá qué> [>] , um pouquinho qué?  
 %act: coloca o bebê em pé no colo, o abraça e se levanta.

#### Exemplo 2:

\*CHI: 0.  
 %act: olha para baixo e estende o braço direito na direção do berço, com a mão aberta. O indicador parece esticado por um breve momento.  
 \*MOT: tu qué o que, hein? Qué ir pro berço? Mamão bota você no berçinho.  
 %act: coloca o bebê dentro do berço e o segura em pé.

#### Exemplo 3:

\*CHI: 0.  
 %act: estende as mãos em direção a um brinquedo circular com teclas coloridas que está sobre o colchão, olhando em direção a ele.  
 \*MOT: qué tocá é? Tu gosta de ouvi hein, uma discotecazinha hein?  
 %act: pressiona o botão central do brinquedo, fazendo-o tocar uma música.

Acerca especificamente das atribuições de volição, a sua frequência pode ser explicada pelo fato de que a mãe diversas vezes perguntava ao bebê sobre o que ele preferia, mesmo sabendo que nenhuma resposta verbal seria obtida. Além disso, os momentos em que o bebê chorou aos seis e aos nove meses também suscitararam atribuições maternas de volição,

visto que ao 12 meses, quando o bebê não apresentou este tipo de comportamento, esta modalidade de atribuição diminuiu significativamente. Os trechos a seguir ilustram esta situação:

**Exemplo 1:**

\*MOT: qué ficá em pé ou qué ficá sentado? Escolhe.

%act: segura o bebê em pé sobre o tapete, segurando sob os seus braços com as duas mãos, de modo que a criança fique de costas para ela.

**Exemplo 2:**

\*CHI: uss uss ahãããñ.

%act: tosse e continua a chorar.

\*MOT: eita tá tussino? Eita que tosse mamãe. Oh toma toma.

%act: coloca a mamadeira na boca do bebê e o deita no seu colo.

\*CHI: hum.

%act: suga a mamadeira e para de chorar.

\*MOT: hum, qué leite é? Por que não tomou todos aquela hora que mainha deu?

%act: ajeita o bebê no seu colo e segura a mamadeira na sua boca.

Por meio dos exemplos, nota-se o quanto as atribuições maternas são importantes durante a interação, pois é por meio daquilo que ela considera que o bebê deseja comunicar que regula o seu comportamento em relação a ele.

**Descrição dos episódios interativos**

6 meses

Durante a observação aos seis meses a díade estava no quarto, sobre um tapete, a mãe apenas segurando o bebê em pé e fazendo comentários enquanto a criança olhava em volta, sem focar em nada específico. Esta situação permaneceu até que a mãe pegou uma caixa com brinquedos e mostrou ao bebê, que começou a manipular o objeto. A partir do momento em que o bebê demonstrou interesse pela caixa, a mãe o auxiliou, mantendo-a próxima da criança, pegando-a quando ela caía no chão para oferecer ao bebê ou ajudando a própria criança a alcançá-la. Nesse sentido, a mãe demonstrou estar atenta aos interesses do bebê e buscou manter a interação dando continuidade ao que ele iniciou. Em outro momento, a mãe

ofereceu um brinquedo para o bebê, enquanto ele demonstrava estar interessado no berço, olhando em direção ao objeto e tentando alcançá-lo. A mãe passou grande parte do tempo observando o bebê enquanto o segurava em pé até que, quando ele demonstrou estar com sono, ela o colocou no colo e depois o amamentou. Tais situações de cuidado foram predominantes durante a observação, não havendo muitas oportunidades de interação com uso de brinquedos ou mesmo de brincadeiras entre mãe e bebê.

Durante outra situação na observação aos seis meses, a diáde estava sentada sobre uma colcha, na área externa da casa, onde havia diversos brinquedos espalhados. A mãe chamou a atenção do bebê para um cachorro bordado sobre a colcha que estava no chão e, em seguida, pegou um balde com brinquedos e despejou os objetos aos pés do bebê, propondo que eles brincassem. A mãe segue mostrando objetos enquanto falava e olhava em direção à criança. A atenção do bebê passou de um objeto a outro, como pode ser visto no trecho a seguir, que ilustra uma das diversas vezes em que isso ocorreu:

\*MOT: ó ó ó a bolinha.

%act: pega uma bola que estava no chão e a chacoalha na frente do rosto do bebê, soltando-a no chão ao lado do bebê logo em seguida.

\*CHI: 0.

%act: estende os braços na direção da bola e olha na direção dela. Quando a bola cai, olha para o lado oposto, pega o mordedor que está do seu lado direito e balança o braço com movimentos amplos.

O trecho a seguir mostra como a própria mãe não elegeu apenas um objeto para interagir com o bebê, mas mostrou diversos em um curto espaço de tempo:

\*MOT: ó é mais interessante.

%act: pega o mordedor e o mostra ao bebê, balançando-o na frente do rosto dele.

\*CHI: 0.

%act: olha em direção ao mordedor e estende o braço direito em sua direção com as mãos abertas, segurando-o em seguida e balançando o braço.

\*MOT: tu pode pegá, mexê.

%act: pega um tigre de plástico que está ao lado do bebê e o coloca no chão, na frente dele.

\*CHI: 0.

%act: segura o mordedor com a mão direita, encostando-o no chão e olhando para baixo.

\*MOT: cadê a ovelhinha de Cadu? Ó a ovelhinha.

%act: pega uma ovelha azul de pelúcia que estava atrás do bebê e a mostra a ele, colocando-a na sua frente e movendo-a com a mão.

Embora a interação tenha se caracterizado mais pela descontinuidade, em alguns momentos foram observados episódios em que houve uma comunicação efetiva, como quando a criança demonstrou interesse na mamadeira que estava no chão e a mãe respondeu adequadamente:

- \*CHI: 0.
- %act: inclina-se para frente, estende os dois braços na direção da mamadeira que está no chão e toca o objeto com a mão direita.
- \*MOT: eu dô eu dô.
- %act: tenta manter o bebê em pé, afastando-o da mamadeira.
- \*CHI: hân hân.
- %act: olha em direção à mamadeira e estende o braço direito na mesma direção, com a mão aberta e choramingando.
- \*MOT: vâmo vâmo vâmo vâmo mainha dâ.
- %act: coloca o bebê no colo, pega a mamadeira e a coloca na boca do bebê.

Neste recorte percebe-se que aos seis meses o bebê já é capaz de utilizar recursos como choro, vocalização, direção do olhar e gesto de alcançar e para comunicar uma necessidade e ser atendido pela mãe.

### 9 meses

Durante a observação aos nove meses uma atividade bastante presente foi a de cantar e dançar. Enquanto cantava, a mãe fazia com que o bebê movimentasse o corpo junto com ela, bem como movimentava um sapo de pelúcia com a mão, fazendo o brinquedo “dançar”. Esta ação foi repetida pelo bebê, como pode ser visto a seguir:

- \*MOT: uáquaquá uáquaquá uáquaquáquaquá.
- %act: balança o sapo que restou na outra mão na frente do bebê.
- \*CHI: 0.
- %act: movimenta a mão direita, com a qual segura o sapo, para cima e para baixo, olhando em direção ao objeto e depois em direção ao rádio. Com a mão esquerda, segura o brinquedo que mantém na boca.
- \*MOT: se você quiser brincar vem com a gente vem dançar.
- %act: balança o sapo de pelúcia na frente do bebê, cantando.
- \*CHI: 0.
- %act: olha em direção à câmera, segurando o sapo com a mão direita, balançando o braço enquanto mantém o outro brinquedo na boca. Em seguida, olha em direção ao rádio e depois para de movimentar os braços, colocando a mão próxima à perna da mãe, ainda segurando o sapo com a mão direita.

A atividade de cantar continuou em seguida, quando a mãe colocou outra música. Enquanto ela cantava e olhava em direção ao bebê, ele permaneceu olhando em direção a

objetos presentes no ambiente, como um rádio e um ventilador, e não acompanhou a atividade com a mãe. Quando ela tentou incluí-lo na brincadeira, balançando o corpo dele para os lados no ritmo da música, ele chorou.

Em outra situação observada aos nove meses de idade houve um maior número de situações com a presença de brinquedos e ações da mãe no sentido de mostrar ao bebê como manipular determinados objetos de seu meio como, por exemplo, quando ela empurrou um carrinho e o bebê fez o mesmo em seguida:

\*MOT: olha sobe e desce ó, tá vendo? Ele sobre e desce.

%act: puxa o carrinho para dentro e para fora da sala através da porta, onde há um degrau.

\*CHI: 0.

%act: fica em posição de gatinhas e leva a mão direita até o carrinho, puxando-o e empurrando-o do modo como a mãe estava fazendo anteriormente.

\*MOT: sim sobe e desce.

%act: coloca as mãos na cintura do bebê.

\*CHI: 0.

%act: puxa o carrinho para dentro da casa com a mão esquerda.

Ainda acerca das situações em que mãe e bebê compartilharam ações com objetos, tanto na interação com o carrinho de bebê quanto em uma atividade de jogar bola, a mãe rotulava as atividades e os objetos, ao dizer “quer empurrar o carrinho né? Empurra, empurra” enquanto a criança realizava o movimento, ou falando “cadê a bola? Eita vâmo jogá, eita vâmo jogá?” quando jogava a bola para cima. Visto que nas duas situações o bebê olhava em direção à situação, parecendo estar atento a ela, este comportamento da mãe pode ser considerado essencial para que o bebê passe a compreender as primeiras palavras.

### 12 meses

Durante a observação aos 12 meses, mãe e bebê encontravam-se inicialmente na sala, onde havia brinquedos. Um primeiro episódio interativo ocorreu quando a mãe propôs ao bebê que eles cantassem parabéns, ao que o bebê respondeu de imediato, como pode ser visto a seguir:

- \*MOT: vâmo cantá parabéns pra Cadu vâmo?  
 %act: fala olhando em direção ao bebê.  
 \*CHI: 0.  
 %act: olha em direção à mãe e começa a bater palmas, sorrindo.  
 \*MOT: parabéns pra você nessa data querida, muitas felicidades muitos anos de vida.  
 %act: bate palmas enquanto canta, sorrindo.  
 \*CHI: 0.  
 %act: sem parar de bater palmas, olha na direção das suas mãos e depois da câmera.  
 \*MOT: êêê viva o Cadu!  
 %act: bate palmas enquanto grita, sorrindo.  
 \*CHI: 0.  
 %act: olha em direção ao rosto da mãe e, quando ela grita seu nome, para de bater palmas e ri.

Nota-se ainda que a mãe utilizou apenas palavras para propor a atividade ao bebê, não gesticulando, mas a criança pareceu compreender o significado da palavra e começou a bater palmas. Esta atividade ainda se repetiu mais uma vez, quando o bebê começou a bater palmas e a mãe interpretou que ele desejava que ela recomeçasse a cantar, o que ela fez.

Nos momentos seguintes a mãe apenas observou o bebê enquanto ele manipulava uma caixa de som e uma vaca de plástico, fazendo comentários sobre a situação. Em seguida, ela iniciou uma brincadeira que chamou de “dedo mindinho”. A atividade consistia em tocar em cada um dos dedos do bebê enquanto os nomeava. Um pequeno trecho é mostrado a seguir:

- \*MOT: dedo mindinho, seu vizinho, <maior de todos> [>], fura bolo, cata piolho.  
 %act: toca em cada dedo do bebê enquanto fala.  
 \*CHI: <ahá> [<].  
 %act: olha em direção ao rosto da mãe, sorrindo. Em seguida, olha na direção do seu lado direito, ainda sorrindo.  
 \*MOT: cadê o <queijinho> [>] que tava aqui?  
 %act: segura a palma da mão do bebê para cima e a toca com o indicador.  
 \*CHI: <ahân> [<].  
 %act: olha em direção à sua mão e ri.  
 \*MOT: o rato comeu!  
 %act: faz cócegas no braço do bebê e o abraça.  
 \*CHI: 0.  
 %act: deita a cabeça no colo da mãe sorrindo. Em seguida, fica sentado novamente e faz um gesto de apontar com a mão direita, tocando o indicador direito na mão esquerda.  
 \*MOT: faz de novo aí.  
 %act: mostra a palma da mão aberta ao bebê.  
 \*CHI: 0.  
 %act: com o indicador direito, toca cada um dos dedos da mãe enquanto ela fala.

Em outro contexto da observação aos 12 meses, destacou-se a presença de brinquedos de montar que permitiram o surgimento de atividades de cooperação entre mãe e bebê, configurando situações em que ambos estavam engajados no encaixe de peças de um quebra-

cabeça. Os incentivos da mãe, sob a forma de gestos afirmativos e sorrisos, e a continuidade que ela dava à brincadeira estimularam o bebê a também continuar na atividade, a qual se estendeu por grande parte desta observação:

\*CHI: 0.  
 %act: olhando em direção ao caminhão, coloca a peça amarela no orifício correto.  
 \*MOT: sim.  
 %act: faz um gesto positivo com a cabeça.  
 \*CHI: 0.  
 %act: solta a peça, de modo que ela cai dentro do caminhão.  
 \*MOT: É, muito bem!  
 %act: bate palmas e sorri, alternando o olhar entre o bebê e o caminhão.

Durante os episódios interativos centrados nesta atividade, a mãe demonstrou ao bebê como proceder com os objetos, como na situação a seguir, que se repetiu diversas vezes durante esta observação:

\*MOT: ó esse aqui ó, Cadu olha.  
 %act: encaixa a peça no orifício do caminhão, mas não a empurra.  
 \*CHI: 0.  
 %act: com a peça na boca, olha na direção do caminhão.  
 \*MOT: olha. Tá vendo como é?  
 %act: empurra a peça e ela cai dentro do caminhão.  
 \*CHI: 0.  
 %act: retira a peça da boca e estende o braço na direção do caminhão.

A interação com o caminhão de brinquedo demonstra que o bebê já é capaz de concentrar sua atenção por um período de tempo suficiente para o estabelecimento de atividades conjuntas que trazem em si a oportunidade de aprendizagem acerca do meio em que se encontra. A atividade terminou apenas quando a mãe limpou o rosto do bebê com uma fralda e a criança chorou e deitou sobre a sua perna. Em seguida, o bebê saiu da sala e foi até o quarto e, quando voltou, trazia uma bola nas mãos:

\*CHI: tun.  
 %act: olhando em direção à mãe, faz movimentos com o braço em que está a bola.  
 \*MOT: tun tun tun tun!  
 %act: pega a bola que está na mão do bebê e a joga para cima quatro vezes, sorrindo e olhando para ele.  
 \*CHI: 0.  
 %act: olha em direção à mãe.  
 \*MOT: agora é a tua vez.  
 %act: estende a mão com a qual segura a bola na direção do bebê.  
 \*CHI: 0.  
 %act: olha em direção à bola e a pega com a mão direita.

Esta atividade continuou enquanto mãe e bebê jogavam a bola um para o outro, até o fim da observação. Neste último período destaca-se, portanto, o papel mediador da mãe enquanto o bebê interage com os objetos, não mais apenas manipulando-os, mas utilizando-os de acordo com as funções para as quais foram desenvolvidos, tornando-se capaz de atuar diante deles do modo determinado pela cultura em que está inserido. Na seção seguinte trataremos dos resultados obtidos por meio das observações realizadas com a diáde 3.

#### 4.3. Diáde 3 - Carolina

##### Gestos utilizados pelo bebê

Tabela 7

*Frequências dos gestos dêiticos e representativos utilizados pelo bebê da diáde 3 aos 6, 9 e 12 meses de idade em situação de brincadeira livre.*

| Gestos                 | Idades  |         |          | Total     |
|------------------------|---------|---------|----------|-----------|
|                        | 6 meses | 9 meses | 12 meses |           |
| <b>Dêiticos</b>        |         |         |          |           |
| <i>GD:A</i>            | 20      | 8       | 10       | <b>38</b> |
| <i>GD:M</i>            | 0       | 1       | 1        | 2         |
| <i>GD:O</i>            | 0       | 0       | 0        | 0         |
| <i>GD:RS</i>           | 0       | 0       | 0        | 0         |
| <i>GD:S</i>            | 0       | 0       | 0        | 0         |
| <i>GD:APC</i>          | 0       | 0       | 0        | 0         |
| <i>GD:APM</i>          | 0       | 6       | 2        | 8         |
| <b>Representativos</b> |         |         |          |           |
| <i>GR:O</i>            | 0       | 1       | 12       | 13        |
| <i>GR:C</i>            | 0       | 3       | 10       | 13        |
| Total                  | 20      | 19      | 35       | <b>74</b> |

De acordo com os valores da Tabela 7, o gesto dêitico utilizado com maior frequência pelo bebê da diáde 3 foi o de alcançar (GD:A). O bebê utilizou ainda o gesto de mostrar (GD:M) e o apontar com a mão (GD:APM). Os gestos representativos foram observados a partir dos nove meses e apresentaram um crescimento acentuado aos 12.

Durante a observação aos seis meses, a diáde estava sentada no sofá da sala e, inicialmente, a mãe alimentava a criança com uma maçã. O adulto fazia comentários acerca da situação e o bebê alternava o olhar entre a maçã e a câmera. Esta situação de cuidado é comum na interação diádica nos primeiros meses de vida, quando o bebê ainda depende do cuidador para atender às suas necessidades primárias e o atendimento deve ser imediato. Assim como nos outros bebês observados, o gesto de alcançar foi o mais comum nesta fase, sendo que a criança estendeu os braços em direção a algo após a mãe ter mostrado ou apontado para o objeto, como no trecho a seguir:

\*MOT: olha pra aqui.

%act: toca no lustre com a mão, olhando em direção ao objeto e depois para o bebê.

\*CHI: 0.

%act: olha em direção ao lustre e estende o braço direito, com as mãos abertas, na direção do objeto.

Aos nove meses o gesto de alcançar foi observado em uma situação em que a mãe não chamou a atenção do bebê mostrando ou apontando, embora tenha olhado em direção ao objeto, como pode ser visto no exemplo a seguir:

\*MOT: quem é?

%act: inclina-se para o seu lado direito e fala próximo ao rosto do bebê, olhando em direção a ele.

\*CHI: abu gá.

%act: fica em posição de gatinhas e olha em direção à janela, do seu lado direito. Estende o braço direito, com a mão aberta, na mesma direção.

Ainda aos nove meses foi observado pela primeira vez o gesto de apontar com a mão, logo após um gesto representativo convencional (GR:C) da mãe:

\*MOT: peça, faça assim ó, dá isso dá dá!

%act: olha em direção à câmera e, com a palma da mão para cima, movimenta os dedos abrindo e fechando a mão.

\*CHI: 0.

%act: olha em direção à mão da mãe estende o braço direito, com a mão aberta.

Em seguida, durante a mesma observação, o bebê apontou espontaneamente em direção a um objeto e a mãe prontamente atendeu, interpretando o gesto da criança como uma solicitação. Sendo assim, o bebê demonstrou interesse pelo brinquedo e a mãe deu

continuidade à interação com foco neste objeto, o que sugere que a diáde estava sintonizada durante a atividade, como pode ser visto a seguir:

- \*CHI: 0.
- %act: estende o braço esquerdo, com a mão aberta, na direção de um pato que está no chão, mas não é possível ver a direção do seu olhar.
- \*MOT: olha cadê Carolina?
- %act: pega um pato de pelúcia que está no chão e o segura na frente do bebê.

O bebê da diáde três foi o único que utilizou o gesto dêitico de mostrar durante as observações aos nove meses. Não é possível afirmar que a criança desejava efetivamente mostrar o objeto à observadora, contudo, a ação realizada estava de acordo com as características estabelecidas para que o gesto fosse incluído nesta categoria. Além disso, a mãe interpretou o comportamento do bebê como tal:

- \*CHI: é etê.
- %act: ainda olhando em direção à câmera, estende o braço com o qual segura o livro para frente. Em seguida, segura o livro com as duas mãos e olha na direção do objeto.
- \*MOT: cê tá mostrando pra ela é, hun hun?
- %act: pega a boneca Suzy que está no chão e a coloca sentada em frente ao bebê.

Aos nove e 12 meses a frequência do gesto de alcançar diminuiu e se manteve em um nível semelhante. Os gestos representativos foram observados apenas aos nove meses, ainda com pouca ocorrência, e aumentaram sua frequência aos 12 meses. Aos nove e aos 12 meses foram observados os gestos representativos convencionais (GR:C), os quais ocorreram em um contexto de brincadeira de esconder e aparecer em que a mãe cobria o rosto para que o bebê o descobrisse:

- \*MOT: 0.
- %act: esconde o rosto com as duas mãos abertas e aproxima-se do bebê.
- \*CHI: ehêñ ê.
- %act: sorri e leva a mão direita até a mão que cobre o rosto da mãe.
- \*MOT: 0.
- %act: permanece escondendo o rosto com as duas mãos.
- \*CHI: êêê.
- %act: sorrindo e olhando em direção à mãe, toca as mãos da mãe com as duas mãos e tenta puxá-las.
- \*MOT: achou!
- %act: retira as mãos do rosto, revelando-se e sorrindo.

Além do gesto representativo convencional, aos 12 meses observou-se pela primeira vez o bebê utilizando gestos representativos de objeto (GR:O), ao apagar a luz do cômodo

pressionando um interruptor e ao dirigir um triciclo, utilizando estes objetos de acordo com a função para a qual foram desenvolvidos em sua cultura:

**Exemplo 1:**

\*CHI: 0.  
 %act: com o polegar direito, pressiona o interruptor e apaga a luz.  
 \*MOT: êêê.  
 %act: afasta o bebê da parede

**Exemplo 2:**

\*CHI: 0.  
 %act: olha em direção à mãe e, em seguida, olha em direção à câmera e arrasta-se com o triciclo em direção ao aparelho.  
 \*MOT: não tá vendo que não dá pra passar?  
 %act: olhando em direção ao bebê e sorrindo, puxa o triciclo para perto de si, de modo que o bebê fique de frente.  
 \*CHI: é!  
 %act: olha em direção à mãe e vocaliza.  
 \*MOT: não, vai pra varanda não!  
 %act: olha em direção ao bebê.

O bebê utilizou também o choro para se comunicar, tanto aos seis quanto aos 12 meses, o que levou a mãe a executar uma ação que eliminasse este comportamento. Nos exemplos a seguir, o bebê demonstrou estar satisfeito com a resposta dada pela mãe pois, nas duas situações, parou de chorar:

**Exemplo 1:**

\*CHI: 0.  
 %act: olha em direção à maçã e chora.  
 \*MOT: não! Tá bom, mamãe vai dar, mamãe dá, mamãe dá, tá certo.  
 %act: raspa a maçã com a colher e a leva até a boca do bebê.  
 \*CHI: 0.  
 %act: abre a boca para receber a colher, mastiga e para de chorar.

**Exemplo 2:**

\*CHI: áááh!  
 %act: chora.  
 \*MOT: mamãe bota, mamãe bota.  
 %act: puxa o triciclo para perto de si e olha em direção ao bebê.  
 \*CHI: ahá.  
 %act: chora olhando em direção ao triciclo.  
 \*MOT: mamãe bota, já vai. Pronto pronto pronto.  
 %act: coloca o bebê sentado no triciclo.

\*CHI: hän.

%act: para de chorar e arrasta o triciclo para o seu lado direito e depois para frente, afastando-se da mãe.

Na sequência, apresentaremos os resultados obtidos acerca dos gestos utilizados pela mãe durante as situações de brincadeira livre.

### Gestos utilizados pela mãe

Tabela 8

*Frequências dos gestos dêiticos e representativos utilizados pela mãe da diáde 3 aos 6, 9 e 12 meses de idade do bebê em situação de brincadeira livre.*

| Gestos                 | Idades  |         |          | Total      |
|------------------------|---------|---------|----------|------------|
|                        | 6 meses | 9 meses | 12 meses |            |
| <b>Dêiticos</b>        |         |         |          |            |
| <i>GD:A</i>            | 0       | 0       | 0        | 0          |
| <i>GD:M</i>            | 27      | 16      | 17       | <b>60</b>  |
| <i>GD:O</i>            | 1       | 1       | 0        | 2          |
| <i>GD:RS</i>           | 0       | 0       | 0        | 0          |
| <i>GD:S</i>            | 0       | 0       | 0        | 0          |
| <i>GD:APC</i>          | 1       | 4       | 1        | 6          |
| <i>GD:APM</i>          | 6       | 0       | 1        | 7          |
| <b>Representativos</b> |         |         |          |            |
| <i>GR:O</i>            | 0       | 0       | 4        | 4          |
| <i>GR:C</i>            | 10      | 22      | 33       | <b>65</b>  |
| Total                  | 45      | 43      | 56       | <b>144</b> |

O gesto dêitico materno mais presente foi o de mostrar (GD:M), como pode ser visto na Tabela 8. Com relação aos gestos representativos, estes totalizaram 69, dos quais 65 foram gestos representativos convencionais (GR:C). Nota-se que esta mãe apresentou pouca variabilidade em seu repertório de gestos, visto que os dois gestos citados representaram quase 87% do total.

Acerca do gesto de mostrar, este foi utilizado em todas as fases estudadas, embora tenha sido o mais frequente aos seis meses de idade do bebê, perdendo espaço para o gesto representativo convencional nas duas idades subsequentes. Isso pode ter ocorrido devido à

mudança no contexto da interação pois, enquanto aos seis meses a mãe mostrava brinquedos para chamar a atenção do bebê, aos nove e 12 meses houve um aumento no número de brincadeiras conjuntas, como jogos de esconder e aparecer e gestos referentes a uma música. Além disso, observou-se que a mãe utilizou com mais frequência nestas idades gestos convencionais para comunicar ideias relativas às palavras “não”, “sim” e “venha”. Como pode ser observado nos exemplos a seguir, a mãe utilizou tais gestos acompanhados das palavras aos quais se referem, rotulando a ação e possibilitando à criança associar o gesto ao seu significado linguístico:

**Exemplo 1:**

\*MOT: pode não! Diga assim, nããão!  
 %act: olhando em direção ao rosto do bebê, movimenta a cabeça para os lados sinalizando “não”.

**Exemplo 2:**

\*MOT: é sim sim?  
 %act: movimenta a cabeça para cima e para baixo, em sinal de “sim”.

**Exemplo 3:**

\*MOT: hein vem cá vem cá.  
 %act: bate palmas e estende as duas mãos com a palma para cima em direção ao bebê, olhando para ele.  
 \*CHI: 0.  
 %act: para de chorar e levanta os braços, olhando em direção às mãos da mãe e sorrindo.

Assim como o gesto de mostrar, os gestos de apontar com a mão (GD:APM) e apontar canônico (GD:APC) foram utilizados pela mãe para chamar a atenção do bebê para determinados objetos. As respostas do bebê frente a estes gestos variaram, sendo que em alguns momentos ele não olhava para onde a mãe apontava e, em outras situações, seguia o gesto, como no exemplo a seguir:

\*MOT: a luz!  
 %act: olha para cima e aponta com o braço em direção à lâmpada.  
 \*CHI: 0.  
 %act: quando a mãe aponta para a lâmpada, olha para cima, na mesma direção que ela.

O único gesto dêitico de oferecer (GD:O) utilizado pela mãe durante esta observação foi prontamente respondido pelo bebê, que estendeu os braços e pegou o objeto das mãos dela, conforme o trecho abaixo:

\*MOT: não dá certo não!

%act: pega a argola de plástico e a oferece ao bebê, segurando-a na frente dele.

\*CHI: 0.

%act: estende a mão direita aberta na direção da argola, olhando na direção do objeto. Segura o brinquedo com as duas mãos, o coloca na boca e mastiga.

Em seguida, serão apresentadas as atribuições maternas acerca dos gestos comunicativos do bebê.

### Atribuições de significado

Tabela 9

*Atribuições de significado maternas aos gestos do bebê aos 6, 9 e 12 meses de idade (dáde 3).*

| Atribuições de significado | Idade   |         |          | Total      |
|----------------------------|---------|---------|----------|------------|
|                            | 6 meses | 9 meses | 12 meses |            |
| A:P                        | 8       | 3       | 2        | 13         |
| A:V                        | 15      | 27      | 13       | <b>55</b>  |
| A:C                        | 1       | 0       | 3        | 4          |
| A:D                        | 8       | 17      | 5        | 30         |
| A:N                        | 6       | 2       | 0        | 8          |
| Total                      | 38      | 49      | 23       | <b>110</b> |

Os dados da Tabela 9 mostram que a mãe utilizou com mais frequência as atribuições de volição (A:V). Nota-se também que as atribuições de percepção (A:P) e necessidade (A:N) diminuíram conforme o desenvolvimento do bebê, partindo de  $f=8$  e  $f=6$  aos seis meses e chegando a  $f=2$  e  $f=0$  aos 12 meses, respectivamente.

As atribuições de necessidade (A:N), mais frequentes aos seis meses, ocorreram em relação aos comportamentos de chorar, olhar em direção a uma maçã e abrir a boca, olhar em direção ao peito da mãe e aproximar-se dele, os quais foram interpretados como fome.

\*CHI: 0.

%act: olha em direção à maçã e chora.

\*MOT: não! Tá bom, mamãe vai dar, mamãe dá, mamãe dá, tá certo.

%act: raspa a maçã com a colher e a leva até a boca do bebê.

\*CHI: 0.

%act: abre a boca para receber a colher, mastiga e para de chorar.

\*MOT: vixi Maria que fome, que tamanho foi essa maçã hein, que não matou a fome?

%act: retira a colher da boca do bebê e volta a raspar a maçã.

As atribuições de volição, além de surgirem nos mesmos contextos que as atribuições de necessidade, estavam ligadas também à direção do olhar, posição do corpo, aproximações, gestos de alcançar e tocar um objeto. Aos nove meses, por exemplo, em uma situação em que o bebê chora, a mãe atribui ao choro o significado de que ele queria suco, utilizando frases como “você quer alguma coisa não é? Acho que você quer suquinho”, “quer o suquinho é?”, “já vem o suquinho, já vem”, “dá dá dá meu suco!”. Nestas ocasiões, a mãe agiu de acordo com o significado atribuído, pedindo para que outra pessoa fizesse o suco para a criança e, em seguida, oferecendo-o a ela.

Aos 12 meses este tipo de atribuição permaneceu como o mais frequente, estando relacionado, além dos comportamentos citados anteriormente, a ações do bebê que surgiram quando ele estava mais desenvolvido, como engatinhar em direção a um triciclo e tentar subir no brinquedo:

#### Exemplo 1:

\*CHI: au.

%act: engatinha para a frente, em direção ao triciclo.

\*MOT: tu ainda quer essa motoca?

%act: olha em direção ao bebê.

#### Exemplo 2:

\*CHI: 0.

%act: apoia-se no triciclo, olha em direção à mãe.

\*MOT: quer subir, quer subir, quer? Um, dois.

%act: olha em direção ao rosto do bebê quando lhe dirige a pergunta. Segura a criança com as duas mãos e a coloca sentada no triciclo.

#### Exemplo 3:

\*CHI: 0.

%act: olhando em direção às peças que estão à sua frente, estende a mão direita e pega a de cor amarela, colocando-a em seguida sobre a peça verde. Em seguida, as peças caem.

- \*MOT: ai, quer colocar em cima do outro, assim é?  
 %act: pega as duas peças e as empilha.  
 \*CHI: 0.  
 %act: olha em direção às peças que a mãe empilha.  
 \*MOT: dois. É assim?  
 %act: coloca uma terceira peça sobre as outras duas e, em seguida, olha em direção ao bebê.  
 \*CHI: 0.  
 %act: olha em direção às peças e sorri.  
 \*MOT: é sim sim?  
 %act: movimenta a cabeça para cima e para baixo, em sinal de "sim".  
 \*CHI: 0.  
 %act: permanece olhando em direção às peças e movimenta a cabeça e o corpo.

Nos dois últimos exemplos a mãe, além de atribuir ao bebê uma vontade, interpretou o comportamento dele como um pedido e o auxiliou naquilo que pensou ser o seu desejo. Além disso, no exemplo 3, o sorriso do bebê sinaliza para a mãe que a interpretação dada à sua ação estava correta. Desse modo, a comunicação ocorreu de maneira eficiente mesmo sem o uso de palavras.

As atribuições de disposição (A:D) foram a segunda categoria mais frequente, tendo ocorrido mais aos nove meses. No trecho a seguir nota-se que o fato de o bebê manipular um livro leva a mãe a pensar que a criança gosta do objeto. No momento seguinte, ela utilizou o livro para dar continuidade à interação, mantendo o foco da atividade em algo que o bebê demonstrou interesse:

- \*CHI: ãun.  
 %act: segura o livro com as duas mãos e olha na direção do objeto, manipulando-o.  
 \*MOT: cê gostou desse livro foi?  
 %act: olha na direção do bebê com as duas mãos nos braços dele.  
 \*CHI: 0.  
 %act: olhando na direção do livro, continua a manipular o objeto.  
 \*MOT: deixa eu ver.  
 %act: pega o livro da mão do bebê.  
 \*CHI: 0.  
 %act: olha na direção do livro que está na mão da mãe.  
 \*MOT: 0.  
 %act: segura o livro na frente do rosto e o balança para os lados.  
 \*CHI: áá.  
 %act: estende os dois braços com as mãos abertas na direção do livro, sorrindo e movimentando as pernas. Segura o livro com as duas mãos e o puxa.

A seguir, os episódios interativos em que os gestos e atribuições foram utilizados pela mãe e pelo bebê serão descritos mais detalhadamente.

## Descrição dos episódios interativos

### 6 meses

Durante a observação aos seis meses a díade estava sentada no sofá da sala e no chão havia um tapete com móbiles, além de um mordedor de borracha em formato de gato e uma bola. Um dos episódios interativos observados nesta idade ocorreu em um momento em que a mãe alimentava o bebê com uma maçã. A mãe se comunicava por meio de palavras, realizando comentários acerca da situação, enquanto a direção do olhar e o choro do bebê levaram a uma resposta materna, como pode ser visto no recorte abaixo:

\*CHI: 0.  
 %act: olha em direção à maçã que está na mão da mãe, com a boca aberta.  
 \*MOT: quer mais?  
 %act: segura a maçã na frente do bebê, olhando em direção à criança.  
 \*CHI: 0.  
 %act: olha em direção ao seu lado esquerdo com a boca aberta.  
 \*MOT: pega pega!  
 %act: segura a mão esquerda do bebê e a faz tocar a maçã.  
 \*CHI: 0.  
 %act: olha em direção à maçã e chora.  
 \*MOT: não! Tá bom, mamãe vai dar, mamãe dá, mamãe dá, tá certo.  
 %act: raspa a maçã com a colher e a leva até a boca do bebê.  
 \*CHI: 0.  
 %act: abre a boca para receber a colher, mastiga e para de chorar.

Observa-se que a mãe, inicialmente, não ofereceu a maçã à criança quando ela abriu a boca e olhou em direção à fruta, embora tenha interpretado esta ação como um pedido, visto que diz “quer mais?”. Deste modo, o bebê utilizou outra estratégia para conseguir se comunicar com a mãe, e chorou, obtendo uma resposta materna que pareceu satisfazê-lo, visto que parou de chorar assim que a mãe lhe ofereceu a fruta.

Outro episódio observado nesta idade foi iniciado pela mãe, em que ela mostrou um lustre ao bebê, tocando o objeto com a mão e olhando em direção a ele. Quando a criança olhou em direção ao que foi mostrado, a mãe sorriu e o bebê sorriu em seguida:

\*MOT: ei eita.  
 %act: olha em direção ao bebê e toca novamente o lustre com a mão.  
 \*CHI: 0.

%act: olha em direção ao lustre.  
 \*MOT: eita!  
 %act: toca lustre novamente com a mão, sorrindo.  
 \*CHI: 0.  
 %act: sorri olhando em direção ao lustre.

O episódio apresentou uma quebra quando o bebê passou a olhar em direção à câmera, mas se reiniciou quando a mãe voltou a mostrar o lustre ao bebê e ele olhou e estendeu os braços em direção ao objeto, sorrindo. A resposta materna que seguiu o gesto do bebê de tentar alcançar o lustre, o que ocorreu diversas vezes, foi a de aproximar a criança do objeto para que ela conseguisse tocá-lo. Durante o episódio o bebê sorriu, demonstrando que vivenciou a situação como agradável. O episódio terminou quando a mãe levou o bebê até o sofá e se sentou com ele.

Outra situação presente durante a observação foi o bebê insistir em aproximar-se do peito da mãe, ao que ela atribuiu o significado de que ele desejava que ela o amamentasse. O bebê chorou e mostrou-se irritado enquanto a mãe tentava afastá-lo do seu peito, até que ela se levantou e o levou até a janela, apontando para os objetos da rua enquanto a criança olhava em direção à câmera.

Ainda aos seis meses houve uma interação em que a mãe mostrava uma bola ao bebê e escondia seu rosto atrás do brinquedo, dizendo “cadê a mamãe?” e “achou!”, ao que o bebê respondia estendendo os braços em direção ao objeto e sorrindo para a mãe, demonstrando gostar da brincadeira. Desse modo, a mãe dava continuidade à atividade de esconder e aparecer até que o bebê desviou seu olhar para um tapete com móveis que estava no chão. A mãe interpretou a mudança na direção do olhar do bebê dizendo: “ah, você quer esse agora, é?” e a interação passou a ser dirigida por meio de olhares, sorrisos e vocalizações de ambas as partes. Quando a criança olhou em direção à bola novamente, a mãe recomeçou a brincadeira de esconder, demonstrando estar atenta às ações comunicativas do bebê e utilizando respostas que julgava estarem de acordo com o que a criança tentava comunicar. A resposta materna de retomar a brincadeira se manteve talvez pelo fato de que o bebê mostrou-

se satisfeito, dirigindo sorrisos à mãe, aos quais ela respondeu também por meio de sorrisos e demonstrações de afeto, como beijos e abraços.

De acordo com o observado, esta sintonia entre as ações de um e a resposta do outro tende a resultar em uma maior duração do episódio interativo, visto que a brincadeira da díade utilizando a bola durou grande parte do período da segunda observação aos seis meses. A mesma brincadeira foi observada em um momento posterior desta filmagem, sendo que a mãe substituiu a bola por um peixe de borracha.

Ao final desta observação, a díade interagiu sem o uso de objetos, comunicando-se por meio de vocalizações, olhares dirigidos um ao outro e sorrisos, uma situação bastante comum nas interações mãe/bebê nos primeiros meses de vida da criança. Um breve recorte deste episódio pode ser visto a seguir:

\*MOT: ui!  
 %act: olha em direção ao bebê.  
 \*CHI: 0.  
 %act: olha na direção da mãe e sorri.  
 \*MOT: ui, <chanhānhān> [>] !  
 %act: olha na direção do bebê e ri.  
 \*CHI: <ahān> [<] .  
 %act: olhando na direção do rosto da mãe, ri.  
 \*MOT: que foi isso?  
 %act: olha na direção do bebê.  
 \*CHI: hān hān hān.  
 %act: coloca o cavalo marinho na boca, vocaliza e olha em direção à câmera.

### 9 meses

A filmagem aos nove meses ocorreu na sala da residência da díade, estando a mãe e o bebê sentados no chão, onde havia diversos brinquedos, dentre os quais uma tartaruga de plástico com rodinhas, um pato de pelúcia, uma boneca Suzy, uma boneca de borracha que emitia um som quando pressionada e livros. Inicialmente, o bebê manteve seu olhar voltado para a câmera e utilizou vocalizações, enquanto a mãe fazia comentários acerca da situação e tentava chamar a atenção do bebê para si. Para tal, se escondeu atrás de uma cortina e apareceu, dizendo “achou!” e colocou o bebê no seu colo. Um episódio interativo teve início quando a criança voltou a sua atenção para um pato de pelúcia e a mãe, atenta ao gesto do

bebê, responde de modo a dar continuidade à atividade, como pode ser visto a seguir:

- \*CHI: 0.
- %act: estende o braço esquerdo, com a mão aberta, em direção a um pato que está no chão, mas não é possível ver a direção do seu olhar.
- \*MOT: olha cadê Carolina?
- %act: pega o pato de pelúcia que está no chão e o segura na frente do bebê.
- \*CHI: 0.
- %act: olha em direção ao pato.

O episódio seguiu com a mãe afastando a aproximando o pato da criança, que tentava alcançar o objeto, e se encerrou quando a mãe colocou o bebê no seu colo, de frente para si, de modo que fosse possível o contato face-a-face. Após o fim deste episódio, o bebê voltou a olhar para a câmera e, quando a mãe tentou mudar o seu foco de atenção, chora. A criança parou de chorar apenas quando um som de liquidificador ligado foi ouvido no ambiente e a mãe disse “é suquinho pra você!”. A diáde passou a trocar olhares e sorrisos enquanto a mãe fazia comentários acerca da situação. Em seguida, a mãe colocou o bebê no seu colo e lhe ofereceu uma mamadeira com suco, e a situação de alimentar a criança se estendeu até o final da observação.

Um novo episódio interativo consistiu em uma atividade em que a diáde brincava com uma tartaruga de plástico com rodas. Enquanto a mãe empurrava a tartaruga no chão em direção ao bebê, a criança olhava em direção ao objeto, tentava alcançá-lo e sorria:

- \*MOT: lá vai lá vai! Zum!
- %act: olhando na direção do bebê, empurra a tartaruga de plástico para frente, em direção à criança.
- \*CHI: ah.
- %act: olha em direção à tartaruga e ri.
- \*MOT: Zum!
- %act: empurra a tartaruga em direção ao bebê.
- \*CHI: ha ha ha.
- %act: olha na direção da tartaruga rindo e estende o braço direito em direção ao brinquedo, com a mão aberta.

O afeto positivo demonstrado pelo bebê por meio do sorriso levou a mãe a dar continuidade à brincadeira, que é finalizada quando a criança desvia o olhar para uma cômoda e passa a segurar o puxador de uma gaveta, alternando o olhar entre a mãe e o objeto. Neste episódio, nota-se que a mãe utilizou gestos e palavras para repreender o bebê:

- \*CHI: ahe.
- %act: segurando o puxador, vira o tronco em direção à mãe e ri, olhando em direção à câmera.
- \*MOT: num dá certo não.
- %act: olha em direção ao bebê e faz sinal de negativa com o dedo indicador e com a cabeça.
- \*CHI: ahá.
- %act: vira-se novamente na direção da cômoda e ri. Segura o puxador com as duas mãos.
- \*MOT: você prende o dedinho.
- %act: olha em direção ao bebê sorrindo.
- \*CHI: 0.
- %act: olha em direção à câmera sorrindo e segura o puxador apenas com a mão esquerda. Em seguida, olha em direção à mãe sorrindo.
- \*MOT: tsctsc.
- %act: faz sinal de negativa com o dedo indicador, olhando em direção ao bebê.

A mãe tentou mostrar outros brinquedos ao bebê e o aproximou de si para que ele se afastasse da cômoda, mas a criança insistiu em se aproximar e manipular a gaveta, o que demonstra que aos nove meses é capaz de focar sua atenção em objetos e situações de seu interesse. Embora não tenha havido uma atividade conjunta durante este episódio, nota-se que houve comunicação entre a diáde, visto que a criança alternava o olhar entre o móvel e a mãe e sorria, demonstrando compreender que a mãe também estava atenta àquele objeto e à sua atividade. Em meio a esta situação, a mãe mostrou um livro ao bebê e conseguiu manter com ele um breve episódio interativo, até que a atenção da criança voltou-se novamente para a cômoda.

Em outro episódio iniciado pela mãe, a diáde utilizou um livro durante a interação. Nesta situação houve diversas quebras devido ao fato de que o bebê desviava sua atenção para a câmera e para um triciclo, além de se arrastar pelo chão enquanto a mãe o observava. Quando a mãe colocou o bebê no seu colo e movimentou as pernas, fazendo-o balançar para cima e para baixo, ele brevemente olhou em direção a ela e sorriu, mas logo voltou a manipular o livro. Frente ao comportamento do bebê de olhar para a câmera e para vários objetos do ambiente, bem como engatinhar e movimentar o corpo, a mãe disse: “você tá tão inquieta hoje, tão inquieta”. Embora tentasse estabelecer uma interação mais direta com o bebê de diversas formas, a mãe só o conseguiu quando iniciou uma brincadeira de esconder e aparecer utilizando o livro, o que origina um novo episódio interativo do qual a criança

demonstrou gostar, visto que sorriu durante a atividade. Em seguida, a brincadeira sofreu uma modificação e a mãe passou a utilizar os pés do bebê para esconder o rosto, mantendo um episódio em que houve interação entre a diáde sem o uso de um objeto, sustentada apenas por olhares e sorrisos mútuos. A brincadeira terminou quando o bebê olhou em direção ao livro que estava em suas mãos.

### 12 meses

Aos doze meses a observação foi realizada no mesmo quarto de brinquedos citado anteriormente, estando a mãe e o bebê sentados no chão. No início a mãe apoiou o bebê e ajudou a caminhar alguns passos enquanto fazia comentários acerca da situação. Em seguida, começou a cantar e balançar o corpo da criança para os lados, o que a fez sorrir. Um novo episódio se iniciou quando o bebê olhou para cima, e a mãe disse “cadê a luz?”, ao que ele respondeu por meio de vocalizações. Este episódio se manteve por meio de gestos, com a mãe utilizando o apontar para chamar a atenção do bebê para a lâmpada e o bebê utilizando o alcançar, o que também mantinha o interesse da mãe pelo objeto. Desse modo, cada membro da diáde regulava seu comportamento de acordo com o comportamento do outro, visto que o bebê seguia o apontar da mãe com o olhar e a mãe mantinha o bebê próximo da lâmpada, o que facilitou a continuidade da interação com o objeto.

Em seguida, um novo elemento é incluído na interação, um interruptor de luz, em torno do qual a diáde foca sua atividade. Neste episódio observou-se uma comunicação bastante efetiva entre mãe e bebê, a qual permitiu que realizassem uma tarefa de modo cooperativo, como pode ser visto no trecho a seguir:

\*MOT: 6.

%act: olhando em direção ao bebê, pressiona o interruptor, fazendo com que a luz acenda. Olha em direção à lâmpada.

\*CHI: hān.

%act: olha em direção à lâmpada sorrindo e vocaliza. Estende o braço direito para cima, na direção do objeto, com a mão aberta.

- \*MOT: ixi.  
 %act: olha em direção ao rosto do bebê, que está no seu colo.  
 \*CHI: hãns.  
 %act: permanece olhando em direção à lâmpada e sorrindo.  
 \*MOT: ixi. Apaga apaga.  
 %act: vira-se na direção da parede onde está localizado o interruptor.  
 \*CHI: 0.  
 %act: estende o braço direito com a mão aberta em direção ao interruptor, olhando em direção ao objeto.  
 \*MOT: apaga.  
 %act: segurando o bebê no colo, aproxima-o mais da parede.  
 \*CHI: 0.  
 %act: olhando em direção ao interruptor, toca o objeto com a mão direita aberta, mas não consegue pressioná-lo.  
 \*MOT: já?  
 %act: permanece segurando o bebê no colo.  
 \*CHI: 0.  
 %act: com o polegar direito, pressiona o interruptor e apaga a luz.  
 \*MOT: êêê.  
 %act: afasta o bebê da parede  
 \*CHI: hêñ.  
 %act: olha em direção à lâmpada e estende o braço direito para cima, com a mão aberta e depois apenas com o indicador estendido, sorrindo.  
 \*MOT: apagou!  
 %act: olha em direção ao rosto do bebê.

Outro episódio se iniciou quando o bebê tocou um triciclo com a mão e a mãe o colocou sobre o brinquedo, demonstrando atribuir ao bebê a intenção de querer brincar com aquele objeto e agindo de acordo com esta atribuição. O bebê respondeu ao comportamento da mãe com um sorriso, comunicando a ela sua satisfação e, consequentemente, levando-a a dar continuidade à interação.

A brincadeira de esconder e aparecer, comum entre todas as diádades observadas, também ocorreu durante a observação aos 12 meses, embora neste caso tenha havido uma diferença com relação às outras, pois a mãe cobria a cabeça da criança para que ela mesma a descobrisse. Mãe e bebê utilizaram uma fralda para realizar a atividade e trocaram olhares e sorrisos enquanto brincavam.

- \*MOT: agora é você, agora é você. Cadê Carolina?  
 %act: pega a fralda e a coloca na cabeça do bebê, cobrindo o rosto dele.  
 \*CHI: hän ah!  
 %act: com as duas mãos, retira a fralda de cima da sua cabeça, sorri e olha em direção ao rosto da mãe. Em seguida, olha para os lados com a fralda na boca.  
 \*MOT: achou!  
 %act: olha em direção ao rosto do bebê e sorri.

Ao final da observação o bebê focou sua atenção nos botões do guidão do triciclo enquanto a mãe apenas o observava. Em seguida, ela o retira de cima do brinquedo e o coloca sentado no chão, chamando sua atenção ao dizer “olha aqui” e girando os pedais do triciclo com a mão, alternando o olhar entre ele e o brinquedo. Em seguida, o bebê repetiu o comportamento da mãe, demonstrando estar atento à ação anterior dela. A mãe apenas observou o bebê até que ele se apoiou no triciclo e olhou em direção a ela:

\*CHI: 0.  
 %act: apoiando-se no triciclo, olha em direção à mãe.  
 \*MOT: quer subir, quer subir, quer? Um, dois.  
 %act: olha em direção ao rosto do bebê quando lhe dirige a pergunta. Segura a criança com as duas mãos e o coloca sentado no triciclo.  
 \*CHI: hän.  
 %act: ri quando a mãe o pega. Quando sentado no triciclo, coloca uma mão no guidão e a outra no botão, olhando em direção ao brinquedo.

Em outra situação, a diáde estava sentada no chão da sala e havia peças coloridas de um brinquedo de montar, um gato de plástico, uma sacola transparente, uma Hello Kitty, um triciclo, uma boneca de aproximadamente 10 centímetros com cabelos longos, um chocalho e um porco de plástico. Inicialmente, a mãe mostrou um gato de borracha ao bebê, que olhou em direção ao brinquedo e sorriu, de modo que a mãe a deu continuidade ao episódio fazendo o gato caminhar em frente à criança. Em seguida, o bebê iniciou um novo episódio em que ele e a mãe brincavam com blocos coloridos:

\*CHI: 0.  
 %act: olhando em direção às peças que estão à sua frente, estende a mão direita e pega a de cor amarela, colocando-a em seguida sobre a peça verde. As peças caem.  
 \*MOT: ai, quer colocar em cima do outro, assim é?  
 %act: pega as duas peças e as empilha.  
 \*CHI: 0.  
 %act: olha em direção às peças que a mãe empilha.  
 \*MOT: dois. É assim?  
 %act: coloca uma terceira peça sobre as outras duas e, em seguida, olha em direção ao bebê.  
 \*CHI: 0.  
 %act: olha em direção às peças e sorri.

Em um momento posterior, enquanto o bebê dividia sua atenção entre a câmera e o gato de borracha que estava no chão, a mãe apenas o observou e fez comentários sobre uma música que tocava no ambiente, não estabelecendo um episódio interativo com a criança.

Apenas quando o bebê engatinhou em direção ao gato e vocalizou “miau miau” a mãe passou a interagir com ele, imitando sua vocalização enquanto olhava em sua direção.

Um novo episódio se iniciou quando a mãe mostrou um chocalho ao bebê, balançando o objeto, e ele movimentou o corpo ao ouvir o som. Neste sentido, nota-se que um comportamento da mãe influenciou o comportamento seguinte do bebê, e esta mútua influência só ocorre se houver comunicação. A mãe manteve a interação escondendo o chocalho sob a blusa e fazendo com que ele emitisse um som, o que levou o bebê a olhar em direção à sua barriga e se aproximar dela depois de alguns instantes. Nesta situação, nota-se a presença de atenção conjunta, visto que mãe e bebê estão cientes de que a atenção um do outro está direcionada para o chocalho. O bebê sabe o que a mãe espera dele e, ao chegar perto dela, puxa o chocalho por meio de um cordão do brinquedo que havia ficado descoberto. A mãe utilizou combinações de gestos e palavras para que o bebê procurasse o objeto:

\*MOT: cadê o bichinho?  
 %act: olhando em direção ao bebê, senta-se mais próximo a ele. Posiciona as duas palmas da mão para cima, significando "cadê?"  
 \*CHI: 0.  
 %act: com a peça na boca, olha em direção ao rosto da mãe.  
 \*MOT: cadê?  
 %act: olhando em direção ao bebê e repete o gesto de "cadê?"  
 \*CHI: ah!  
 %act: olhando em direção à mãe, sorri. Permanece segurando a peça de brinquedo na boca.  
 \*MOT: cadê?  
 %act: olhando em direção ao bebê, repete o gesto de "cadê?"  
 \*CHI: 0.  
 %act: retira a peça da boca e engatinha em direção à mãe, olhando em direção a ela.

Observou-se, em um episódio seguinte, que a mãe começou a cantar e a dançar conforme uma música. Inicialmente, o bebê olhou para os lados e, mesmo sem contato visual com a mãe, movimentou os braços do mesmo modo que ela, o que pode demonstrar que aquela canção em particular fazia parte do contexto de interação da diáde. Em seguida, o bebê voltou sua atenção para a câmera enquanto a mãe o observava e o colocava no seu colo. A mãe reiniciou a canção e o bebê repetiu o movimento apresentado anteriormente, mas logo

desviou o olhar para os lados. O comportamento seguinte da mãe foi o de colocar a criança sentada no chão e buscar uma nova atividade, dizendo “vamos brincar de que agora?”. A seguir, apresentaremos a discussão dos comportamentos comunicativos dos membros da diáde 4.

#### 4.4. Díade 4 - Carlos

##### Gestos utilizados pelo bebê

Tabela 10

*Frequências dos gestos dêiticos e representativos utilizados pelo bebê da diáde 4 aos 6, 9 e 12 meses de idade em situação de brincadeira livre.*

| Gestos                 | Idades  |         |          | Total     |
|------------------------|---------|---------|----------|-----------|
|                        | 6 meses | 9 meses | 12 meses |           |
| <b>Dêiticos</b>        |         |         |          |           |
| GD:A                   | 5       | 3       | 1        | <b>9</b>  |
| GD:M                   | 0       | 0       | 0        | 0         |
| GD:O                   | 0       | 0       | 0        | 0         |
| GD:RS                  | 0       | 1       | 0        | 1         |
| GD:S                   | 0       | 0       | 0        | 0         |
| GD:APC                 | 0       | 0       | 2        | 2         |
| GD:APM                 | 0       | 0       | 0        | 0         |
| <b>Representativos</b> |         |         |          |           |
| GR:O                   | 0       | 0       | 3        | 3         |
| GR:C                   | 0       | 0       | 1        | 1         |
| Total                  | 5       | 4       | 7        | <b>16</b> |

De acordo com os dados da Tabela 10, o gesto dêitico mais utilizado pelo bebê foi o de alcançar (GD:A) ( $f=9$ ), tendo ainda respondido a uma solicitação (GD:RS) aos nove meses e apontado (GD:APC) duas vezes aos 12 meses. Quanto aos gestos representativos, estes também apresentaram uma baixa frequência e o total de gestos em cada idade mostrou pouca variação.

Nota-se que o bebê desta diáde foi o que apresentou a menor frequência total de gestos durante as observações, levando-se em consideração que a amplitude do total de gestos

entre os bebês participantes do estudo variou entre 102 (díade 1) e 56 (díade 6). Tais valores podem ter ocorrido devido ao fato de que nas observações aos 6 meses, quando grande parte do gesto dêitico de alcançar foi utilizado pelos outros bebês, esta criança permaneceu chorando por muito tempo. Embora a mãe mostrasse objetos ao bebê, muitas vezes ele permaneceu envolvido em outras atividades, como engatinhar e tentasse se apoiar em pé, de modo que os brinquedos propostos pela mãe não parecem chamar a sua atenção o suficiente para que tente alcançá-los. Nas duas ocasiões em que o gesto de alcançar foi utilizado, este foi direcionado para a mãe. O bebê utilizou também o choro para comunicar seu desconforto em algas situações. Aos nove meses, embora o número total de gestos tenha diminuído, nota-se uma maior variação, sendo que o bebê utilizou, além do alcançar, o gesto dêitico de responder a uma solicitação.

Aos 12 meses, destaca-se a observação pela primeira vez do gesto representativo de objeto (GR:O) e do apontar canônico. O primeiro ocorreu em um contexto em que o bebê balançava um chocalho e o segundo em duas situações em que o bebê demonstrou interesse por um objeto. Ao final, a mãe compreendeu o bebê e entregou o objeto solicitado por ele:

\*CHI: êindêindêin.

%act: olha em direção à cômoda que está atrás da mãe e aponta com o indicador. Em seguida, olha e aponta em direção à câmera. Olha novamente em direção ao móvel.

\*MOT: o quê?

%act: olha em direção ao bebê.

\*CHI: 0.

%act: alterna o olhar entre a mãe e a cômoda.

\*MOT: que é?

%act: olha em direção ao bebê.

Acerca dos gestos representativos, nota-se que estes foram observados apenas aos 12 meses, ao contrário das outras bebês do estudo, que já os utilizavam a partir dos nove meses. Isso talvez tenha ocorrido devido ao fato de que não houve muitas brincadeiras compartilhadas entre a díade e o uso que o bebê fazia dos objetos consistia, na maior parte das vezes, em batê-los no chão ou colocá-los na boca. A seguir, apresentaremos os resultados relativos aos gestos utilizados pela mãe durante as interações.

### Gestos utilizados pela mãe

Tabela 11

*Frequências dos gestos dêiticos e representativos utilizados pela mãe da diáde 4 aos 6, 9 e 12 meses de idade do bebê em situação de brincadeira livre.*

| Gestos                 | Idades  |         |          | Total      |
|------------------------|---------|---------|----------|------------|
|                        | 6 meses | 9 meses | 12 meses |            |
| <b>Dêiticos</b>        |         |         |          |            |
| <i>GD:A</i>            | 0       | 0       | 0        | 0          |
| <i>GD:M</i>            | 14      | 22      | 9        | <b>45</b>  |
| <i>GD:O</i>            | 6       | 6       | 1        | 13         |
| <i>GD:RS</i>           | 0       | 0       | 0        | 0          |
| <i>GD:S</i>            | 0       | 4       | 8        | 12         |
| <i>GD:APC</i>          | 0       | 0       | 2        | 2          |
| <i>GD:APM</i>          | 0       | 0       | 0        | 0          |
| <b>Representativos</b> |         |         |          |            |
| <i>GR:O</i>            | 4       | 5       | 2        | 11         |
| <i>GR:C</i>            | 13      | 6       | 6        | <b>25</b>  |
| Total                  | 37      | 43      | 28       | <b>108</b> |

Os dados da Tabela 11 demonstram que a mãe mostrou objetos com maior frequência (GD:M) ( $f=45$ ), além de utilizar os gestos de oferecer (GD:O) e solicitar (GD:S) quase na mesma proporção ( $f=13$  e  $f=12$ , respectivamente). Os gestos representativos foram mais utilizados aos seis meses, embora sua frequência não tenha variado muito entre as idades do bebê.

Aos 12 meses o gesto materno de mostrar não suscitou muitas respostas, pois o bebê não parecia interessado nos brinquedos que a mãe mostrava, o que pode tê-la levado a apresentar uma baixa frequência deste tipo de gesto. Esta foi a mãe que apresentou uma frequência menor do gesto de mostrar e o bebê ficou livre para engatinhar e explorar o ambiente. A maior parte dos gestos convencionais (GR:C) utilizados não foram relativos a brincadeiras, mas sim aos comportamentos de acenar tchau ou bater palmas. Em uma

situação em que a mãe utilizou o gesto representativo convencional para chamar o bebê, ele respondeu de acordo, como pode ser visto no exemplo a seguir:

\*MOT: <chega, chega> [<] !

%act: estende as duas mãos com a palma para cima em direção ao bebê, olhando em direção a ele e fazendo movimentos com os dedos.

\*CHI: hum huuum.

%act: choramingando e olhando em direção à mãe, aproxima-se dela engatinhando e apoia-se nela para se levantar.

Durante a observação aos seis meses, o bebê aceitou todos os objetos oferecidos pela mãe, o que não se repetiu aos nove meses. A frequência dos gestos de mostrar aos nove meses se deu, em grande parte, devido a uma brincadeira da mãe de mostrar um boneco de pano, fazendo-o “dançar” em frente ao bebê, o que durou um tempo significativo da primeira observação nesta idade. O gesto representativo de objeto (GR:O) observado aos nove meses foi relativo à mãe tocando um pandeiro e ocorreu em um momento em que o bebê não estava olhando. O bebê respondeu a apenas uma das solicitações maternas e, embora ela tenha tentado novamente após a situação do exemplo a seguir, ele não entregou o objeto:

\*MOT: dá, dá! Dá!

%act: olhando em direção ao bebê, estende a mão esquerda com a palma para cima em direção a ele. Em seguida, movimenta os dedos.

\*CHI: 0.

%act: olhando em direção à mãe, estende o braço com o copo em direção à mão dela.

\*MOT: dá!

%act: olhando em direção ao bebê, aproxima a mão do copo e quase o pega.

\*CHI: 0.

%act: olha em direção ao copo e retrai o braço, não permitindo que a mãe pegue o copo. Olha em direção à caixa.

O gesto de solicitar também não levou a uma resposta do bebê, visto que a mãe utilizou este tipo de gesto oito vezes aos 12 meses e ele não respondeu a nenhuma delas. Entretanto, neste mesmo período, a mãe utilizou o apontar canônico duas vezes e, nas duas ocasiões, o bebê acompanhou a direção do apontar com o olhar:

\*MOT: ó, eita, olha, olha.

%act: aponta com o indicador para a caixa, olhando em direção ao rosto do bebê.

\*CHI: 0.

%act: olha em direção à caixa e aproxima-se dela.

O exemplo demonstra que aos 12 meses o apontar materno é utilizado para dar início a uma interação. A seguir, serão descritas as atribuições de significado que a mãe fez com relação aos comportamentos comunicativos do bebê.

#### Atribuições de significado

Tabela 12

*Atribuições de significado maternas aos gestos do bebê aos 6, 9 e 12 meses de idade (diáde 4).*

| Atribuições de significado | Idade   |         |          | Total     |
|----------------------------|---------|---------|----------|-----------|
|                            | 6 meses | 9 meses | 12 meses |           |
| A:P                        | 4       | 1       | 0        | 5         |
| A:V                        | 17      | 9       | 14       | <b>40</b> |
| A:C                        | 0       | 0       | 0        | 0         |
| A:D                        | 2       | 2       | 1        | 5         |
| A:N                        | 6       | 1       | 0        | 7         |
| Total                      | 29      | 13      | 15       | <b>57</b> |

Os dados da Tabela 12 destacam o uso das atribuições de volição (A:V) pela mãe e mostram a ausência de atribuições de cognição (A:C), bem como a queda no total geral de atribuições conforme o bebê se desenvolvia.

As atribuições de volição foram utilizadas mas, em geral, não influenciavam o comportamento materno no sentido de modificar suas ações durante a interação. Contudo, em alguns momentos, isso ocorreu:

\*CHI: 0.

%act: olha para baixo.

\*MOT: arte é? Quer fazer arte! Quer se soltar ó, pra andar sozinho, rapaz!

%act: sorri e olha em direção à câmera.

\*CHI: 0.

%act: olha para baixo, apoiando-se no sofá apenas com um braço.

\*MOT: oxente mamãe! Tu quer se soltar, é? Ah, veja só!

%act: segura o bebê pelas duas mãos, olhando em direção a ele e sorrindo.

As atribuições de volição ocorreram após o bebê mudar de posição, chorar, dirigir o olhar para algo, pegar um objeto, gritar ou não responder às solicitações maternas. Um exemplo é mostrado no trecho abaixo:

\*CHI: hān.

%act: vira-se e sai de cima do colo da mãe.

\*MOT: quer mimir não?

%act: olha em direção ao bebê, que está de costas para ela, sorrindo.

Quanto às atribuições de percepção (A:P), todas foram feitas com relação à direção do olhar da criança. A seguir, serão apresentados alguns episódios interativos em que as atribuições e gestos foram utilizados.

### **Descrição dos episódios interativos**

#### 6 meses

Durante a observação aos 6 meses, a díade estava na sala, o bebê em pé apoiando-se no sofá e a mãe de joelhos atrás dele. No chão havia peças de quebra-cabeças e um brinquedo que consistia em uma roda de plástico que continha um palhaço. Inicialmente a mãe apenas acenava “tchau” enquanto o bebê olhava para ela e para a câmera. A mãe observava o bebê e falava, não propondo nenhuma atividade. O bebê demonstrou interesse na estante, mas por considerar o objeto perigoso a mãe tentou afastá-lo do móvel. Em seguida, a mãe pegou a criança no colo e a interação que se seguiu ocorreu baseada em trocas de olhares e sorrisos, enquanto ela fazia perguntas como “tá calorzinho, né?” e “o que foi que tu tá olhando?”.

Um episódio teve início quando a mãe colocou o bebê sentado no chão, pegou a roda e faz rolar em frente a ele. A criança olhou em direção ao brinquedo enquanto a mãe realizou a ação. Houve uma descontinuidade quando o bebê olhou em direção à estante, de modo que a mãe fez a roda rolar, mas não conseguiu recuperar a atenção do bebê, que continuou a engatinhar pela sala e voltou ao sofá para tentar apoiar-se em pé. Novamente a mãe tentou chamar a atenção do bebê para o brinquedo, colocando-o sobre os sofás, mas a criança apenas olhou brevemente para o objeto e logo desviou o olhar para baixo e para os lados. Em seguida, a mãe colocou a criança no chão e ela teve a mesma reação anterior, além de

engatinhar. A mãe apoiou o bebê e o ajudou a caminhar alguns passos, além de tentar retomar a atividade mostrando um brinquedo:

\*MOT: ó Carlos, olha! É mamãe olha!  
 %act: pega o brinquedo que está em cima do sofá e olha em direção ao bebê.  
 \*CHI: 0.  
 %act: olha em direção ao brinquedo.  
 \*MOT: ó!  
 %act: coloca o brinquedo no chão e o faz rolar, olhando em direção ao bebê.  
 \*CHI: 0.  
 %act: acompanha o movimento do brinquedo com o olhar.  
 \*MOT: 0.  
 %act: vai até o brinquedo, olha em direção ao bebê e sorri. Faz o objeto rolar no chão, em direção ao bebê.  
 \*CHI: 0.  
 %act: acompanha o movimento do brinquedo com o olhar.

Outro momento da observação aos seis meses foi realizada no quarto, onde a diáde estava sentada sobre a cama, de frente um para o outro. Sobre a cama havia uma bacia com brinquedos variados como um boneco pequeno de plástico, um brinquedo de borracha que emitia um som quanto pressionado, um chocalho em formato de mão, uma panela de plástico e um Pernalonga de plástico, entre outros.

Inicialmente a mãe mostrou um brinquedo ao bebê até que a criança o pegou e o colocou na boca. Em seguida, a mãe ofereceu outro brinquedo e o bebê aceitou, pegando-o e também colocando-o na boca. Enquanto a criança manipulou os brinquedos na bacia, a mãe apenas observava. O episódio foi descontínuo porque a mãe mostrava diferentes brinquedos e o bebê mantinha sua atenção fluida, pegando objetos da bacia, colocando-os na boca e olhando em direção à câmera.

Um primeiro episódio interativo foi estabelecido quando a mãe colocou uma panela de plástico sobre a cabeça da criança e, em seguida, colocou a panela na própria cabeça. Este episódio foi marcado por olhares mútuos e sorrisos, e um pequeno trecho é apresentado a seguir:

\*MOT: ahān.  
 %act: olhando em direção ao bebê e sorrindo, recoloca a panela sobre a cabeça da criança.  
 \*CHI: 0.  
 %act: olha em direção à mãe, sorrindo, e a panela cai da sua cabeça.  
 \*MOT: eita, ah!

%act: olhando em direção ao bebê e sorrindo, pega a panela de plástico que caiu sobre a cama.  
 \*CHI: 0.  
 %act: segurando a bacia com a mão direita, sorri e olha em direção à câmera.  
 \*MOT: 0.  
 %act: olhando em direção ao bebê e sorrindo, coloca a panela sobre a cabeça da criança.  
 \*CHI: 0.  
 %act: olha em direção à mãe e a panela cai.  
 \*MOT: eita, ó!  
 %act: olha em direção ao bebê sorrindo e pega a panela que caiu.  
 \*CHI: 0.  
 %act: olhando em direção à mãe, sorri.

O episódio foi finalizado quando a mãe ofereceu a panela ao bebê, mas ele manteve as mãos na boca e não pegou o objeto. Frente a este comportamento, a mãe colocou a panela dentro da bacia com brinquedos e a afastou do bebê, demonstrando compreender que, ao se negar a pegar a panela, o bebê não estava mais interessado em dar continuidade à brincadeira.

Em outro momento da observação a mãe segurou o bebê em pé e olhou em direção ao rosto dele enquanto ele permaneceu olhando para baixo ou em direção à câmera. Depois de algum tempo, o bebê começou a chorar e assim permaneceu até o final da observação. Enquanto isso, a mãe observou o bebê, mostrou e ofereceu brinquedos, o pegou no colo e o balançou, por atribuir ao choro o significado de que o bebê estava com sono. Entretanto, a criança parou de chorar por um breve instante e logo recomeçou. Diante das diferentes tentativas ineficientes da mãe de fazer com que o bebê parasse de chorar, ela disse “ô meu Deus, o que será?”. Este trecho demonstra que, mesmo que mãe e bebê consigam se comunicar nos primeiros meses de vida da criança sem o uso de palavras, as estratégias comunicativas não verbais, em alguns momentos, não são suficientes para uma compreensão mútua entre os parceiros da diáde. Apenas quando a criança for capaz de utilizar um sistema mais complexo de símbolos e que permite maiores possibilidades de expressão, a linguagem verbal, sua comunicação se tornará mais efetiva e menos ambígua.

9 meses

As observações aos nove meses foram realizadas no quarto do bebê. A díade encontrava-se sentada no chão e os objetos presentes no ambiente eram uma cadeira com um boneco de pano, uma caixa de papelão, uma bola, um pandeiro de plástico, dois cubos de espuma coloridos, dois copos de plástico coloridos, uma corneta de plástico, uma máscara do Homem-Aranha, um cachorro de pelúcia do tamanho aproximado de uma mão, um cachorro de pelúcia um pouco maior que o anterior e um brinquedo musical.

No início da observação o bebê estava bem próximo à câmera, olhando em direção ao aparelho, e a mãe apenas o chamou. A criança olhou brevemente em direção a ela e se voltou para a observadora. Um episódio baseado em olhares e sorrisos se iniciou em seguida, conforme o trecho abaixo:

\*MOT: peguei ele! Eita! Peguei, peguei, peguei, peguei, peguei, peguei!  
 %act: segura o bebê com as duas mãos e o balança no ar, olhando em direção a ele e sorrindo.  
 \*CHI: 0.  
 %act: sorri enquanto a mãe o joga para cima.  
 \*MOT: peguei ah, peguei!  
 %act: continua a jogar o bebê para cima, olhando em direção a ele e sorrindo.  
 \*CHI: ahān ahān.  
 %act: ri enquanto a mãe o joga para cima e olha em direção a ela.

Em seguida, quando o bebê olhou em direção ao boneco de pano que estava sobre a cadeira e engatinhou em direção a ele, outro episódio teve início. O gesto materno que se destacou durante este episódio foi o de mostrar. A mãe fazia o boneco “dançar”, pontuando a atividade com comentários e vocalizações, e o bebê apenas olhou em direção ao brinquedo. Durante o episódio, o bebê pegou o boneco e o colocou na boca, mas logo a mãe retomou a atividade descrita anteriormente. A duração do episódio sugere que o bebê estava gostando da brincadeira e a mãe estava ciente deste fato:

\*MOT: homi, tudo bom?  
 %act: segura o boneco em pé em frente ao bebê.  
 \*CHI: 0.  
 %act: alterna o olhar entre a mãe e o boneco de pano.  
 \*MOT: oi!  
 %act: segurando o boneco em pé, o afasta um pouco do bebê.  
 \*CHI: ah!  
 %act: olhando em direção ao boneco com a boca aberta, estende os dois braços em direção ao brinquedo e

o abraça, vocalizando em seguida.

A alternância de olhar do bebê entre a mãe e o objeto pode ser um indício de que havia atenção conjunta durante esta atividade. Houve descontinuidade no episódio quando o bebê olhou em direção à câmera e engatinhou em direção ao aparelho, mas a mãe pegou o bebê e o colocou perto de si, retomando a atividade de mostrar o boneco de pano. Contudo, momentos depois o bebê voltou a engatinhar, afastando-se da mãe.

Em outra situação, o bebê engatinhou em direção aos brinquedos que estavam no chão e manipulou alguns deles, não havendo uma interação com a mãe, pois ela apenas o observou. Estando o bebê de costas, a mãe bateu uma bola no chão e o chamou para atrair sua atenção, mas ele não se virou. Apenas quando a mãe disse “psiu, menino, hei!” foi que a criança olhou em direção a ela e iniciou uma interação. Neste episódio, a mãe jogou a bola em direção ao bebê e bateu a mão no brinquedo, enquanto a criança observava e segurava o objeto, além de vocalizar. Contudo, logo o bebê soltou a bola e engatinhou em direção a outros brinquedos que estavam no chão enquanto a mãe o observava. Em dados momentos a mãe mostrou uma caixa e pressionou um brinquedo sonoro, mas o bebê não olhou e permaneceu manipulando um copinho. Em seguida, engatinhou até a cadeira e apoiou-se no objeto para ficar em pé, enquanto a mãe o chamava. Neste momento, olhou brevemente para a mãe mas voltou-se novamente para a cadeira. Em seguida, a mãe foi até o bebê e apenas o apoiou em pé enquanto ele manipulava o boneco de pano.

Um breve episódio interativo foi identificado quando a mãe tocou uma corneta e o bebê olhou em direção a ela. Em seguida a mãe colocou a corneta na boca do bebê, mas ele apenas segurou o objeto. Na situação subsequente, a mãe colocou uma máscara no rosto e disse “achou!” quando o bebê puxou o objeto, descobrindo-a. A brincadeira não teve continuidade porque o bebê pegou a máscara e a colocou na boca e, depois, olhou em direção aos objetos do ambiente e manipulou alguns.

Em outro episódio, a mãe disse “au au au” e o bebê, que estava de costas, virou-se e olhou em direção a ela. A mãe iniciou uma brincadeira de tocar o corpo do bebê com um cachorro de pelúcia e a criança sorriu, demonstrando gostar da situação. Diante disso, a mãe deu continuidade à brincadeira conforme o bebê demonstrou estar interessado e satisfeito, como pode ser visto no trecho a seguir:

\*MOT: au au au.  
 %act: faz o cachorro "andar" atrás do bebê.  
 \*CHI: 0.  
 %act: olha em direção ao cachorro e sorri.  
 \*MOT: au au au.  
 %act: faz o cachorro "andar" na barriga do bebê.  
 \*CHI: 0.  
 %act: olha em direção ao cachorro, sorrindo.  
 \*MOT: au au au.  
 %act: segura o cachorro em frente ao rosto do bebê.  
 \*CHI: 0.  
 %act: leva as duas mãos até o cachorro e aproxima a boca aberta do brinquedo.

O bebê demonstrou interesse no brinquedo ao tentar alcançá-lo com as mãos em duas ocasiões, sendo estas as únicas vezes que ele utilizou este gesto durante a observação. O episódio foi finalizado quando o bebê passou a olhar em direção à câmera e a mãe, tentando retomar a interação, pegou cubos de espuma e os bateu no chão, dizendo “olha!”. O bebê olhou em direção aos cubos que a mãe manipulava e começou a brincar com os objetos, conforme o recorte apresentado abaixo:

\*MOT: 6.  
 %act: olha em direção ao bebê e em seguida em direção aos três cubos de espuma que empilha.  
 \*CHI: 0.  
 %act: olhando em direção aos cubos, pega o que está por cima e o retira do topo. Em seguida, recoloca o cubo no mesmo lugar.  
 \*MOT: 0.  
 %act: observa o bebê.  
 \*CHI: ahán.  
 %act: pega novamente o cubo que está no topo e o derruba, vocalizando em seguida. Pega o cubo do chão e o recoloca no lugar. Olhando em direção aos cubos, bate a mão sobre eles e derruba a pilha.

O episódio foi finalizado quando o bebê olhou em direção à câmera e não atendeu aos chamados da mãe, que tentou afastá-lo do aparelho. Para tal, ela pegou o bebê no colo, mas ele permaneceu com o olhar direcionado ao aparelho e gritou, de modo que a mãe o colocou novamente no chão. Nesta ocasião, não só o grito do bebê levou a mãe a compreender que ele

estava incomodado, mas também o fato de ele ter movimentado o corpo enquanto estava nos braços dela. Sendo assim, o bebê conseguiu comunicar seu desconforto de maneira eficaz e se livrou da situação indesejada.

Por engatinhar muito pelo ambiente e, em diversos momentos, ficar de costas para a mãe, este bebê pode ter tornado mais difícil para ela o uso de gestos para chamá-lo ou direcionar seu comportamento, o que a levou a tentar chamar a sua atenção por meio de palavras como “olha”, “hei”, “vem cá”, “Carlos” ou mesmo fisicamente, pegando-o e mudando-o de posição. Aos nove meses, poucos episódios interativos foram observados entre a mãe e o bebê, que não compartilharam objetos ou realizaram brincadeiras em conjunto. Isso pode explicar a baixa frequência de gestos desta criança também neste período evolutivo. Embora a mãe tenha mostrado objetos, muitas vezes o bebê não olhava ou, quando o fazia, logo se virava e dirigia sua atenção a outros elementos do ambiente. Sendo assim, o número reduzido de episódios interativos contínuos desta diáde pode estar relacionado à baixa frequência de gestos utilizados durante as observações, visto que se não há contato visual, o uso de gestos perde a sua função comunicativa.

### 12 meses

As observações aos 12 meses foram realizadas em um quarto onde havia os mesmos brinquedos listados na observação anterior, com o acréscimo de um carrinho e de uma escada de madeira do tamanho aproximado do bebê. No início da filmagem, a mãe mostrou o cotovelo ao bebê, que olhou em direção a ela, compartilhando a atenção na atividade, enquanto ambos sorriam:

\*MOT: hän, ó o cotovelo! Hun hun hun!

%act: aproxima o cotovelo e o rosto do bebê, olhando em direção a ele e sorrindo.

\*CHI: 0.

%act: toca o cotovelo da mãe com a mão esquerda, olhando em direção ao rosto dela.

\*MOT: hun hun hun!

%act: aproxima-se cada vez mais do bebê, olhando em direção a ele e sorrindo.

\*CHI: 0.

%act: sem retirar o brinquedo da boca, sorri.

O episódio se encerrau quando a criança regurgitou e a mãe o limpou. Um novo episódio teve início quando o bebê vocalizou e apontou em direção a uma cômoda, alternando o olhar entre o móvel e a mãe. A mãe interpretou a ação do bebê como uma solicitação e disse “que é?”, embora não conseguisse indentificar o que ele desejava e apenas o tenha observado. O bebê então se aproximou do móvel e tentou abrir uma gaveta e, diante deste comportamento, a mãe disse “não” repetidas vezes e o afastou do móvel. O bebê começou a choramingar e vocalizar enquanto olhava em direção à cômoda, de modo a comunicar o seu interesse em algo que estava sobre o móvel. Como a mãe não compreendeu a que exatamente o bebê se referia e, portanto, não respondeu adequadamente às suas tentativas de comunicação, ele aproximou-se dela, tocou o seu rosto e gritou. A mãe seguiu o gesto de apontar do bebê com o olhar e, finalmente, pegou uma escada de madeira que estava sobre a cômoda:

\*MOT: é isso aqui?

%act: pega um objeto de madeira que estava sobre a cômoda e olha em direção ao bebê.

\*CHI: 0.

%act: olha em direção ao objeto, sorri e estende os dois braços, com as mãos abertas, em direção a ele.

\*MOT: eita, olha!

%act: olha em direção ao bebê, sorrindo, e coloca o objeto no chão.

\*CHI: 0.

%act: segura o objeto com as duas mãos, sorrindo.

Após a mãe entregar o objeto, o bebê permaneceu sorrindo, demonstrando satisfação diante da resposta materna, e bateu o objeto repetidas vezes no chão enquanto caminhava pelo ambiente. Enquanto isso, a mãe observou o bebê e tentou lhe mostrar um carrinho, mas ele apenas olhou brevemente para a ela e voltou a caminhar, batendo a escada no chão. A mãe chamou o bebê pelo nome enquanto o observava, não havendo o estabelecimento de um episódio interativo.

A mãe conseguiu chamar a atenção do bebê ao mostrar a ele um boneco de pano, entretanto, a criança apenas olhou brevemente em direção ao objeto e voltou-se novamente para a escada que tinha nas mãos. Diante da tentativa da mãe de retirar a escada das mãos do bebê ele resistiu, chorando. A mãe mostrou novamente o boneco ao bebê, mas ele permaneceu chorando até que pegou o boneco e caminhou em direção à cadeira, onde colocou o brinquedo. Enquanto o bebê manipulava o boneco, a mãe observou a criança e fez comentários acerca da situação, não interagindo diretamente com ele. Para atrair a atenção do bebê, a mãe o colocou sentado sobre a cama, mas ele começou a chorar, parando apenas quando ela iniciou uma canção. Como pode ser visto no trecho abaixo, logo em seguida o bebê se mostrou irritado novamente:

\*MOT: parabéns pra você.  
 %act: canta, sorrindo e olhando em direção ao bebê.  
 \*CHI: 0.  
 %act: olhando em direção à câmera, sorri e bate palmas.  
 \*MOT: 0.  
 %act: olha em direção ao bebê, segurando-o no colo e sorrindo.  
 \*CHI: ãaan.  
 %act: choraminga e movimenta o corpo no colo da mãe.

Diante do comportamento do bebê, a mãe interpretou que ele queria descer da cama, dizendo “quer ficar solto, quer ficar solto”, e o colocou no chão. Ela continuou a cantar parabéns e a bater palmas, mas o bebê não olhou e pegou novamente a escada, batendo-a no chão em seguida. A mãe chamou o bebê, mas ele permaneceu caminhando pelo quarto, de modo que ela retirou a escada da mão do bebê, que começou a chorar. Após ter a escada devolvida pela mãe, o bebê voltou a andar pelo ambiente batendo o objeto no chão, enquanto a mãe novamente tentou atrair sua atenção, chamando-o pelo nome.

Em outra ocasião a mãe tocou o rosto do bebê com um tecido que ele tentou pegar quando ela fingia que ia lhe entregar. O bebê sorriu diante da brincadeira e finalizou o episódio quando começou a chorar e a se movimentar no colo da mãe, até que se virou e foi

para o chão. Em seguida, o bebê manipulou uma lata que estava no chão e a mãe, além de observá-lo, solicitou duas vezes o objeto por meio de um gesto, mas ele não olhou.

Um novo episódio interativo teve início quando o bebê pegou um cubo de espuma que estava no chão e, em seguida, a mãe pegou outro cubo igual e jogou para cima, além de empilhar outros cubos. O bebê bateu a mão nos objetos, derrubando-os. O episódio se encerrou quando o bebê colocou um cubo na boca, se levantou e andou pelo quarto. A mãe tentou chamar a atenção da criança batendo o cubo no chão, entretanto ela olhou brevemente em direção ao adulto e continuou a caminhar.

Em seguida, o bebê caminhou em direção à mãe e olhou dentro de uma caixa de brinquedos, juntamente com ela. A mãe afastou o bebê da caixa e disse “não”, além de utilizar um gesto representativo, e a criança chorou. A mãe pegou peças de um quebra cabeças e as empilhou em frente ao bebê, que olhou em direção aos objetos e os derrubou com as mãos. A criança então pegou duas peças e caminhou em direção à câmera, enquanto a mãe o chamava pelo nome, sem conseguir atrair sua atenção. A mãe conseguiu afastar o bebê da câmera apenas por meio do contato físico. A situação em que o bebê caminhou pelo quarto manipulando diferentes objetos se repetiu, e a mãe o observou e realizou comentários, interferindo apenas em alguns momentos, em geral fisicamente.

Um breve episódio em que a diáde interagiu por meio de uma tampa de plástico foi estabelecido, como se observa no trecho a seguir:

- \*CHI: 0.
- %act: pega a tampa da caixa e a coloca na frente do rosto. Olha em direção ao rosto da mãe através da tampa, que é transparente, e abre a boca.
- \*MOT: ah!
- %act: olhando em direção ao bebê, abre a boca.
- \*CHI: hã.
- %act: com a boca aberta, aproxima-se da mãe até que a tampa toque o rosto dela.
- \*MOT: ahuu.
- %act: toca a boca na tampa, olhando em direção ao bebê.
- \*CHI: 0.
- %act: afasta-se e retira a tampa da frente do seu rosto, colocando-a na boca e olhando em

direção à câmera.

Embora não tenha utilizado nenhuma palavra durante as observações, o bebê demonstrou ser capaz de compreender a fala do adulto, visto que quando a mãe pediu que colocasse a tampa sobre a caixa, tocando o objeto e olhando em direção a ele, prontamente seguiu a solicitação. Isso sugere que o bebê já possui um vocabulário receptivo em desenvolvimento. Em outro momento, a mãe disse “joga a bola pra mamãe” e o bebê, que estava de costas, virou-se e jogou a bola em direção a ela. Perto do final da observação, o bebê caiu e começa a chorar, de modo que as ações seguintes da mãe consistiram em demonstrações de afeto enquanto o segurava nos braços.

#### 4.5. Díade 5 - Edson

##### Gestos utilizados pelo bebê

Tabela 13

*Frequências dos gestos dêiticos e representativos utilizados pelo bebê da díade 5 aos 6, 9 e 12 meses de idade em situação de brincadeira livre.*

| Gestos                 | Idades  |         |          | Total     |
|------------------------|---------|---------|----------|-----------|
|                        | 6 meses | 9 meses | 12 meses |           |
| <b>Dêiticos</b>        |         |         |          |           |
| GD:A                   | 21      | 18      | 4        | <b>43</b> |
| GD:M                   | 0       | 0       | 0        | 0         |
| GD:O                   | 0       | 0       | 2        | 2         |
| GD:RS                  | 0       | 0       | 0        | 0         |
| GD:S                   | 0       | 0       | 0        | 0         |
| GD:APC                 | 0       | 0       | 0        | 0         |
| GD:APM                 | 0       | 0       | 0        | 0         |
| <b>Representativos</b> |         |         |          |           |
| GR:O                   | 0       | 0       | 32       | <b>32</b> |
| GR:C                   | 0       | 3       | 4        | 7         |
| Total                  | 21      | 21      | 42       | <b>84</b> |

Acerca dos gestos dêiticos, os dados dispostos na Tabela 13 mostram que o bebê utilizou praticamente apenas o gesto de alcançar (GD:A) ( $f=42$ ), apresentando o gesto de oferecer (GD:O) em uma frequência expressivamente menor ( $f=2$ ). Os gestos representativos

de objeto (GR:O) foram a segunda categoria mais utilizada ( $f=32$ ), embora tenham sido observados apenas aos 12 meses.

O gesto dêitico de alcançar foi utilizado pela primeira vez em uma situação em que a mãe levou o bebê até o berço onde havia um móbile e, ao se aproximar do objeto, ele estendeu as mãos em sua direção. Demonstrando estar atenta ao gesto do bebê, a mãe tocou o móbile e disse “ó, bebê”, enquanto a criança permaneceu olhando em direção ao objeto e tentando alcançá-lo. Neste trecho, nota-se que a mãe interpretou a tentativa do bebê de alcançar o móbile como um interesse da criança pelo objeto, demonstrando que os comportamentos do bebê desde muito cedo influenciam os comportamentos do adulto, de modo que o papel de condutor da interação não é exclusivo deste último. Em outra situação, apenas a direção do olhar do bebê foi suficiente para que a mãe tivesse sua atenção direcionada a um determinado objeto e iniciasse um episódio:

\*CHI: 0.  
 %act: olha em direção a um pintinho de pelúcia que está na sua frente.  
 \*MOT: cadê o piu-piu?  
 %act: olha em direção ao bebê.  
 \*CHI: 0.  
 %act: permanece olhando em direção ao brinquedo, e estende o braço esquerdo em direção a ele, mas não o alcança.  
 \*MOT: cadê o piu-piu?  
 %act: olha em direção ao bebê.

Contudo, nem sempre a mãe dava continuidade a uma interação iniciada pelo gesto de alcançar do bebê, como pode ser visto no recorte abaixo:

\*MOT: psiu!  
 %act: pega a bola e a bate no chão, aproximando-a do bebê.  
 \*CHI: 0.  
 %act: estende os braços em direção à bola, mas a mãe afasta o objeto antes que ele o alcance.

A maior parte dos gestos dêiticos de alcançar ocorreu em uma situação em que a mãe mostrava um brinquedo de borracha ao bebê, fazendo-o “pular” na frente dele, mas mantendo-o distante de modo a não permitir que ele o pegasse. Neste episódio, a mãe percebe o interesse do bebê pelo brinquedo por meio dos seus gestos e esta comunicação fez com que

ela continuasse a brincadeira. Aos nove meses, esta categoria de gesto também foi utilizada pelo bebê em sequências em que a mãe mostrava um fantoche e ele tentava alcançar o brinquedo.

O primeiro gesto representativo convencional (GR:C) foi observado aos nove meses, durante uma brincadeira iniciada pela mãe e que parecia fazer parte da rotina da díade:

- \*MOT: bate!
- %act: olhando em direção ao rosto do bebê, mostra as mãos com as palmas para cima em direção ao rosto dele.
- \*CHI: hän.
- %act: bate as mãos nas palmas das mãos da mãe. Desequilíbra-se para trás.
- \*MOT: bateu! Ui, devagar. Bate bate bate, mamãe, bate bate bate!
- %act: segura o bebê para que ele não caia e estende as mãos em direção a ele como anteriormente, batendo as mãos nas mãos dele.
- \*CHI: 0.
- %act: bate as suas mãos nas mãos da mãe, no mesmo ritmo que ela, olhando em direção a ela e sorrindo.
- \*MOT: bate bate <bate mamãe> [>] , bate bate bate mamãe.
- %act: olhando em direção ao rosto do bebê e sorrindo, bate nas mãos dele.
- \*CHI: <há> [<] !
- %act: bate as mãos nas mãos da mãe, olhando em direção a ela e sorrindo.

Durante a observação aos 12 meses este tipo de gesto foi utilizado não como parte de uma situação de brincadeira, mas sim como uma ação cujo significado específico é compartilhado no contexto cultural do bebê e relacionado a uma determinada palavra:

- \*MOT: tchau, dê tchau papai.
- %act: segura o telefone próximo à orelha esquerda do bebê, olhando em direção a ele.
- \*CHI: 0.
- %act: olha em direção ao rosto da mãe e acena "tchau" com a mão direita, segurando o telefone com a esquerda.

Aos 12 meses foi observado pela primeira vez o uso do gesto representativo de objeto pelo bebê. Este gesto foi utilizado em duas situações, sendo que na primeira mãe e bebê compartilhavam um violão de brinquedo e ambos tocavam as cordas alternadamente, como ilustrado no trecho a seguir:

- \*MOT: 0.
- %act: segura um violão sobre o colo do bebê e toca as cordas do brinquedo com o dedo indicador.
- \*CHI: 0.
- %act: olha em direção ao violão que está no seu colo e toca as cordas com os dedos.

Na segunda situação em que este tipo de gesto foi utilizado, mãe e bebê brincavam com uma bola, de modo que cada membro da diáde assumia alternadamente o papel de receber e jogar o brinquedo para o outro:

\*MOT: goooool, joga Edson pra mim, joga.  
 %act: olha em direção ao bebê.  
 \*CHI: 0.  
 %act: empurra a bola amarela em direção à mãe e olha em direção a ela.  
 \*MOT: joga para mamãe, toma!  
 %act: empurra a bola verde em direção ao bebê.  
 \*CHI: 0.  
 %act: olha em direção à bola verde e a empurra em direção à mãe quando ela o alcança.  
 \*MOT: ui!  
 %act: joga a bola verde em direção ao bebê.  
 \*CHI: 0.  
 %act: com a mão direita, empurra a bola verde de volta para a mãe.

Outras situações em que os gestos representativos de objeto foram utilizados pelo bebê foram atividades como encaixar uma peça em um brinquedo de montar, empurrar um carrinho e segurar um telefone próximo à orelha, vocalizando. Destaca-se que tais comportamentos foram observados na criança após a mãe tê-los utilizado junto a ela. Além disso, aos 12 meses o bebê utilizou um gesto representativo combinado a uma onomatopeia relativa ao brinquedo que manipulava, sendo este um tipo de comunicação mais sofisticado do que o gesto isolado:

\*CHI: brrrrrr.  
 %act: empurra o carrinho que está do seu lado direito e olha em direção ao brinquedo.

A mudança no contexto interativo que ocorreu aos 12 meses, com maior uso compartilhado dos brinquedos por meio de gestos representativos de objeto, levou a uma diminuição da frequência dos gestos dêiticos de alcançar por parte da criança e dos gestos dêiticos de mostrar por parte da mãe. Visto que a diáde manteve sua atenção focada em tais brinquedos, que se encontravam próximos a ela, não havia necessidade da criança de buscar outros elementos de seu interesse no ambiente, tampouco da mãe de mostrar objetos para chamar a atenção do bebê.

### Gestos utilizados pela mãe

Tabela 14

*Frequências dos gestos dêiticos e representativos utilizados pela mãe da diáde 5 aos 6, 9 e 12 meses de idade do bebê em situação de brincadeira livre.*

| Gestos                 | Idades  |         |          | Total      |
|------------------------|---------|---------|----------|------------|
|                        | 6 meses | 9 meses | 12 meses |            |
| <b>Dêiticos</b>        |         |         |          |            |
| <i>GD:A</i>            | 0       | 0       | 0        | 0          |
| <i>GD:M</i>            | 36      | 32      | 4        | <b>72</b>  |
| <i>GD:O</i>            | 4       | 0       | 7        | 11         |
| <i>GD:RS</i>           | 0       | 0       | 0        | 0          |
| <i>GD:S</i>            | 0       | 0       | 0        | 0          |
| <i>GD:APC</i>          | 2       | 1       | 6        | 9          |
| <i>GD:APM</i>          | 4       | 0       | 1        | 5          |
| <b>Representativos</b> |         |         |          |            |
| <i>GR:O</i>            | 7       | 11      | 67       | <b>85</b>  |
| <i>GR:C</i>            | 1       | 9       | 8        | 18         |
| Total                  | 54      | 53      | 93       | <b>200</b> |

Conforme os dados da Tabela 14, o gesto dêitico mais utilizado pela mãe foi o de mostrar (GD:M), apresentando valores parecidos aos seis e nove meses ( $f=36$  e  $f=32$ , respectivamente) e diminuindo de forma acentuada aos 12 ( $f=4$ ). Quanto aos gestos representativos, o mais frequente foi o gesto representativo de objeto (GR:O), sendo que quase a sua totalidade foi observada aos 12 meses.

O gesto dêitico de mostrar foi utilizado aos seis e nove meses de idade do bebê em situações em que a mãe desejava chamar a atenção dele para si. Nas ocasiões em que o bebê respondeu a este gesto, olhando em direção ao objeto mostrado, surgiu uma oportunidade para que um episódio fosse estabelecido. Este bebê em particular tendia a demonstrar interesse pelos objetos mostrados ou apontados pela mãe, olhando em direção a eles e tentando alcançá-los. Este fato pode ter incentivado a mãe a utilizar o gesto de mostrar, explicando sua alta frequência nos dois primeiros períodos observados. Aos 12 meses nota-se

uma queda na frequência do gesto de mostrar e um aumento nos gestos representativos de objeto. Aos nove meses a mãe empurrou um carrinho e quicou uma bola no chão, mas sem a participação ativa do bebê, que observou as ações. Contudo, uma mudança ocorreu aos 12 meses e a criança passou a utilizar os mesmos gestos que a mãe na manipulação de objetos, o que pode ter feito com que esta última os utilizasse com maior frequência. Um exemplo pode ser visto a seguir:

\*MOT: joga para mamãe, toma!  
 %act: empurra a bola verde em direção ao bebê.  
 \*CHI: 0.  
 %act: olha em direção à bola verde e a empurra em direção à mãe quando ela o alcança.  
 \*MOT: ui!  
 %act: joga a bola verde em direção ao bebê.  
 \*CHI: 0.  
 %act: com a mão direita, empurra a bola verde de volta para a mãe.

Os gestos representativos convencionais (GR:C) foram utilizados pela mãe em especial aos nove e 12 meses. No primeiro período citado, a mãe e o bebê realizaram uma brincadeira em que batiam nas mãos um do outro de maneira alternada. Além disso, a mãe acenou “tchau” para o bebê. Aos 12 meses a mãe bateu palmas, sinalizou “acabou”, fez um gesto com a mão para “venha” e sinalizou “não” com a cabeça. Além disso, movimentou o nariz, “cheirando”, quando se referia a esta parte do corpo em uma interação com o bebê:

\*MOT: hei, cadê o nariz?  
 %act: olha em direção ao rosto do bebê e "cheira".  
 \*CHI: 0.  
 %act: olha em direção ao rosto da mãe e faz o mesmo que ela.

Na sequência apresentaremos as atribuições de significado maternas relativas aos gestos do bebê.

### Atribuições de significado

Tabela 15

*Atribuições de significado maternas aos gestos do bebê aos 6, 9 e 12 meses de idade (diáde 5).*

| Atribuições de significado | Idade | Total |
|----------------------------|-------|-------|
|                            |       |       |

|       | 6 meses | 9 meses | 12 meses |           |
|-------|---------|---------|----------|-----------|
| A:P   | 0       | 1       | 0        | 1         |
| A:V   | 3       | 1       | 7        | <b>11</b> |
| A:C   | 0       | 0       | 0        | 0         |
| A:D   | 3       | 0       | 0        | 3         |
| A:N   | 1       | 0       | 0        | 1         |
| Total | 7       | 2       | 7        | <b>16</b> |

Os valores da Tabela 15 mostram que a mãe da diáde 5 realizou, em comparação com as demais mães do estudo, poucas atribuições de significado ( $f=16$ ). A quase totalidade foi representada pelas atribuições de volição (A:V) ( $f=11$ ), além de não haver variação entre os totais aos seis e aos 12 meses de idade do bebê ( $f=7$ ).

As atribuições de volição foram realizadas em situações tais como: a mãe sorriu para o bebê e ele não correspondeu, a criança olhou em direção a algo ou, na maioria das vezes, não olhou em direção ao que a mãe mostrava. Esta última é ilustrada no trecho a seguir, retirado da observação aos nove meses:

\*MOT: tictictic.  
 %act: movimenta o fantoche acima da cabeça do bebê.  
 \*CHI: 0.  
 %act: olha para baixo, em direção à caixa.  
 \*MOT: quer mais não?  
 %act: mostra o fantoche ao bebê, olhando em direção a ele.  
 \*CHI: 0.  
 %act: olha em direção ao fantoche.  
 \*MOT: tchau!  
 %act: movimenta a mão com o fantoche para os lados, sinalizando "tchau".

Nota-se que, neste caso, a mãe atribuiu o significado de que o bebê não desejava mais brincar com o fantoche e disse “tchau”, sinalizando que iria interromper a brincadeira. Aos 12 meses observou-se este tipo de atribuição com relação a um comportamento diferente dos citados acima, em que o bebê ofereceu um objeto à mãe:

\*CHI: 0.  
 %act: pega o cubo com a mão esquerda e o entrega para a mãe.  
 \*MOT: quer mais não, quer mais não?  
 %act: coloca o cubo no chão, em frente ao bebê, e olha em direção à criança.

A segunda categoria de atribuições mais frequente foi a de disposição (A:D), a qual ocorreu em relação a mudanças de posição do bebê e de sua direção do olhar. O trecho a seguir mostra que nem sempre a atribuição materna estava de acordo com o que o bebê desejava, visto que ela afirmou que o bebê estava cansado e buscou fazê-lo se sentar. Entretanto, a criança sinalizou que esta não era a sua vontade ao apresentar resistência:

\*CHI: 0.  
 %act: olha em direção a uma bola que está ao lado do pintinho e, em seguida, volta a olhar para o pintinho.  
 \*MOT: vai não? Vai não, cansou?  
 %act: olha em direção ao bebê, com a mão na cintura dele.  
 \*CHI: 0.  
 %act: olha em direção à bola e, em seguida, em direção ao pintinho, e movimenta o corpo.  
 \*MOT: cansou. Senta.  
 %act: segura o bebê pela cintura e tenta colocá-lo sentado no chão.  
 \*CHI: 0.  
 %act: não flexiona as pernas para sentar, mantendo-se em pé enquanto a mãe o segura.  
 \*MOT: senta, senta.  
 %act: segura o bebê pela cintura, mas ele não senta.  
 \*CHI: 0.  
 %act: olha em direção ao pintinho e, apoiado pela mãe, caminha em direção ao brinquedo.

A única atribuição de percepção (A:P) foi realizada em relação à direção do olhar do bebê e a de necessidade (A:N) foi feita quando o bebê bocejou. Acerca desta última, uma possível explicação para sua baixa frequência pode ser o fato de que este tipo de atribuição costumava ser realizado em situações em que o bebê apresentava choro ou desconforto, o que não aconteceu em nenhuma das observações realizadas com esta diáde.

Os contextos em que as interações desta diáde ocorreram serão discutidos mais detalhadamente na próxima seção.

### **Descrição dos episódios interativos**

#### 6 meses

Durante a observação aos 6 meses, mãe e bebê estavam no quarto e os brinquedos utilizados nesta idade foram um caracol e um palhaço feitos de borracha que emitiam um som quando pressionados, um carrinho e um pintinho de pelúcia, uma boneca Mônica, bexigas,

uma bola grande, um triciclo e bolinhas coloridas. Inicialmente, o bebê estava com a mãe em cima da cama, sentado sobre um tapete colorido que continha brinquedos colados. Na situação incial observada, a mãe mostrou uma sequênciade objetos ao bebê. Primeiramente uma boneca, que a criança não olhou e, em seguida, um sol que emitia um som de chocalho, que o bebê olhou e tocou com a mão. A mãe mostrou também o tapete sobre o qual o bebê estava sentado, bexigas, um carrinho e um caracol de borracha, sendo que a criança olhou apenas para estes dois últimos. Esta sequênciade foi finalizada apenas quando o bebê movimentou o corpo e vocalizou e, diante de tal comportamento, a mãe disse “cansou?” e o colocou deitado. Em seguida, a mãe segurou o bebê pelos braços e o ajudou a caminhar pelo ambiente. Ao chegarem ao quarto do bebê, um episódio interativo teve início, visto que a mãe utiliza o gesto de apontar para manter a atenção do bebê, como pode ser visto no trecho a seguir:

\*MOT: Edson, ó nenê. Edson.

%act: pega o bebê no colo ao chegar ao quarto dele. Aponta para uma placa que está na porta do quarto, que contém o nome do bebê, e a lê devagar.

\*CHI: 0.

%act: olha para a direção que a mãe aponta.

\*MOT: Edson. Neném.

%act: tocando a placa com o indicador, lê o nome do bebê devagar.

\*CHI: 0.

%act: não é possível ver o rosto do bebê.

\*MOT: ô neném. Neném.

%act: bate a mão repetidamente na placa e olha em direção ao rosto do bebê.

\*CHI: 0.

%act: estende o braço direito com a mão aberta em direção à placa, olhando em direção a objeto.

\*MOT: 0.

%act: segura o bebê pela cintura e o levanta, aproximando-o da placa.

\*CHI: 0.

%act: olhando em direção à placa, bate no objeto com as duas mãos.

O episódio foi finalizado quanto a mãe levou o bebê até o berço. Iniciando outro episódio, a criança olhou em direção a um móbil e a mãe, percebendo o interesse dela pelo objeto, ligou o brinquedo, e uma música começou a tocar. O bebê alternou o olhar entre a mãe e o móbil e sorriu após a mãe sorrir:

\*MOT: êêêê.

%act: olhando em direção ao rosto do bebê e sorrindo, toca as pernas dele.  
 \*CHI: 0.  
 %act: olha em direção ao rosto da mãe.  
 \*MOT: olha!  
 %act: toca no móbile, olhando em direção ao rosto do bebê.  
 \*CHI: 0.  
 %act: olha em direção ao móbile e, em seguida, em direção ao rosto da mãe.  
 \*MOT: 0.  
 %act: olha em direção ao rosto do bebê, sorrindo.  
 \*CHI: 0.  
 %act: olhando em direção ao rosto da mãe, sorri.

Observou-se uma fluidez durante a interação e o episódio foi interrompido apenas quando o bebê olhou em direção ao seu lado esquerdo, onde havia três brinquedos de pelúcia. A mãe pegou um dos brinquedos mas não mostrou ao bebê, apenas continuou a movimentar as pernas da criança enquanto olhava em direção ao seu rosto. Assim que o bebê olhou em direção ao móbile novamente, a interação com o objeto foi retomada, de modo que a mãe apontou em direção a ele e, em seguida, o bebê olhou e tentou alcançá-lo.

Em outro episódio, a díade estava no chão enquanto a mãe fazia os dedos andarem pelo piso e o bebê observava a ação. Em seguida, ele olhou em direção a um pintinho de pelúcia e a mãe disse “cadê o piu-piu?”, demonstrando estar sintonizada aos interesses demonstrados pelo bebê, e ajudou a criança a caminhar em direção ao brinquedo, dando continuidade à interação. Quando o bebê parou, sentou no chão e colocou a mão em uma bola, a mãe disse “é, a bola”, rotulando o objeto e possibilitando que, futuramente, a criança aprenda a palavra ao qual ele se refere. A mãe começou a bater a bola no chão ao lado do bebê, enquanto a criança olhava em direção ao brinquedo e tentava alcançá-lo. Em seguida, a mãe pegou a bola e a afasta do bebê, finalizando o episódio.

Outra tentativa de estabelecer um episódio foi iniciada pela mãe quando ela aproxima um triciclo do bebê, que bateu a mão no pedal, fazendo-o girar, e manteve seu interesse no objeto mesmo diante das tentativas maternas de iniciar uma brincadeira de esconder o rosto com uma fralda. Sendo assim, a mãe mostrou um pintinho dizendo “piu piu piu”, mas o bebê olhou apenas brevemente em direção ao brinquedo, logo voltando sua atenção para o pedal.

Quando a mãe começou a cantar, o bebê olhou em direção a ela, que afastou o triciclo. Contudo, o bebê tentou alcançar o brinquedo, demonstrando que desejava continuar a manipular o objeto. Mesmo diante dos sinais fornecidos pelo bebê de que seu interesse estava voltado para o triciclo, a mãe tentou engajá-lo em uma interação, mas só conseguiu chamar a sua atenção ao segurá-lo pelo braço e virá-lo, de modo que olhasse para ela. Nota-se que não houve o estabelecimento de um episódio de atenção conjunta neste momento da interação porque as ações da mãe desviaram o foco do bebê daquilo que ele demonstrou interesse, propondo novas atividades às quais ele não dava continuidade.

Diante deste comportamento, a mãe chamou o bebê pelo nome e o segurou próximo de si, jogando em seguida uma bola na frente dele. Neste momento, o bebê também olhou em direção à bola e a mãe prosseguiu com a atividade, embora tenha havido uma quebra quando a criança olhou brevemente em direção ao triciclo. A brincadeira com a bola se desenvolveu até o momento em que o bebê olhou novamente em direção ao triciclo e bateu as mãos no brinquedo, diante do que a mãe disse “só quer saber dessa motoca”. Todas essas tentativas maternas de manter a atenção do bebê mostraram-se infrutíferas, pois ele continuava com a atenção voltada para o pedal do triciclo, sem interagir diretamente com ela.

A mãe mostrou ao bebê um brinquedo de borracha que emitia som, o que finalmente chamou a sua atenção, visto que ele olhou e tentou alcançar o objeto, agitando os braços:

\*MOT: êêêêê!

%act: faz o brinquedo "pular" sobre as pernas do bebê, pressionando-o.

\*CHI: 0.

%act: continua a olhar em direção ao brinquedo, agitando os braços estendidos em direção ao objeto e abrindo a boca.

\*MOT: ei ei ei, ei ei ei!

%act: pressiona o brinquedo, tocando com ele no nariz do bebê.

\*CHI: 0.

%act: tenta segurar o brinquedo com as duas mãos, olhando em direção a ele com a boca aberta.

\*MOT: tic tic tic tic.

%act: pressiona o brinquedo sobre a cabeça do bebê, olhando em direção ao rosto dele e sorrindo.

\*CHI: 0.

%act: levanta a cabeça e olha em direção ao brinquedo, com a boca aberta e estendendo os braços em direção ao objeto.

Uma alternância entre os gestos dêiticos de mostrar e de alcançar pode ser observada no trecho a seguir, havendo uma clara troca de turnos:

- \*CHI: 0.
- %act: olhando em direção ao brinquedo, estende e agita os dois braços em direção a ele.
- \*MOT: tic tic tic. Venha pegar, venha pegar. Vem, pega!
- %act: afasta o brinquedo do bebê, fazendo-o "pular" em frente ao bebê, mas mantendo-o distante.
- \*CHI: 0.
- %act: olhando em direção ao brinquedo, inclina o corpo para frente e aproxima-se do objeto. Tenta alcançar o brinquedo com a mão direita, estendendo e agitando o braço.
- \*MOT: venha pegar, pega!
- %act: olhando em direção ao rosto do bebê, bate o brinquedo no chão repetidamente na frente dele.
- \*CHI: 0.
- %act: olhando em direção ao brinquedo, estende os braços em direção ao objeto tentando alcançá-lo e inclina o corpo para frente.
- \*MOT: ô, ô, pega.
- %act: agita o brinquedo no chão em volta do bebê.

Este episódio terminou quando o bebê olhou em direção a um pintinho de pelúcia que estava próximo e o pegou. A mãe continuou a mostrar o brinquedo de borracha durante algum tempo, mas o bebê não olhou, de modo que ela mostrou um palhaço e conseguiu atrair a atenção dele. Na sequência, a mãe mostrou sua própria mão ao bebê, que olhou em direção a ela e tentou tocá-la, até que voltou sua atenção novamente para o triciclo. A mãe seguiu mostrando brinquedos ao bebê, mas conseguiu chamar sua atenção novamente apenas quando empurrou algumas bolinhas coloridas em direção a ele e disse “cadê a bola?”, “ó as bolinhas”, “correu”. Nota-se que, neste episódio em particular, a mãe não rotulou apenas o objeto em si, por meio do substantivo “bola”, mas também nomeou a ação, ao dizer “correu”.

### 9 meses

Aos nove meses a observação foi realizada em um quarto e a diáde estava no chão. Inicialmente a mãe manipulava dois fantoches, sendo um em formato de pato que emitia um som e um em formato de coelho. No ambiente havia também um carrinho de bebê, um dado do tamanho aproximado de uma bola de futebol, uma bola preta pequena, uma bola média roxa, um carrinho, um caranguejo e um pino de boliche, os três últimos feitos de plástico. Um primeiro episódio foi observado quando a mãe, sorrindo, alternava as ações de mostrar e

esconder o fantoche de pato em frente à criança, que sorria olhando em direção ao objeto. O movimento de mostrar e esconder o brinquedo, bem como tocar o corpo do bebê com o objeto, fez com que a criança antecipasse o próximo movimento da mãe, visto que a alternância entre os dois comportamentos se manteve durante um período de tempo. Isto porque, quando a mãe escondia o fantoche, a criança olhava em direção ao rosto dela e sorria. Além do direcionamento do olhar em relação ao objeto e dos sorrisos, a criança demonstrou interesse na brincadeira por meio do gesto de alcançar o brinquedo com as mãos. Durante este episódio, a mãe utilizou ainda o gesto de acenar “tchau”, como pode ser visto no trecho a seguir, além de rotular a ação com uma palavra correspondente:

\*CHI: 0.  
 %act: olha em direção ao fantoche e o toca com a mão esquerda.  
 \*MOT: tchaaau! <Tchau nenê> [<]!  
 %act: continua a acenar "tchau" com o fantoche.  
 \*CHI: brrrrrrr.  
 %act: olha em direção ao fantoche e estende os dois braços, com as mãos abertas, em direção ao brinquedo.

O episódio foi finalizado quando o bebê olhou em direção a uma caixa que estava na sua frente e caminhou em direção ao objeto, tocando-o com as duas mãos. Frente a este comportamento, a mãe mostrou um dado ao bebê na tentativa de reestabelecer a interação com ele. Neste sentido, percebe-se que o gesto dêitico de mostrar é de suma importância, tanto para o estabelecimento, quanto para a manutenção de episódios interativos diádicos. Embora a criança tenha olhado brevemente em direção ao dado, um novo episódio não foi estabelecido. Isso só ocorreu quando a mãe estendeu as mãos com as palmas para cima em direção ao bebê e, em seguida, a criança bateu suas próprias mãos nas mãos da mãe, iniciando uma brincadeira que demonstrou ser agradável para ambos:

\*MOT: bate!  
 %act: olhando em direção ao rosto do bebê, mostra as mãos com as palmas para cima em direção ao rosto dele.  
 \*CHI: hân.  
 %act: bate as mãos nas palmas das mãos da mãe e desequilibra-se para trás.  
 \*MOT: bateu! Ui, devagar. Bate bate bate, mamãe, bate bate bate!  
 %act: segura o bebê para que ele não caia e estende as mãos em direção a ele como anteriormente, batendo as mãos nas mãos dele.

- CHI: 0.  
 %act: bate as suas mãos nas mãos da mãe, no mesmo ritmo que ela, olhando em direção a ela e sorrindo.  
 \*MOT: bate bate <bate mamãe> [>], bate bate bate mamãe.  
 %act: olhando em direção ao rosto do bebê e sorrindo, bate nas mãos dele.  
 \*CHI: <há> [<] !  
 %act: bate as mãos nas mãos da mãe, olhando em direção a ela e sorrindo.

O episódio foi finalizado quando o bebê, apoiado pela mãe, começou a caminhar pelo ambiente. Na sequência, iniciou-se um episódio em que a diáde manteve contato face-a-face, olhando em direção um ao outro e sorrindo. A mãe repetiu a palavra “elefante” vagarosamente, destacando cada sílaba e, em seguida, perguntou repetidas vezes ao bebê “cadê o elefante?”, mas a criança permaneceu olhando em direção a objetos do ambiente ou à mãe, até que sua atenção se voltou para um objeto específico:

- \*MOT: cadê o elefante?  
 %act: olha em direção ao rosto do bebê, sorrindo.  
 \*CHI: 0.  
 %act: olha para cima, em direção a um quadro com a figura de elefante que está preso na parede.  
 \*MOT: e-le-fan...  
 %act: olha na mesma direção que o bebê olha e aponta o quadro com o indicador.  
 \*CHI: 0.  
 %act: olha em direção ao quadro.  
 \*MOT: te!  
 %act: olha em direção ao rosto do bebê, sorrindo.  
 \*CHI: 0.  
 %act: olha em direção ao rosto da mãe.

O bebê olhou em direção ao quadro, o que pode demonstrar que compreendeu a palavra referente ao objeto. No entanto, não é possível afirmar este fato com certeza, pois houve outros momentos durante a interação em que a mãe apresentou este mesmo comportamento sem, contudo, obter a mesma resposta do bebê. Nota-se também que o gesto de apontar da mãe levou a criança a alternar o olhar entre o quadro e ela, demonstrando que percebeu que ela também está atenta àquele objeto. Ambos “checaram” para onde a atenção um do outro estava sendo direcionada.

Após o final deste episódio, o bebê alternou sua atenção entre uma cômoda, um brinquedo e uma caixa, de modo que a mãe mostrou objetos na tentativa de obter o engajamento da criança em uma interação. Contudo, este foi conseguido apenas quando a

mãe começou a fazer cócegas na criança e ambos sorriram enquanto olhavam em direção um ao outro. O episódio durou até o momento em que a criança olhou em direção à cômoda e caminhou até o móvel. Na tentativa de estabelecer uma nova atividade de interação com o bebê, a mãe bateu uma bola no chão e disse “olha a bola”. Em seguida, o bebê engatinhou em direção à bola, sorrindo, e tentou alcançá-la.

### 12 meses

A observação aos 12 meses foi realizada em um quarto onde havia objetos como um violão de brinquedo, um carrinho de plástico do Mickey que emitia um som, uma mesa de plástico pequena, um andador, uma bola de futebol, uma bola amarela e uma verde um pouco maiores do que a bola de futebol, um quadriciclo em forma de carrinho, um cubo de plástico vazado e peças que podiam ser encaixadas nele, dois carrinhos de plástico e um carrinho vermelho de plástico vazado em que era possível o encaixe de peças.

Inicialmente, mãe e bebê manipulavam um violão, tocando as cordas do objeto alternadamente. Durante este episódio interativo a díade utilizou gestos representativos de objeto, de modo que o bebê demonstrou compreender o modo como aquele deveria ser utilizado, não mais o manipulando de forma aleatória como era comum aos seis meses, embora este tipo de comportamento ainda seja eventualmente observado aos 12 meses. A mãe, em seguida, retirou o violão das mãos do bebê, mas a criança comunicou que ainda tinha interesse no brinquedo ao permanecer olhando em direção a ele e pegando-o de volta. Visto que a criança manipulava o violão sem interagir diretamente com a mãe, esta tentou chamar a atenção do bebê utilizando um carrinho. A ação da mãe foi efetiva e a criança passou a acompanhar o movimento do brinquedo com o olhar, como pode ser visto no trecho a seguir:

\*MOT: lá vem lá vem lá vem lá vem lá vem. Brrrrr, é vai bater!

%act: olhando em direção ao rosto do bebê, aproxima o carrinho das pernas dele, até tocá-las com o brinquedo.

\*CHI: 0.  
 %act: acompanha o movimento do carrinho com o olhar.

Uma situação que demonstrou a importância dos gestos na comunicação da diáde pode ser exemplificada por um momento da observação em a mãe tentou chamar a atenção do bebê apenas por meio de palavras, dizendo “cadê a bola?”, “a bola!”, contudo sem mostrar o objeto. O bebê não atendeu ao chamado da mãe até que ela pegou a bola e a mostrou a ele. A partir deste momento, a criança passou a olhar em direção à bola e caminhou até o brinquedo, iniciando um novo episódio interativo com a mãe. Durante grande parte da observação, a mãe olhou em direção ao rosto do bebê e disse repetidas vezes “cadê o narizinho?”, “cadê a boca?”. No entanto, ele permaneceu olhando e manipulando brinquedos, voltando-se para a mãe esporadicamente.

A mãe, olhando em direção ao rosto do bebê e sorrindo, começou a tocar o corpo dele com os dedos. A criança respondeu por meio de um sorriso, iniciando um novo episódio, cujo trecho é apresentado a seguir:

\*MOT: puc!  
 %act: toca a perna do bebê com os dedos.  
 \*CHI: ahân.  
 %act: olhando em direção à mão da mãe sobre a sua perna, ri.  
 \*MOT: puc!  
 %act: toca a outra perna do bebê com os dedos.  
 \*CHI: 0.  
 %act: olhando em direção à mão da mãe, toca os dedos dela com o indicador esquerdo.

O episódio foi finalizado quando o bebê olhou em direção a uma bola e a empurrou em direção à mãe, que retribuiu realizando a mesma ação, iniciando um novo episódio em que jogavam a bola um para o outro. Durante esta brincadeira observou-se que houve uma comunicação clara entre a diáde, onde cada um demonstrava saber qual a ação a ser executada após receber a bola do parceiro e demonstrando que ambos estavam atentos ao comportamento um do outro.

Um episódio em que foi observada uma atividade de cooperação entre mãe e bebê ocorreu quando o adulto mostrou à criança o local correto em que um objeto deveria ser colocado e ela fez o que foi solicitado:

\*MOT: toma, bota aqui.  
 %act: pega o cubo e abre a tampa. Olha em direção ao rosto do bebê.  
 \*CHI: 0.  
 %act: olhando em direção ao cubo, se abaixa e coloca a peça dentro do objeto.

É importante observar que a mãe combinou palavras, a ação de abrir a tampa e o olhar em direção ao bebê durante a solicitação. No exemplo a seguir, observa-se outro momento em que esta combinação ocorreu, o que deu início a um novo episódio:

\*CHI: 0.  
 %act: olha em direção ao rosto da mãe.  
 \*MOT: alô, é pra Edson? Toma.  
 %act: olhando em direção ao rosto do bebê, oferece o telefone a ele.  
 \*CHI: 0.  
 %act: olha em direção ao telefone e estende o braço direito, com a mão aberta para pegá-lo.  
 \*MOT: alô. Fale com vovó.  
 %act: afasta o telefone da mão do bebê e aproxima o objeto da orelha da criança.  
 \*CHI: ah!  
 %act: segura o telefone com a mão esquerda.

Durante este episódio o bebê manipulou o telefone não apenas por meio do gesto representativo de objeto, mas também utilizou manipulação simples e colocou o brinquedo na boca, ambos comportamentos menos sofisticados e observados com mais frequência em fases anteriores. No momento em que o bebê apresenta este comportamento, a mãe o auxilia a fazer o uso correto do brinquedo, demonstrando que os episódios interativos criam importantes oportunidades para que a criança aprenda, por meio do adulto, a utilizar os objetos de seu meio cultural. O trecho descrito é mostrado abaixo:

\*MOT: na boca não.  
 %act: observa o bebê.  
 \*CHI: hum.  
 %act: mantém o telefone na boca, olhando para frente.  
 \*MOT: aqui.  
 %act: toca a orelha direita do bebê com a mão.  
 \*CHI: 0.  
 %act: retira o telefone da boca e o coloca próximo à orelha direita, olhando para baixo.

Ainda durante este episódio, foi observada uma alternância de palavras da mãe e vocalizações do bebê enquanto utilizavam o gesto representativo de objeto, configurando um tipo de diálogo entre a diáde, como pode ser visto no trecho a seguir:

- \*MOT: diga alô.
- %act: segura o telefone próximo à orelha esquerda do bebê, olhando em direção a ele.
- \*CHI: aia.
- %act: leva a mão esquerda até o telefone e vocaliza, olhando para frente.
- \*MOT: alô.
- %act: segura o telefone próximo à orelha esquerda do bebê, olhando em direção a ele.
- \*CHI: nã.
- %act: com a mão esquerda tocando o telefone, vocaliza olhando para frente.
- \*MOT: diga tchau. Tchau!
- %act: segura o telefone próximo à orelha esquerda do bebê, olhando em direção a ele.
- \*CHI: niá.
- %act: com a mão esquerda tocando o telefone, vocaliza olhando para frente.

Embora ainda não fosse capaz de dizer “tchau” conforme solicitado pela mãe, durante o episódio o bebê utilizou o gesto representativo convencional referente a esta palavra, acenando para a mãe. É importante destacar que o bebê usou este gesto sem que a mãe o tivesse utilizado anteriormente durante este episódio.

A característica desta mãe de estar grande parte do tempo atenta ao que o bebê olhava ou tentava alcançar, ou seja, àquilo em relação ao que a criança demonstrava interesse, tornou possível o estabelecimento de episódios interativos duradouros. Na sequência serão apresentados os resultados referentes à comunicação da diáde 6.

#### 4.6. Díade 6 - Manuel

##### Gestos utilizados pelo bebê

Tabela 16

*Frequências dos gestos dêiticos e representativos utilizados pelo bebê da diáde 6 aos 6, 9 e 12 meses de idade em situação de brincadeira livre.*

| Gestos          | Idades  |         |          | Total     |
|-----------------|---------|---------|----------|-----------|
|                 | 6 meses | 9 meses | 12 meses |           |
| <b>Dêiticos</b> |         |         |          |           |
| GD:A            | 1       | 4       | 7        | <b>12</b> |
| GD:M            | 0       | 0       | 1        | 1         |

|                 |   |    |    |           |
|-----------------|---|----|----|-----------|
| <i>GD:O</i>     | 0 | 0  | 0  | 0         |
| <i>GD:RS</i>    | 0 | 3  | 0  | 3         |
| <i>GD:S</i>     | 0 | 3  | 0  | 3         |
| <i>GD:APC</i>   | 0 | 0  | 5  | 5         |
| <i>GD:APM</i>   | 0 | 0  | 2  | 2         |
| Representativos |   |    |    |           |
| <i>GR:O</i>     | 0 | 0  | 18 | <b>18</b> |
| <i>GR:C</i>     | 0 | 10 | 2  | 12        |
| Total           | 1 | 20 | 35 | <b>56</b> |

Conforme os dados apresentados na Tabela 16, a frequência do gesto de alcançar (GD:A) aumentou conforme o bebê se desenvolvia, ao contrário do que ocorreu com as outras crianças do estudo. Embora este tenha sido o gesto dêitico mais utilizado pela criança durante as observações, a frequência de gestos aos seis meses foi quase nula ( $f=1$ ). Com relação aos gestos representativos, o gesto representativo de objeto (GR:O) foi o mais frequente aos 12 meses, enquanto o gesto representativo convencional (GR:C) foi mais utilizado aos nove meses.

Acerca do gesto de alcançar, seu uso foi observado uma única vez aos seis meses, em uma situação em que a mãe mostrava um trem ao bebê. O contexto interativo prevalente nas observações durante esta idade podem não ter favorecido o uso de gestos pelo bebê, visto que inicialmente ele estava chorando e a mãe o segurava no colo, olhando em direção a ele, cantando, jogando-o para cima, balançando-o para os lados, beijando-o ou fazendo cócegas, tendo mostrado poucos objetos. O gesto de mostrar materno foi observado nas outras diádicas como favorecedor do gesto de alcançar dos bebês, quando eles tinham interesse no objeto mostrado por elas. A mãe se manteve muito próxima ao bebê, de modo que ele conseguia pegar facilmente os brinquedos mostrados por ela, não havendo uma tentativa prévia de alcançá-los, enquanto outras vezes apenas olhava brevemente em direção ao brinquedo e logo direcionava a atenção a outros objetos. Além disso, a mãe posicionou todos os brinquedos aos

pés do bebê, bem próximos a ele, facilitando o seu acesso. Durante as observações realizadas nos meses seguintes, os objetos se encontravam mais dispersos no ambiente, de modo que o bebê demonstrou interesse em brinquedos que estavam afastados dele, e o gesto de alcançar comunicou este interesse. Os comportamentos maternos de demonstração de afeto diante do choro do bebê persistiram por algum tempo durante a observação, até que ele parou de chorar e sorriu.

Os primeiro gesto de apontar utilizado pelo bebê ocorreu em uma situação em que brincava com um caminhão, juntamente com a mãe. O gesto parece ter sido decisivo para que a mãe compreendesse o que a criança desejava mostrar, tornando a comunicação mais acurada:

\*CHI: 0.  
 %act: olha em direção ao caminhão e o toca com a mão direita.  
 \*MOT: o que é que tu quer aí, Manuel? O que é que você quer que mainha não tá entendendo, hum?  
 %act: olha para o caminhão e o puxa para perto de si.  
 \*CHI: abumbum.  
 %act: olha em direção ao caminhão e aponta com o indicador, tocando o brinquedo.  
 \*MOT: ah, é a boca dele, Manuel!  
 %act: olha na direção do local que o bebê aponta.

Em outra situação, o bebê utilizou este gesto em direção a brinquedos que a mãe manipulava no chão, e ela interpretou tal ação como uma solicitação da criança:

\*CHI: 0.  
 %act: olha para algo e aponta com o indicador.  
 \*MOT: esse né, esse, cá Manuel.  
 %act: não é possível ver a mãe, apenas que aponta um carrinho com o indicador e que suas mãos manipulam os brinquedos que estão no chão.  
 \*CHI: 0.  
 %act: aponta com o indicador em direção aos objetos que a mãe manipula.  
 \*MOT: vem cá, chega pra pegar nesse, chega, ó a bola aqui ó. É o coelhinho, dentro da bola, vem pegar esse, chega.  
 %act: pega uma bola e a mostra ao bebê.

Outro contexto comunicativo em que o bebê usou o gesto de apontar ocorreu quando a mãe fez uma pergunta a ele:

\*MOT: eita, cadê o peitinho da vaca? Manuel sabe onde tá o peito da vaca?  
 %act: pega a vaca.  
 \*CHI: 0.

%act: olha em direção à vaca.  
 \*MOT: a vaca dá leite por onde? De onde é que sai o leite da vaca?  
 %act: manipula a vaca em frente ao bebê.  
 \*CHI: 0.  
 %act: aponta com o indicador em direção à barriga da vaca.  
 \*MOT: achou! O leite da vaca sai por aqui.  
 %act: permanece olhando em direção à vaca, sorrindo. Aponta a barriga da vaca com o indicador.

Não se pode afirmar com certeza que o bebê compreendeu a pergunta da mãe e a “respondeu”, contudo, este foi o significado atribuído pela mãe e a situação ilustra como se constroem os contextos interativos em que a oportunidade para a aprendizagem da linguagem surge. É importante mencionar também que a mesma situação envolvendo a vaca ocorreu de forma parecida durante as duas observações aos 12 meses.

Acerca do gesto representativo de objeto, este foi observado apenas aos 12 meses e ocorreu em situações em que o bebê empurrou um carrinho no chão, jogou uma bola e tentou encaixar uma peça em um brinquedo de montar. Além disso, a criança utilizou esta modalidade de gesto em situações em que o seu uso trazia uma consequência direta. Por exemplo, pressionou o botão de um brinquedo, o que fez tocar uma música, e bateu um martelo em um brinquedo, o que fazia um cachorro pular.

Os gestos representativos convencionais foram observados pela primeira vez aos nove meses, estando ligados a situações em que a criança escondeu o rosto com uma tampa de caixa e com uma bacia, como a mãe havia feito anteriormente, brincando de aparecer e desaparecer. Outra brincadeira em que este tipo de gesto foi observado é mostrada a seguir:

\*CHI: 0.  
 %act: olha em direção à bacia e bate a mão direita no objeto, produzindo um som.  
 \*MOT: ah, o bom é esse, né? Fazer zuada.  
 %act: olha em direção ao rosto do bebê e bate a mão na bacia.  
 \*CHI: 0.  
 %act: olhando em direção à bacia, bate a mão direita no objeto.

A seguir, serão apresentados os resultados acerca dos gestos utilizados pela mãe durante a interação com o bebê.

#### Gestos utilizados pela mãe

**Tabela 17**  
*Frequências dos gestos dêiticos e representativos utilizados pela mãe da diáde 6 aos 6, 9 e 12 meses de idade do bebê em situação de brincadeira livre.*

| Gestos                 | Idades  |         |          | Total      |
|------------------------|---------|---------|----------|------------|
|                        | 6 meses | 9 meses | 12 meses |            |
| <b>Dêiticos</b>        |         |         |          |            |
| <i>GD:A</i>            | 0       | 0       | 0        | 0          |
| <i>GD:M</i>            | 17      | 30      | 11       | <b>58</b>  |
| <i>GD:O</i>            | 1       | 13      | 16       | 30         |
| <i>GD:RS</i>           | 0       | 0       | 0        | 0          |
| <i>GD:S</i>            | 0       | 10      | 11       | 21         |
| <i>GD:APC</i>          | 1       | 9       | 34       | <b>44</b>  |
| <i>GD:APM</i>          | 0       | 0       | 1        | 1          |
| <b>Representativos</b> |         |         |          |            |
| <i>GR:O</i>            | 1       | 13      | 25       | 39         |
| <i>GR:C</i>            | 6       | 21      | 14       | <b>41</b>  |
| Total                  | 26      | 96      | 112      | <b>234</b> |

De acordo com os dados da Tabela 17, o gesto dêítico mais utilizado pela mãe foi o de mostrar (GD:M), sendo este também o que apresentou a maior frequência total ( $f=58$ ), o que seguiu uma tendência presente também nas outras mães observadas. As duas modalidades de gestos representativos apresentaram praticamente os mesmos valores, sendo  $f=39$  para o gesto representativo de objeto (GR:O) e  $f=41$  para o gesto representativo convencional (GR:C). Nota-se também que a mãe passou a utilizar os gestos com maior frequência a partir dos nove meses de idade da criança. No total, a mãe desta diáde foi a que apresentou uma maior frequência de gestos.

Acerca dos gestos dêiticos, além do já citado gesto de mostrar, destacaram-se também os gestos de oferecer (GD:O) e solicitar (GD:S). Acerca deste último, foi observado que, das dez solicitações feitas pela mãe aos nove meses, o bebê respondeu a apenas três, e das onze utilizadas aos 12 meses, não houve resposta a nenhuma. Esta foi também a mãe que mais usou o gesto de apontar canônico (GD:APC) durante as interações, apresentando uma

frequência que se destaca pelo fato de que a segunda mãe a apontar mais (díade 2) apresentou um total de 16. Este tipo de gesto foi observado inicialmente aos nove meses do bebê, apresentando um crescimento acentuado aos 12 meses. Aos nove meses, o apontar foi utilizado em situações em que a mãe apresentou de forma mais direta o vocabulário ao bebê, rotulando o que era apontado, solicitando algum objeto ou confirmando algo que o bebê comunicava. A seguir são apresentados trechos que ilustram as três situações:

**Exemplo 1:**

\*MOT: ó o avião. O avião.  
 %act: aponta uma tecla do brinquedo, tocando-a com o indicador. Olha em direção ao rosto do bebê.  
 \*CHI: 0.  
 %act: olha na direção que a mãe aponta.  
 \*MOT: a bicicleta!  
 %act: aponta outra tecla, olhando em direção ao rosto do bebê.  
 \*CHI: 0.  
 %act: olha em direção ao rosto da mãe.  
 \*MOT: e o carrinho, bibi!  
 %act: olha em direção ao rosto do bebê, apontando o brinquedo com o indicador.

**Exemplo 2:**

\*MOT: aquele ali pra mamãe, pegue.  
 %act: toca na mão do bebê e aponta novamente para o brinquedo que quer, olhando em direção ao bebê.  
 \*CHI: 0.  
 %act: olha para a direção que a mãe aponta, onde há uma peça de plástico azul.

**Exemplo 3:**

\*CHI: ahän.  
 %act: olha em direção a um trator que está à sua frente, mas fora de alcance, e estende o braço, abrindo e fechando a mão, em direção ao objeto.  
 \*MOT: cadê, é esse é?  
 %act: toca o trator com o indicador e olha em direção ao rosto do bebê.  
 \*CHI: 0.  
 %act: permanece olhando em direção ao trator.  
 \*MOT: pegue ele, vá pegar!  
 %act: retira a bacia da frente do bebê.

Aos 12 meses este tipo de gesto foi utilizado, além das situações descritas acima, em um contexto em que a díade brincava de encaixar um bloco no orifício correto, o qual a mãe indicava por meio do apontar. No trecho a seguir, observa-se que o gesto da mãe auxiliou o bebê a montar o brinquedo da forma adequada:

\*MOT: outro, bota esse aqui.  
 %act: aponta para a caçamba do caminhão com o indicador.  
 \*CHI: 0.  
 %act: segue o apontar da mãe com o olhar e pega o cubo que está na caçamba com a mão direita.  
 \*MOT: bota o amarelo aí.  
 %act: aponta a roda, tocando-a com o indicador.  
 \*CHI: 0.  
 %act: segue o apontar da mãe, olha em direção à roda e coloca o cubo amarelo no orifício.  
 \*MOT: muito bem camarada! Camarada, esse. Esse, camarada.  
 %act: pega um cubo que está no chão e o oferece ao bebê.

Destaca-se que, do total de 34 gestos de apontar utilizados pela mãe durante os 12 meses, o bebê seguiu 15 deles com o olhar, além de dirigir seu comportamento com base no que a mãe indicava, como visto no exemplo acima.

Acerca dos gestos representativos, houve uma semelhança entre as frequências dos de objeto e dos convencionais. Os primeiros foram utilizados de forma mais acentuada a partir dos nove meses, em uma situação em que a mãe utilizava um telefone de brinquedo enquanto interagia com o bebê, além de encaixar uma peça de quebra-cabeça no local correto. Aos 12 meses este gesto foi utilizado ao empurrar um carrinho, jogar uma bola, pressionar um botão para ligar um brinquedo, encaixar a peça de um quebra-cabeça e bater um martelo. Um exemplo desta última situação é mostrado a seguir:

\*MOT: pulou, eita! Vai, de novo de novo!  
 %act: pega a mão com a qual o bebê segura o martelo e a bate no cachorro.  
 \*CHI: 0.  
 %act: olha em direção ao cachorro e bate o martelo nele, sem a ajuda da mãe.  
 \*MOT: eita, pulou!  
 %act: olha em direção ao rosto do bebê e recoloca as peças no cachorro.

Os gestos representativos convencionais foram observados a partir dos seis meses, em um contexto em que a mãe bateu palmas enquanto cantava parabéns. Aos nove meses, foram observados os gestos referentes a “tchau”, “cadê”, “sim”, “venha”, além das brincadeiras de esconder o rosto e bater as mãos em uma bacia. Durante a observação aos 12 meses, a mãe utilizou, além dos gestos convencionais já citados, outros referentes a “acabou”, além de dançar enquanto cantava uma música e de estalar os dedos para chamar um cachorro:

- \*MOT: chame o auau, chame. Auau, vem pra perto da gente. Tsctscsc. Chama ele, chama.  
 %act: estala os dedos e puxa o cachorro para perto de si.  
 \*CHI: auau.  
 %act: olhando em direção ao cachorro, toca o focinho dele com a mão e balança o corpo.

Na seção seguinte serão apresentados os resultados referentes às atribuições da mãe aos comportamentos comunicativos do bebê.

### Atribuições de significado

Tabela 18  
*Atribuições de significado maternas aos gestos do bebê aos 6, 9 e 12 meses de idade (diáde 6).*

| Atribuições de significado | Idade   |         |          | Total     |
|----------------------------|---------|---------|----------|-----------|
|                            | 6 meses | 9 meses | 12 meses |           |
| A:P                        | 0       | 1       | 1        | 2         |
| A:V                        | 19      | 25      | 8        | <b>52</b> |
| A:C                        | 1       | 0       | 6        | 7         |
| A:D                        | 10      | 7       | 0        | 17        |
| A:N                        | 0       | 0       | 0        | 0         |
| Total                      | 30      | 33      | 15       | <b>78</b> |

Conforme os dados da Tabela 18, a categoria de atribuições de significado mais presente nas falas maternas foi a de volição (A:V) ( $f=52$ ). Nota-se também a ausência de atribuições de necessidade (A:N) e a pouca variação nos totais de atribuições entre os seis e nove meses ( $f=30$  e  $f=33$ , respectivamente).

Acerca das atribuições de volição, observa-se que estas representaram cerca de 70% do total das atribuições, sendo a categoria mais frequente nos três períodos observados. Tais atribuições foram utilizadas em relação ao choro, direção do olhar, posição ou movimento do corpo, como demonstrado no exemplo 1, e modo de manipular um objeto, conforme o exemplo 2:

### Exemplo 1:

- \*CHI: 0.  
 %act: em pé, movimenta as pernas, olhando para baixo.

\*MOT: você quer dançar é?

%act: olha em direção ao rosto do bebê.

Exemplo 2:

\*CHI: 0.

%act: olha brevemente em direção ao rosto da mãe enquanto afasta a bacia com a mão.

\*MOT: eita mainha, quer mais não esse não, é?

%act: observa o bebê.

O segundo tipo de atribuição mais utilizado pela mãe foi a de disposição (A:D), a qual foi utilizada em uma situação em que o bebê chorava. É interessante notar que as outras mães do estudo mostraram uma tendência em fazer atribuições de necessidade em relação ao choro do bebê. Entretanto, a mãe da diáde 6 afirmou que o bebê chorava porque estava triste ou bravo, dizendo frases como “o que é que você tá tristão?”, “você tá tristinho, o que tá acontecendo?” e “oxente, que brabeza!”.

Na próxima seção, apresentaremos detalhadamente os contextos em que tais situações ocorreram por meio da descrição dos episódios interativos.

### **Descrição dos episódios interativos**

#### **6 meses**

A observação aos seis meses foi realizada na sala, estando a diáde próxima ao sofá. No ambiente havia brinquedos como chocalhos, peças de um quebra-cabeça, um trem de plástico, uma guitarra de brinquedo e uma bola que tocavam músicas, um boneco do Cascão, um cachorro e um urso de pelúcia, um sapo de tecido, um dinossauro de borracha, cubos empilháveis coloridos e um telefone de brinquedo. Inicialmente, o bebê estava chorando e a mãe o segurou nos braços e o balançou, cantando em alguns momentos. Quando o bebê parou de chorar, um episódio foi iniciado pela mãe, que mostrou uma guitarra de plástico ao bebê, como pode ser visto no trecho a seguir:

\*MOT: eita, Manuel, olha esse, olha a guitarrinha.

%act: pega uma guitarra de plástico e a coloca em frente ao bebê.  
 \*CHI: 0.  
 %act: não é possível ver a direção do olhar do bebê, por ele estar de costas para a câmera.  
 \*MOT: rock and roll!  
 %act: liga a guitarra e esta começa a tocar uma música.  
 \*CHI: hum hum.  
 %act: olha em direção à guitarra e sorri.

Durante o episódio, a mãe permaneceu mostrando o brinquedo, movimentando o corpo do bebê e sorrindo, enquanto a criança também sorria. Esta interação se manteve até que o bebê olhou em direção ao um chocalho que estava ao seu lado e pegou o objeto. Na sequência, a mãe seguiu mostrando diversos brinquedos ao bebê, entretanto a criança manteve a atenção flutuante, alternando o olhar entre a mãe, os objetos mostrados por ela e o ambiente.

Um novo episódio interativo foi iniciado pelo bebê quando ele olhou em direção a um trem que estava sobre o sofá e a resposta da mãe frente a este comportamento foi colocar a criança próxima ao brinquedo. Além disso, a mãe rotulou o objeto dizendo “é o trenzinho”.

Nesta idade, as interações diádicas, sem a presença de objetos e baseadas no contato face-a-face entre a mãe e o bebê também estiveram presentes. Os sorrisos que o bebê direcionou para a mãe em resposta às ações dela atuaram como incentivo para que ela mantivesse os mesmos comportamentos, como se vê no exemplo abaixo:

\*MOT: o pezinho de Manuel!  
 %act: olha em direção ao bebê e faz cócegas na sola do pé dele.  
 \*CHI: 0.  
 %act: olha em direção à mão da mãe e sorri.  
 \*MOT: cadê o pezinho de Manuel?  
 %act: olhando em direção ao rosto do bebê, faz cócegas nos pés dele.  
 \*CHI: 0.  
 %act: olha em direção ao rosto da mãe e sorri.  
 \*MOT: o pezinho de Ma... ai ai ai ai!  
 %act: olhando em direção ao rosto do bebê, faz cócegas nos pés e na barriga dele.  
 \*CHI: 0.  
 %act: sem fixar o olhar em nada específico, sorri.

Em um momento posterior, a mãe seguiu mostrando objetos ao bebê, mas ele permaneceu olhando e manipulando uma bacia de plástico que tinha nas mãos e,

eventualmente, colocando-a na boca. Mesmo quando a mãe afastou a bacia e continuou a mostrar brinquedos ao bebê, ele permaneceu olhando apenas brevemente em direção aos objetos, inclusive virando-se de costas em algumas ocasiões. Diante do insucesso em conseguir chamar a atenção da criança, a mãe utilizou o contato corporal como alternativa de comunicação:

\*MOT: vai, assim ó ó ó! Tuf!  
 %act: segura as mãos do bebê e o faz tocar a roda com a mão direita.  
 \*CHI: 0.  
 %act: olha em direção à roda, que rola para frente.  
 \*MOT: eita!  
 %act: olha em direção ao rosto do bebê.  
 \*CHI: 0.  
 %act: com a centopeia na boca, olha em direção à roda, que volta em sua direção.  
 \*MOT: de novo de novo, vai!  
 %act: olhando em direção ao rosto do bebê, pega na mão dele e o faz empurrar a roda.  
 \*CHI: 0.  
 %act: olha em direção à roda e coloca a centopeia na boca.

A mãe conseguiu manter a interação com o bebê utilizando esta estratégia diversas vezes durante o episódio.

### 9 meses

Durante a observação aos nove meses, mãe e bebê estavam novamente na sala, onde havia os mesmo brinquedos presentes aos seis meses. Um episódio interativo foi observado em uma situação em que a mãe escondia e mostrava um sapo de tecido enquanto o bebê a observava. Um trecho da brincadeira é mostrado a seguir:

\*MOT: cadê o sapo, mainha?  
 %act: olhando em direção ao rosto do bebê, esconde o sapo novamente.  
 \*CHI: 0.  
 %act: alterna o olhar entre a mãe e o local onde o sapo está escondido.  
 \*MOT: cadê o sapo, Manuel?  
 %act: olha em direção ao rosto do bebê, mantendo o sapo escondido.  
 \*CHI: 0.  
 %act: alterna o olhar entre a mãe e o local onde o sapo está escondido.  
 \*MOT: cadê o sapo, ahhhhh!  
 %act: olhando em direção ao rosto do bebê e sorrindo, faz o sapo aparecer e toca a barriga da criança com o brinquedo.  
 \*CHI: 0.  
 %act: olha em direção ao sapo e sorri.

Neste episódio, alguns aspectos da comunicação mãe-bebê podem ser observados. Primeiramente, quando a mãe escondeu o sapo, o bebê demonstrou ser capaz de antecipar o que aconteceria a seguir, e alternou o olhar entre o local em que o brinquedo estava escondido e a mãe. Além disso, sempre que a mãe descobria o sapo, o bebê sorria, demonstrando que a brincadeira lhe proporcionava satisfação, e a mãe repetia a ação mais vezes. Por último, o fato de a mãe nomear o brinquedo repetidas vezes enquanto o manipulava, criou oportunidades para que o bebê estabelecesse uma relação entre o objeto e seu rótulo linguístico. Outras situações em que a mãe propiciou a combinação entre um som específico e seu objeto correspondente ocorreram quando ela apontava objetos e o bebê, seguindo o apontar, demonstrava estar atento à ação dela por meio da alternância de olhar entre seu rosto e o objeto.

Um novo episódio foi observado quando a mãe e o bebê manipulavam um brinquedo musical. Quando a música começou a tocar, a mãe dizia repetidas vezes “dança, Manuel!” e, em alguns desses momentos, o bebê movimentava o corpo do mesmo modo que a mãe:

\*MOT: xxx. Dança vai, dança Manuel!

%act: retira o brinquedo musical de cima do colo do bebê, segura as duas mãos dele e o faz ficar em pé sobre o sofá. Olha em direção ao rosto da criança e sorri.

\*CHI: 0.

%act: olha em direção à câmera sorrindo e movimentando as pernas. Olha em direção a algo que está do seu lado esquerdo.

\*MOT: eita, mãe, o Manuel tá dançando tá mamãe?

%act: mantém o bebê em pé no sofá, segurando nas mãos dele. Olha em direção ao rosto dele, sorrindo.

\*CHI: 0.

%act: olha em direção ao seu lado esquerdo e continua a dançar.

Um episódio interativo baseado em gestos dêiticos foi observado em uma ocasião em que a mãe solicitou e ofereceu um brinquedo ao bebê. Embora a criança não tenha respondido propriamente a todas as solicitações ou gestos de oferecer da mãe, nos exemplos abaixo isso ocorreu, demonstrando que compreendeu o significado das ações maternas de estender a mão vazia ou contendo um objeto:

Exemplo 1:

- \*MOT: dá o ursinho!  
 %act: olhando em direção ao rosto do bebê, mantém a mão estendida em direção a ele.  
 \*CHI: 0.  
 %act: olhando em direção à mão da mãe, coloca o ursinho na palma da mão dela.

Exemplo 2:

- \*MOT: toma bem, segula bem!  
 %act: olhando em direção ao bebê, estende o braço em direção a ele, segurando o ursinho na mão.  
 \*CHI: 0.  
 %act: olha em direção ao rosto da mãe e, em seguida, em direção ao ursinho e o pega com as duas mãos, sorrindo.

A mãe iniciou um novo episódio ao mostrar ao bebê um cachorro de pelúcia que ele acompanhou com o olhar, sorrindo. Durante a interação, a mãe utilizou onomatopeias para se referir ao brinquedo, dizendo “au au!” ou “cadê o au au?”. Em seguida, a mãe escondeu o rosto atrás do cachorro, mas o bebê olhou em direção a um brinquedo que estava em suas mãos, finalizando o episódio.

Outra atividade presente durante as observações aos nove meses foi a brincadeira de esconder e aparecer, em que a mãe cobriu o rosto com a tampa de uma caixa e a criança repetiu a ação na sequência:

- \*MOT: tum!  
 %act: afasta o seu rosto do rosto do bebê e retira o objeto da frente dele. Olha em direção ao bebê sorrindo.  
 \*CHI: 0.  
 %act: olha para frente.  
 \*MOT: toma, olha pra mamãe agora!  
 %act: olhando em direção ao bebê, segura o brinquedo na frente dele.  
 \*CHI: 0.  
 %act: olha em direção ao brinquedo e o segura com as duas mãos.  
 \*MOT: olha!  
 %act: olha em direção ao bebê.  
 \*CHI: hum.  
 %act: esconde o rosto atrás da tampa, como a mãe havia feito.  
 \*MOT: eita!  
 %act: olha em direção ao rosto do bebê e sorri.

Em seguida, uma atividade envolvendo objetos teve início quando a mãe demonstrou ao bebê como montar um brinquedo de encaixar:

- \*MOT: ó Manuel, mainha te ensinar, é assim ó. Esse entra aqui ó.  
 %act: pega uma peça de encaixar que estava dentro da bacia. Coloca a tampa do carrinho, que é vazada para o encaixe de peças de diferentes formatos, e encaixa a peça nela, olhando em direção ao objeto.  
 \*CHI: 0.

- %act: observa a ação da mãe e coloca a mão direita sobre o brinquedo.  
 \*MOT: pluft!  
 %act: solta a peça no local correto e olha em direção ao rosto do bebê.  
 \*CHI: 0.  
 %act: olhando em direção ao brinquedo, retira a tampa dele com a mão direita. Olha em direção ao rosto da mãe.

Em momentos seguintes a mãe mostrou diferentes brinquedos ao bebê, como um bode e um gato, e a criança apenas olhou em direção aos objetos sem, no entanto, apresentar tentativas de pegá-los ou manipulá-los. Talvez por estar diante da aparente falta de interesse do bebê pelos brinquedos mostrados, a mãe trocou de objetos com frequência. Apenas quando a mãe tocou o nariz do bebê com o bode é que ele sorriu e tentou alcançar o brinquedo.

Após um período em que o bebê passou manipulando os brinquedos contidos em uma bacia de plástico, não atendendo aos chamados da mãe, ela iniciou uma brincadeira de esconder utilizando o objeto:

- \*MOT: Manueeeeel!  
 %act: mantém o rosto escondido pela bacia.  
 \*CHI: hum hum.  
 %act: olha em direção ao rosto da mãe, coberto pela bacia.  
 \*MOT: faz pra mainha ver tu fazendo.  
 %act: oferece a bacia ao bebê, olhando em direção ao rosto dele.  
 \*CHI: 0.  
 %act: olha em direção à bacia e a segura com as duas mãos.  
 \*MOT: cadê Manuel?  
 %act: olha em direção ao bebê.  
 \*CHI: hum.  
 %act: permanece olhando em direção à bacia e levanta o objeto, aproximando-o do rosto.

O bebê demonstrou compreender o contexto interativo em que a brincadeira ocorreu, repetindo o gesto materno e dando continuidade à atividade. Outra ocasião em que o bebê reproduziu um gesto da mãe durante uma brincadeira ocorreu quando a diáde bateu a mão sobre uma bacia simultaneamente, produzindo um som.

### 12 meses

Aos 12 meses a diáde estava na sala e nas proximidades havia um caminhão de plástico, carrinhos, um trem, um Barney de pelúcia, uma roda com um palhaço no interior,

um balde de praia contendo brinquedos e uma bola. Durante um primeiro episódio observado, o bebê manipulava um caminhão enquanto a mãe o auxiliava a colocar peças nele, oferecendo-as e apontando onde deveriam ser depositadas, como pode ser visto no recorte abaixo:

\*CHI: 0.  
 %act: manipula o caminhão, olhando em direção ao objeto.  
 \*MOT: bota outro. Toma esse, bota esse.  
 %act: pega um cubo e o oferece ao bebê.  
 \*CHI: 0.  
 %act: olha em direção ao cubo e o pega com a mão esquerda.  
 \*MOT: bota esse aqui.  
 %act: aponta para a caçamba do caminhão com o indicador.  
 \*CHI: 0.  
 %act: coloca o cubo na caçamba do caminhão.

Ainda durante este episódio, o bebê apontou em direção a uma parte do caminhão e a mãe, seguindo o apontar, nomeou o objeto dizendo “ah, é a boca dele”, oferecendo uma resposta adequada ao gesto comunicativo da criança. Em seguida, a mãe perguntou ao bebê sobre outro carrinho, e o comportamento da criança de olhar em volta do ambiente a levou a interpretar que ele estava procurando o objeto, como pode ser visto a seguir:

\*MOT: tem não bebê? Cadê o outro, cadê o outro carrinho?  
 %act: olha em direção ao bebê e faz gesto de "cadê", mantendo a mão esquerda com a palma para cima.  
 \*CHI: 0.  
 %act: olha em volta, parecendo procurar o carrinho.  
 \*MOT: sim, procura aí pra mainha ver onde é que tá.  
 %act: olha em direção ao bebê.  
 \*CHI: hän.  
 %act: olha em volta.  
 \*MOT: olha atrás de tu, rapaz.  
 %act: toca o ombro do bebê com o dedo.  
 \*CHI: 0.  
 %act: olha em direção à mãe.  
 \*MOT: perto do Barney, cadê o Barney?  
 %act: olha em direção ao bebê.  
 \*CHI: 0.  
 %act: olha para o lado em que o Barney está e estende a mão naquela direção.  
 \*MOT: achou!  
 %act: olha em direção ao bebê e sorri.

Após uma ocasião em que o bebê permaneceu manipulando um brinquedo sem a participação direta da mãe, esta iniciou um novo episódio por meio do gesto de apontar. O

bebê seguiu o apontar da mãe em direção ao um trenzinho e manteve sua atenção no objeto, sempre o acompanhando com o olhar. O episódio foi finalizado quando o bebê inclinou-se para frente e pegou dois carrinhos que estavam no chão. Ao observar esta última ação da criança, a mãe agiu de modo a dar continuidade à interação do bebê com os carrinhos, iniciando um novo episódio em que ambos empurraram os brinquedos pelo chão. Abaixo, segue um recorte da situação:

\*MOT: bora, bota ele pra andar no chão bota.  
 %act: empurra o caminhão e aponta com o indicador em direção ao carrinho que está na mão do bebê.  
 \*CHI: 0.  
 %act: olha em direção ao carrinho que está na sua mão.  
 %cod: OPO  
 \*MOT: bota pra andar no chão, bibi!  
 %act: empurra o caminhão, olhando em direção ao bebê.  
 \*CHI: abun.  
 %act: coloca os carrinhos no chão, olha em direção à câmera e os empurra no chão.  
 \*MOT: buuuuum.  
 %act: empurra o caminhão no chão, olhando em direção ao bebê.

Um episódio interativo que se iniciou quando a mãe começou a cantar uma música demonstrou uma atuação do bebê em conformidade com rotinas estabelecidas pela díade. No trecho abaixo, verifica-se ainda que o bebê tornou-se capaz de utilizar um gesto que faz parte de sua cultura, o beijo, quando solicitado verbalmente pela mãe:

\*MOT: amo você, você me ama, somos uma família feliz.  
 %act: canta, olhando em direção ao bebê, sorrindo e dançando.  
 \*CHI: hân.  
 %act: olha em direção à mãe e dança, sorrindo.  
 \*MOT: vai, dá um beijo nele.  
 %act: olha em direção ao bebê, sorrindo.  
 \*CHI: 0.  
 %act: olha em direção ao caminhão e o puxa para perto de si.  
 \*MOT: com um forte abraço.  
 %act: canta, olhando em direção ao bebê e sorrindo.  
 \*CHI: 0.  
 %act: coloca o Barney do lado do seu rosto e solta um beijo.

No episódio descrito abaixo, observa-se que a criança apresentou preferência por um brinquedo específico e esta preferência foi percebida pela mãe, que agiu no sentido de oferecer ao bebê o objeto que ele demonstrou desejar. Os comportamentos comunicativos utilizados pelo bebê que podem ter levado a mãe a realizar esta atribuição foram a direção do

olhar, o gesto de alcançar e a vocalização, bem como o fato de que, quando a mãe ofereceu o carrinho, ele o pegou e começou a brincar.

\*MOT: ó aqui bebê, o telefone.  
 %act: pega um telefone de plástico e o mostra ao bebê.  
 \*CHI: 0.  
 %act: permanece olhando para trás.  
 \*MOT: 0.  
 %act: olha para a mesma direção e pega um carrinho que estava lá.  
 \*CHI: tê.  
 %act: olha em direção ao carrinho que a mãe pegou.  
 \*MOT: aqui o carrinho, o carrinho.  
 %act: oferece o carrinho ao bebê e o coloca no chão, na frente da criança.  
 \*CHI: 0.  
 %act: olha em direção ao carrinho e o empurra no chão.  
 \*MOT: Manuel queria o carrinho, era? Eita, o carrinho mainha.  
 %act: retira a vaca da frente do bebê e pega o carrinho.  
 \*CHI: dá.  
 %act: estende a mão em direção ao carrinho, olhando em direção ao objeto.  
 \*MOT: dá, toma.  
 %act: oferece o carrinho ao bebê.  
 \*CHI: 0.  
 %act: olhando em direção ao carrinho, o pega com a mão esquerda. Engatinha segurando um carrinho em cada mão.

Após este episódio, o bebê começou a caminhar pelo ambiente, afastando-se da mãe, que tentou de diversas formas atrair a sua atenção, mostrando brinquedos e o chamando, porém nenhum novo episódio interativo foi estabelecido.

Apenas em outra situação, quando a mãe utilizou uma abordagem física para conseguir a atenção do bebê, é que um breve episódio foi iniciado:

\*MOT: hei, preste atenção rapaz. Manuel.  
 %act: olha em direção ao bebê e toca a mão dele com o dedo.  
 \*CHI: hum hum hum bu.  
 %act: permanece olhando em direção ao brinquedo que está em suas mãos.  
 \*MOT: sim, aqui mainha mostrar, a bicicleta, o avião, o carrinho.  
 %act: aponta com o indicador uma figura na tampa do brinquedo e olha em direção ao rosto do bebê.  
 \*CHI: 0.  
 %act: olha na direção que a mãe aponta.

A mãe continuou a apontar as figuras com o indicador, entretanto o bebê jogou o brinquedo no chão. Posteriormente, a mãe observou o bebê e manipulou objetos enquanto falava com ele, não propondo nenhuma atividade conjunta:

\*MOT: e a galinha, como é que a galinha faz?  
 %act: pega uma bola que está no chão e olha em direção ao bebê.

- \*CHI: bua.  
 %act: olha em direção à mãe e balança os braços.  
 \*MOT: hein, Manuel? Como é hein, Manuel. Ah, ele não sabe não.  
 %act: coloca a bola no chão e pega um cubo, olhando em direção aos brinquedos.  
 \*CHI: 0.  
 %act: olha em direção à câmera.  
 \*MOT: sabe nada, como é bebê, hein?  
 %act: olha em direção ao bebê.  
 \*CHI: mumumu.  
 %act: olha em direção à mãe.  
 \*MOT: esse é a vaquinha que faz, mainha quer saber da cocó, como é que a cocó faz.  
 %act: manipula alguns brinquedos que estão no chão.  
 \*CHI: tu.  
 %act: olha em direção à vaca que está em suas mãos e a manipula.  
 \*MOT: como é, hein? E o gatinho?  
 %act: olha em direção ao bebê.  
 \*CHI: 0.  
 %act: olhando em direção à vaca, coloca o brinquedo na boca.

O trecho acima permite observar que a diáde estabeleceu uma espécie de diálogo, em que a mãe dirigia uma questão ao bebê e ele respondia por meio de vocalizações. Mesmo não sendo possível afirmar que a criança realmente compreendeu o que a mãe perguntava, o importante a ser destacado é o fato de que houve uma clara troca de turnos, de modo que não foi observada uma sobreposição entre os enunciados.

Um novo episódio foi iniciado quando a mãe ofereceu um martelo de plástico à criança e apontou em direção ao local em que ela deveria bater, um botão que quando pressionado fazia saltar um cachorro. Além disso, a mãe segurou a mão do bebê para auxiliá-lo e, em seguida, ele executou a atividade diversas vezes de forma independente.

- MOT: de novo, de novo, vai, com é que pula? Mostre à mamãe como é que pula. Como é que é que pula?  
 %act: termina de recolocar as peças e olha em direção ao bebê.  
 \*CHI: 0.  
 %act: bate o martelo no cachorro.

Por fim, um último episódio a ser destacado ocorreu em um contexto em que a mãe abriu a tampa de uma caixa em formato de cachorro e solicitou ao bebê que colocasse algumas peças em seu interior.

- \*MOT: esse também au au vai comer?  
 %act: abre a tampa do cachorro para que o bebê coloque o objeto dentro.  
 \*CHI: hum.  
 %act: coloca a peça dentro do cachorro.

Em seguida, a mãe colocou a tampa, que era vazada em formatos geométricos para que peças fossem encaixadas, sobre a caixa e apontou os locais onde o bebê deveria colocar os elementos. Mesmo que a criança não tenha conseguido acertar o local correto, ao observar a ação da mãe e tentar repetí-la, demonstrou que compreendeu o que foi solicitado, como se vê no trecho a seguir:

\*MOT: é nesse ó, nesse aqui bebê, ó.  
%act: aponta com o indicador o local correto.  
\*CHI: 0.  
%act: solta a peça no local incorreto.  
\*MOT: esse do lado, assim ó.  
%act: pega a peça e a encaixa no local correto.  
\*CHI: 0.  
%act: observa a ação da mãe.

Desse modo, tem-se um exemplo do quanto a atenção conjunta é fundamental para a aprendizagem de novas habilidades. A seguir, os resultados obtidos durante as observações diádicas serão apresentados de maneira geral e os dados serão discutidos.

## 5. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os resultados apresentados assinalam os gestos dêiticos e representativos utilizados pelas mães e pelos bebês, bem como demais comportamentos comunicativos como direção do olhar, sorriso e choro, durante interações diádicas em situação de brincadeira livre. Além dos comportamentos não verbais da diáde, as atribuições de significado maternas às ações comunicativas do bebê também foram analisadas. As análises por diáde acerca dos gestos, atribuições e episódios interativos presentes durante as observações permitiram apreender as diferenças entre os contextos, assim como o modo como estes influenciaram nos resultados obtidos. Entretanto, semelhanças entre as seis diádes estudadas também foram observadas, demonstrando que certas características da comunicação não verbal no primeiro ano de vida do bebê são mais comuns em determinadas idades.

Partindo da perspectiva de que a linguagem se desenvolve por meio da interação social, e que esta última ocorre de maneira bidirecional, em que tanto o adulto quanto o bebê exercem influência nos comportamentos um do outro, foram analisados também os episódios interativos em que se deu a comunicação não verbal. A descrição de algumas cenas interativas permitiu que as continuidades e descontinuidades durante a interação fossem observadas, fornecendo uma compreensão melhor do modo como ocorrem as interações mãe e bebê.

Estudos acerca da relação entre os gestos e o desenvolvimento da linguagem verbal têm destacado a existência de uma continuidade entre essas diferentes modalidades de comunicação. Nesse sentido, afirmam que há uma relação qualitativa e quantitativa entre os gestos utilizados pela criança e seu vocabulário no futuro (Rowe & Goldin-Meadow, 2009b; Volterra & cols., 2005). Portanto, investigar como ocorre a comunicação entre adulto e bebê

no decorrer do primeiro ano de vida da criança, assim como o modo como esta habilidade se desenvolve, torna-se relevante para a compreensão do caminho percorrido entre a comunicação não verbal até a linguagem verbal.

Com base nesta premissa, buscou-se analisar a comunicação entre mãe e bebê em três períodos do primeiro ano de vida da criança, verificando a frequência com que a diáde utilizou os gestos dêiticos e representativos, as atribuições maternas relativas a este uso, além dos contextos em que tais comportamentos foram observados. O estudo longitudinal permitiu apreender a evolução do processo, de modo que os dados acerca da emergência e do desenvolvimento das habilidades comunicativas do bebê e as respostas maternas pudessem ser obtidos de maneira mais precisa.

Acerca dos gestos dêiticos, os mais utilizados pelos bebês foram os gestos de alcançar, apontar com a mão e apontar canônico. O uso da modalidade gestual de comunicação aumentou conforme a idade do bebê progrediu, mais do que dobrando entre os seis e os nove meses e tornando-se mais estável aos doze. Tais resultados estão de acordo com a literatura (Tomasello, 2003), que vem demonstrando que aos nove meses de idade o bebê passa por transformações que revolucionam a sua capacidade de se comunicar.

Aos seis meses de idade os bebês utilizaram exclusivamente o gesto de alcançar, sendo esta a única categoria que não apresentou aumento após a primeira observação, com exceção da diáde 6, em que esta frequência diminuiu. Tal fato pode ter sido influenciado pelo contexto predominante durante as observações no primeiro período, em que o bebê chorou com frequência e a mãe se concentrou em atividades que buscavam acalmá-lo, sendo rara a interação com objetos. Além disso, a mãe mantinha os brinquedos próximos aos pés do bebê, o que permitiu que ele tivesse acesso a eles sem a necessidade de tentar alcançá-los.

Este resultado está de acordo com alguns autores (Goldin-Meadow, Goodrich, Sauer, & Iverson, 2007; Iverson, Capirci & Caselli, 1994) que consideram o gesto de alcançar como um tipo primitivo de gesto dêitico cuja frequência tende a diminuir, sendo visto como uma ritualização e não havendo clareza se há ou não uma intencionalidade subjacente. Sendo assim, tais resultados fornecem indícios de que a criança começa a se comunicar intencionalmente por volta dos nove meses, o que está de acordo com os estudos que afirmam que uma revolução ocorre nesta idade (Tomasello, 2003).

Verificou-se que a frequência com que o bebê utilizou as diferentes categorias de gestos mudou conforme o seu desenvolvimento. O apontar canônico, por exemplo, foi utilizado por um dos bebês aos nove meses, embora seu uso tenha sido mais frequente no período evolutivo seguinte. Segundo Camaioni, Aureli, Bellagamba e Fogel (2003), entre os nove e 12 meses de idade, os gestos dêiticos representam um marco na comunicação intencional da criança e, mesmo quando esta já utiliza a linguagem verbal, a frequência deste tipo de comportamento comunicativo continua a aumentar. Os resultados demonstram esta tendência, com exceção do gesto de alcançar, o que se explica pelo fato de que este tende a ser substituído pelos gestos de apontar (Iverson, Capirci & Caselli, 1994).

Quanto aos gestos representativos, estes foram observados apenas a partir dos nove meses, sendo que os gestos representativos convencionais e os gestos representativos de objeto apresentaram frequências semelhantes. Alguns estudos (Acredolo & Goodwyn, 1988; Camaioni & cols., 2003) afirmam que este tipo de gesto começa a ser utilizado apenas aos 12 meses. A sua observação aos nove meses pode estar relacionada ao fato de que incluímos na categoria dos gestos representativos convencionais os jogos com trocas de turnos, que não demandam uma capacidade simbólica da criança.

Nesse sentido, Nogueira e Seidl de Moura (2007), afirmam que brincadeiras do tipo “esconde-esconde” e “vou te pegar” estimulam na criança diversas sensações que dependem do contato social com seu parceiro e necessitam que o bebê já possua uma noção de si como uma entidade própria e separada do outro, o que pode explicar o fato de que este tipo de brincadeira não é observado em idades mais precoces. Durante este tipo de atividade a bidirecionalidade da interação fica clara, pois a mãe, além de dirigir o comportamento do bebê seguindo-o sempre que ele se afasta, também segue a ação da criança, que foge para ser perseguida pela mãe.

Observou-se que, aos nove meses, as interações mãe e bebê tornam-se triádicas, passando a envolver objetos, facilitando o surgimento de oportunidades para que a criança manipulasse tais objetos do modo como a cultura em que está inserida determina. Segundo Schults, Tulviste e Konstabel (2011), a criança começaria a apresentar os gestos representativos de objeto com cerca de um ano de vida, o que justificaria o fato de que cerca de 80% deles terem sido observados durante as filmagens aos 12 meses. Sendo assim, os brinquedos presentes durante as interações possibilitaram o uso dos gestos representativos de objeto como, por exemplo, empurrar um carrinho de bebê e jogar uma bola. Ao utilizar este tipo de gesto, o bebê demonstra compreender como se dá a manipulação adequada desses objetos, entendimento esse que se desenvolve nas interações em que a mãe os utiliza na presença da criança, agindo como mediadora da relação bebê-objeto.

Além dos gestos, os bebês também se comunicaram por meio da direção do olhar, choro e sorrisos. Este último demonstrou funcionar como uma pista para que a mãe desse continuidade à atividade desenvolvida com a criança, contribuindo para a manutenção do engajamento da diáde. Segundo Nogueira e Seidl de Moura (2007), o sorriso social é um comportamento que surge aos dois meses de vida do bebê e é direcionado a alguém, sendo provocado por uma situação externa a ele. Nesse sentido, observou-se que os bebês sorriam

após alguma ação materna ou mudança no ambiente, sendo este um modo de expressarem como se sentiam.

Verificou-se que em todas as idades observadas o choro levou a uma mudança de comportamento da mãe como, por exemplo, dar algo que o bebê demonstrava querer, mudar a sua posição, alimentá-lo ou interromper uma atividade. O bebê, por sua vez, comunicava à mãe que aquele era o comportamento esperado ao parar de chorar e, algumas vezes, sorrir. Segundo Seidl de Moura (2004), o choro é uma forma eficiente utilizada pelo bebê para obter respostas do adulto que resultem na sua eliminação. Sendo assim, pode-se afirmar que os bebês oferecem pistas acerca de seus estados internos mentais e afetivos e a mãe capta tais pistas, atribuindo-lhes significados e respondendo de acordo.

No que concerne à direção do olhar, os comportamentos observados neste período evolutivo estão de acordo com os resultados de uma pesquisa realizada por Scaife e Bruner (1975) acerca da capacidade da criança de seguir as mudanças na direção do olhar do adulto em seu primeiro ano de vida. Os autores demonstraram que, conforme o bebê se desenvolve, ocorre um aumento na frequência das respostas de atenção visual conjunta, em especial do comportamento de alternar o olhar entre o parceiro e o elemento que é observado. Em diversos momentos durante as interações foram observadas alternâncias de olhar, tanto por parte do bebê quanto da mãe. Se inicialmente o bebê apenas olhava em direção a algo que a mãe mostrava, alguns meses depois tornou-se capaz de manter este olhar em um objeto e atuar sobre ele em conjunto com ela. Isso ocorreu, por exemplo, em situações onde ambos montavam um quebra-cabeça. Pode-se afirmar, portanto, que a direção do olhar foi de fundamental importância para o engajamento e a manutenção de atividades conjuntas.

Acerca dos gestos utilizados pelas mães, verificou-se que as mães buscavam manter o bebê engajado na interação principalmente mostrando objetos, sendo este o gesto mais frequente no total. Entretanto, muitas vezes esta ação tinha um efeito contrário, visto que o

bebê demonstrava interesse em um objeto mostrado e a mãe, na sequência, mostrava outro objeto, não criando uma oportunidade para que a atividade perdurasse.

Embora tenha sido, como já citado, o gesto mais utilizado pelas mães, a frequência do gesto dêitico de mostrar caiu praticamente pela metade aos 12 meses, possivelmente porque nesta idade a criança já era capaz de caminhar, o que diminui as oportunidades de a mãe segurar objetos no seu campo de visão, algo que era mais fácil quando sua capacidade de locomoção era ainda limitada. Assim como os demais gestos dêiticos, o gesto de mostrar é um tipo de comunicação mais simples para o bebê compreender e, portanto, utilizado nas idades mais precoces, pois não possui um conteúdo próprio, mas apenas o significado relacionado ao contexto em que é produzido (Iverson, Capirci & Caselli, 1994; Acredolo & Goodwyn, 1988; Camaioni & cols, 2003).

Por outro lado, os gestos dêiticos de oferecer e solicitar apresentaram um aumento de frequência no decorrer do tempo. É possível que isso tenha ocorrido porque, conforme a criança se desenvolve e passa a compreender as intenções do outro, tal capacidade é percebida pela mãe, fazendo com que ela, que antes se limitava a mostrar os objetos ao bebê, passe a utilizar gestos que requerem que a criança entenda que uma resposta sua é esperada. Além disso, a frequência do gesto de apontar canônico aumentou mais de dez vezes entre a primeira e a última observação, o que pode significar que é necessário que o bebê compreenda e responda a este gesto para que a mãe o utilize durante a interação.

A frequência geral do uso de gestos pelas mães aumentou gradativamente conforme a idade da criança, do mesmo modo como ocorreu com os bebês. Isso pode demonstrar uma sintonia entre a díade, uma mútua relação entre o que um faz e como o outro responde, bem como uma compreensão da mãe acerca do desenvolvimento das habilidades comunicativas do bebê, o que a levaria a regular suas estratégias de comunicação de acordo com estas capacidades. A capacidade da criança de estabelecer interações triádicas envolvendo a mãe e

o objeto, aliada à alteração na intencionalidade que ocorre aos nove meses, muda a forma como o adulto fala e age em relação à criança (Lampreia, 2008; Tomasello, 2003; Trevarthen, 2001; Volterra, Caselli, Capirci & Pizzuto, 2005).

Acerca dos gestos representativos utilizados pelas mães, foi observado um considerável crescimento entre a primeira e a última observação, tanto para os gestos representativos de objeto, cuja frequência aumentou cerca de oito vezes, quanto para os gestos representativos convencionais, cujo total quadruplicou.

Os gestos representativos de objeto requerem um tipo de envolvimento conjunto da criança com o adulto que permite o estabelecimento de sessões relativamente longas de interação, o que em idades mais precoces não é possível devido à atenção ainda flutuante do bebê. Esta capacidade começa a surgir a partir do que Tomasello (2003) denomina a “revolução dos nove meses”. Nestes contextos, segundo o autor, o bebê apresenta comportamentos como acompanhar o olhar do outro em direção a um objeto de interesse e aprendizagem por imitação, que permite que atue sobre os objetos da mesma maneira que o adulto. Tais comportamentos de atenção conjunta parecem indicar a compreensão das intenções que o bebê tem do outro e de si. Episódios interativos em que mãe e bebê atuavam conjuntamente como, por exemplo, durante o encaixe de peças em um objeto, jogando uma bola de maneira alternada ou falando ao celular enquanto olhavam em direção ao outro e vocalizavam, estão relacionados a estas capacidades.

Quando a criança começa a compreender que há uma relação entre o seu comportamento e a consequente resposta de seu parceiro na interação, passa a utilizar tais ações como forma de conseguir algo que deseja. Tal processo é reforçado pelas atribuições que a mãe faz destes comportamentos e que dirigem o sentido da sua resposta (Nogueira, 2009). No que tange a essas atribuições observadas durante o estudo, estas ocorreram de

forma bastante variada entre as diádes. O desenvolvimento do bebê e a consequente mudança no tipo de interação, que deixa de ser diádica e passa a envolver objetos em atividades conjuntas com a mãe, podem ter consequências nos tipos de atribuições de significado utilizadas por ela.

Foi verificada uma queda nas atribuições de necessidade, mais frequentes aos seis meses de idade, que poderia ter ocorrido devido ao fato de que o comportamento do bebê encontra-se mais pautado na satisfação de suas necessidades básicas. As atribuições de necessidade foram feitas principalmente em situações em que o bebê chorava ou demonstrava incômodo, tendo sido observada uma queda na sua frequência geral a partir dos nove meses. Com o tempo, vão surgindo contextos interativos em torno de atividades de brincadeira envolvendo objetos e atividades com a presença clara de trocas de turnos. As interações triádicas entre mãe, bebê e objeto, levam a criança a utilizar os gestos dêiticos para se comunicar, o que leva a uma mudança nas atribuições da mãe. O estudo de Slaughter, Peterson e Carpenter (2009) demonstrou que as atribuições de volição maternas estão ligadas à presença dos gestos dêiticos no repertório comunicativo do bebê. Durante o estudo foi observado que muitas das atribuições de volição foram realizadas mais com base na direção do olhar do bebê do que de gestos propriamente ditos.

Destaca-se o número reduzido com que as atribuições de cognição foram utilizadas, sendo que esta foi a categoria menos frequente, o que pode estar relacionado à idade das crianças, já que este tipo de atribuição foi observado primordialmente aos 12 meses. Este aumento no uso das atribuições de cognição pode demonstrar a mudança do foco nas necessidades básicas do bebê para os seus aspectos cognitivos e intencionais. É importante destacar que esses são resultados gerais, havendo grande variabilidade de uma diáde para outra, principalmente em consequência do contexto e do tipo de interação. Portanto, não há como afirmar com certeza em que medida esta variação está relacionada à idade do bebê.

Cabe ressaltar que, em certos momentos, mesmo que a mãe não expressasse verbalmente uma atribuição, esta poderia ser inferida por meio da observação do seu comportamento após o gesto do bebê. Por exemplo, o bebê apontava ou olhava em direção a um brinquedo e a mãe, em seguida, entregava o objeto ao bebê, de modo que uma atribuição de volição estava implícita na ação materna. Entretanto, foram categorizadas apenas as atribuições feitas verbalmente pela mãe.

A mãe utilizou os gestos quase sempre acompanhados de palavras, enquanto o bebê comunicou-se por meio de gestos raras vezes acompanhados por vocalizações. As palavras utilizadas pela mãe referiam-se principalmente a características e ações dos objetos, perguntas ao bebê e diretivos de atenção. Tais dados demonstram o que alguns estudos acerca do desenvolvimento da linguagem afirmam (Camaioni, Aureli, Bellagamba & Fogel, 2003; Liszkowski & Tomasello, 2011; Volterra, Caselli, Capirci & Pizzuto, 2005), que inicialmente a comunicação se dá por meio dos gestos, em seguida por combinações gesto-palavra e, mais adiante, as palavras passam a predominar. Entretanto, mesmo o adulto continua a utilizar gestos para tornar sua comunicação com o bebê mais clara e melhorar as suas chances de ser compreendido, adaptando-se às capacidades da criança.

As combinações gesto-palavra são de grande importância pois, estudos como o de Goldin-Meadow e cols (2007) afirmam que, quando a mãe realiza a tradução dos gestos do bebê em palavras, oferece a ele o *input* necessário para a aquisição dos nomes dos objetos, demonstrando a relação entre o vocabulário inicial da criança e os rótulos e gestos maternos utilizados durante a interação. Observou-se que, além de rotular os objetos por meio de substantivos, a mãe também forneceu informações acerca das ações dos mesmos, utilizando verbos para descrevê-las. Sendo assim, as combinações gesto-palavra possibilitam a aprendizagem de palavras e o aumento do vocabulário receptivo do bebê. Embora nos exemplos anteriores o olhar em direção ao objeto ou evento seja de fundamental importância,

alguns estudos (Goldin-Meadow, Goodrich, Sauer & Iverson, 2007; Olson & Masur, 2011; Tomasello & cols., 2007) não consideram necessária a presença de contato visual para que um gesto seja considerado comunicativo.

Um indício de que aos 12 meses o bebê já começa a ser capaz de se comunicar sem a necessidade de gestos foi observado em situações em que a mãe solicitava algo ao bebê apenas verbalmente e a criança respondia de maneira apropriada. Por exemplo, houve uma ocasião em que a mãe solicitou uma bola e a criança, estando de costas, virou-se e jogou a bola para a mãe. Tais dados estão de acordo com Camaioni e colaboradores (2003), que sugerem que os gestos representativos servem de ligação entre a comunicação pré-simbólica, representada pelos gestos dêiticos, e a simbólica, as palavras.

Com base nos dados obtidos, podemos considerar o fato de que há uma relação entre os gestos utilizados pelos bebês e as respostas maternas a tais gestos, sejam elas atribuições de significado, mudanças de comportamento ou mesmo outros gestos. Desse modo, observa-se o caráter bidirecional da interação entre mãe e bebê, sendo que o desenvolvimento da comunicação da criança ocorre dentro de tais contextos interativos e deles depende. Torna-se importante destacar que, embora o número de participantes não permita generalizações, este possibilitou uma análise mais detalhada de cada uma das diádicas, visto que o tipo de atividade realizada durante o contexto de brincadeira livre pode ter influenciado no predomínio de determinados tipos de categorias. Ao contrário de outros estudos acerca do tema, em que os participantes encontram-se diante de uma mesma tarefa que induz ao uso de um determinado tipo de gesto comunicativo, a situação de brincadeira livre permite uma maior variabilidade nas configurações das atividades.

Mesmo havendo variações nos contextos e atividades, os dados da pesquisa revelaram algumas semelhanças entre os bebês com relação ao uso de determinados gestos, como o de alcançar, praticamente o único utilizado aos seis meses, e os gestos representativos, que

surgiram apenas após os nove meses em todas as crianças, implicando em mudanças nas interações, em especial no modo como mãe e bebê atuavam em conjunto com os objetos. A partir desta idade, parece estar presente na diáde uma compreensão do outro e de si como um agente intencional, levando os indivíduos a acompanhar, dirigir e compartilhar relações com entidades externas, o que define a habilidade de atenção conjunta, necessária ao desenvolvimento da linguagem da criança (Braz Aquino & Salomão, 2009; Salomão, 2010; Tomasello, 2003).

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta central deste estudo foi analisar a comunicação de diádes mãe-bebê durante o primeiro ano de vida da criança, período em que sua comunicação é primordialmente pré-verbal. Para tanto, foi verificada a frequência com que mães e bebês utilizaram os gestos dêiticos e representativos, além do modo como a mãe respondeu a esses gestos e os contextos em que ocorreram. Foram analisadas também as atribuições de significado maternas aos gestos e demais comportamentos comunicativos do bebê, como choro, sorrisos e direção do olhar.

O estudo longitudinal, realizado por meio de observações de situações de brincadeira livre ao longo do tempo, permitiu uma melhor compreensão do modo como tais gestos emergem e progridem durante o desenvolvimento da criança. O estudo das idades de seis, nove e 12 meses revelou que mudanças importantes ocorrem durante o segundo período, em que o bebê passa a utilizar gestos considerados pela literatura como intencionais.

A descrição dos episódios interativos permitiu que os aspectos qualitativos dos comportamentos comunicativos maternos e infantis pudessem ser analisados. Verificou-se que os gestos dêiticos mais utilizados no estabelecimento e manutenção de episódios interativos foram o de alcançar, por parte dos bebês, e o de mostrar, por parte das mães. Conforme o bebê se desenvolve, tais gestos passam a ser substituídos pelo apontar, considerado por Bruner (1975a) como essencial para o estabelecimento de episódios de atenção conjunta e para a aquisição lexical inicial.

Além disso, comportamentos como choro, sorrisos e direção do olhar, que fazem parte da base da comunicação pré-verbal da criança, mostraram-se bastante efetivos para a

mudança da conduta materna. Tais mudanças no comportamento da mãe estão relacionadas aos significados que ela atribui a essas formas de o bebê se comunicar.

A partir do aporte teórico no qual o presente estudo se baseia, o desenvolvimento da linguagem infantil ocorre por meio de interações com o adulto, as quais, inicialmente, são diádicas e afetivas e, após os nove meses de idade, tornam-se mais complexas. Isso porque nesta idade o bebê começa a demonstrar a capacidade de compartilhar sua atenção com a mãe em um terceiro elemento, resultando em interações triádicas.

Tomando os bebês como ativos desde o seu nascimento, a interação é concebida como bidirecional, de modo que ambos os constituintes da diáde agem na modificação do contexto e dos comportamentos um do outro. Sendo assim, observou-se que as mães ajustaram o seu comportamento de acordo com as características infantis, de modo que mudanças nos gestos da criança ao longo do seu desenvolvimento foram acompanhadas por mudanças nos gestos e atribuições maternas. Isso porque, ao reconhecer o bebê como dotado de intencionalidade, é possível que a mãe passe a coordenar suas ações de acordo com tais intenções.

Devido à estreita ligação entre os gestos e o desenvolvimento da linguagem verbal, características dos gestos dos bebês podem ser utilizadas, aliadas à observação de outros aspectos do desenvolvimento infantil, como preditoras da capacidade linguística subsequente da criança. Tais dados poderiam auxiliar no diagnóstico de problemas como autismo ou atrasos na linguagem, servindo de subsídio para a realização de intervenções precoces.

Apesar do pequeno número de participantes, que pode ser visto como uma limitação do estudo, este se mostrou suficiente para mostrar tanto especificidades de cada diáde como comportamentos comuns aos seis pares. Esta possibilidade de se destacar características individuais e de contexto com maior riqueza de detalhes foi possível devido à análise qualitativa dos dados. Entretanto, o total de seis diádes pode não ter se mostrado suficiente

para que fosse estabelecida a extensão em que as mudanças observadas estão relacionadas exclusivamente ao período evolutivo da criança, visto que os tipos de interação, a existência de irmãos e o ambiente podem ter favorecido ou não a constituição de determinadas habilidades.

Diante de sua relevância para o desenvolvimento da linguagem, novos estudos que se proponham a estudar a comunicação não verbal são de grande importância. Estes trabalhos poderiam obter dados referentes a idades posteriores da criança, pois o gesto de apontar canônico, visto como um marco na comunicação intencional do bebê, surge mais usualmente aos 12 meses, tendo sido pouco observado no presente estudo. Além disso, pesquisas nestes períodos poderiam fornecer informações acerca das combinações gesto-palavra do bebê e o modo como tais combinações estão relacionadas aos *inputs* maternos e ao vocabulário da criança no futuro. Destaca-se também a importância de estudos com a participação de crianças com problemas de desenvolvimento, por exemplo, com dificuldades motoras, pela sua possível dificuldade em usar os gestos e as consequências em seu desenvolvimento linguístico. Ademais, estudos acerca das atribuições de significado realizados com mães de diferentes níveis educacionais poderiam revelar diferenças acerca das ideias maternas sobre as capacidades dos bebês e se elas afetam a sua maneira de interagir.

## REFERÊNCIAS

- Acredolo, L.P., & Goodwyn, S. W. (1988). Symbolic gesturing in normal infants. *Child Development, 59*, 450-466.
- Anjos, A. M., Amorim, K. S., Vasconcelos, C. R. F. E., & Rossetti-Ferreira, M. C. (2004). Interações de bebês em creche. *Estudos de Psicologia, 9* (3), 513-522.
- Baron-Cohen, S. (1994). How to build a baby that can read minds: Cognitive mechanisms in mindreading. *Cahiers de Psychologie Cognitive/Current Psychology of Cognition, 13* (5), 513-552.
- Behne, T., Carpenter, M., Tomasello, M. (2005). One-year-olds comprehend the communicative intentions behind gestures in a hiding game. *Developmental Science, 8* (6), 492-499.
- Borges, L. C., & Salomão, N. M. R. (2003). Aquisição da linguagem: considerações da perspectiva da interação social. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 16* (2), 327-336.
- Braz, F. de S., & Salomão, N. M. R. (2002). A fala dirigida a meninos e meninas: um estudo sobre o *input* materno e suas variações. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 15* (2), 333-344.
- Braz Aquino, F. de S. (2008). *Intencionalidade comunicativa e atenção conjunta: uma análise em contextos interativos mãe-bebê*. Tese de doutorado, Programa Integrado de Doutorado em Psicologia Social, UFPB/UFRN. João Pessoa, Paraíba.
- Braz Aquino, F. de S., & Salomão, N. M. R. (2009). Contribuições da habilidade de atenção conjunta para a cognição social infantil. *Psicologia em Estudo, 14* (2), 233-241.
- Braz Aquino, F. de S., & Salomão, N. M. R. (2010). Intencionalidade comunicativa: teorias e implicações para a cognição social infantil. *Estudos de Psicologia, 27* (3), 413-420.
- Braz Aquino, F. de S., & Salomão, N. M. R. (2011). Percepções maternas acerca das habilidades sociocomunicativas de bebês. *Psicologia: Ciência e Profissão, 31* (2), 252-267.

- Bruner, J. S. (1975a). The ontogenesis of speech acts. *Journal of child language*, 2, 1-19.
- Bruner, J. S. (1975b). From communication to language: A psychological perspective. *Cognition*, 3 (3), 255-287.
- Bruner, J. (1997). *Atos de significação*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Butterworth, G. (1995). Origins of mind in perception and action. In C. Moore & P. J. Dunham (Eds.), *Joint attention: Its origins and role in development* (pp. 29-40). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Camaioni, L., Aureli, T., Bellagamba, F., Fogel, A. (2003). A longitudinal examination of the transition to symbolic communication in the second year of life. *Infant and Child Development*, 12, 1-26.
- Cavalcante, M. C. B. (2008). Rotinas interativas mãe-bebê: constituindo gêneros de discurso. *Revista Investigações*, 21 (2), 153-169.
- Costa, E. V. & Lyra, M. C. D. P. (2002). Como a mente se torna social para Barbara Rogoff? A questão da centralidade do sujeito. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15 (3), 637-647.
- Evans, C. A., & Porter, C. L. (2009). The emergence of mother-infant co-regulation during the first year: Links to infants' developmental status and attachment. *Infant Behavior and Development*, 32, 147-158.
- Goldin-Meadow, S., Goodrich, W., Sauer, E., & Iverson, J. (2007). Young children use their hands to tell their mothers what to say. *Developmental Science*, 10, 778-785.
- Iverson, J. M., Capirci, O., & Caselli, M. C. (1994). From communication to language in two modalities. *Cognitive Development*, 9, 23-43.
- Iverson, J. M. & Goldin-Meadow, S. (2005). Gesture paves the way for language development. *Psychological Science*, 16 (5), 367-371.
- Lampreia, C. (1992). *As propostas anti-mentalistas no desenvolvimento cognitivo: uma discussão de seus limites*. Tese de doutorado, Doutorado em Psicologia Clínica,

- Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia. Rio de Janeiro.
- Lampreia, C. (2008). O processo de desenvolvimento rumo ao símbolo: uma perspectiva pragmática. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 60 (2). 117-128.
- Leavens, D. A., & Hopkins, W. D. (1999). The whole-hand point: The structure and function of pointing from a comparative perspective. *Journal of Comparative Psychology*, 113 (4), 417- 425.
- Liebal, K., Behne, T., Carpenter, M., Tomasello, M. (2009). Infants use experience to interpret pointing gestures. *Developmental Science*, 12 (2), 264-271.
- Lima, V. P., Cavalcante, M. C. B., Costa Filho, J. M. S. (2011). Hologesto: a relação entre gestos pantomínicos e holófrases em aquisição da linguagem. Anais do VII Congresso Internacional da Abralin, Curitiba.
- Liszkowski, U., & Tomasello, M. (2011) Individual differences in social, cognitive, and morphological aspects of infant pointing. *Cognitive Development*, 26, 16-19.
- Lyra, M. C. D. P. (2000). Desenvolvimento de um sistema de relações historicamente construído: contribuições da comunicação no início da vida. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 13 (2), 257- 268.
- Lyra, M. C. D. P., & Seidl de Moura, M. L. (2000). Desenvolvimento na interação social e no contexto histórico-cultural: adequação entre perspectiva teórica e metodologia. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 13 (2), 217-222.
- MacWhinney, B. (2011). The CHILDES Project: Tools for analyzing talk. (3<sup>a</sup> ed.). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- McNeill, D. (2007). *Gesture and Thought*. Chicago: University of Chicago Press.
- Mead, G. H. (1913). The social self. *Journal of Philosophy, Psychology, and Scientific Methods*, 10, 374-380.

- Melinger, A., & Levelt. W. J. M. (2004). Gesture and the communicative intention of the speaker. *Gesture, 4* (2), 119-141.
- Mendes, D. M. L. F., & Seidl de Moura, M. L. (2009a). Expressões faciais de emoção em bebês: importância e evidências. *Estudos e Pesquisas em Psicologia, 9* (2), 307-327.
- Mendes, D. M. L. F., & Seidl de Moura, M. L. (2009b). O sorriso humano: aspectos universais, inatos e os determinantes culturais. *Arquivos Brasileiros de Psicologia, 61* (1), 109-120.
- Messinger, D. S., & Fogel, A. (1998). Give and take: The development of conventional infant gestures. *Merrill-Palmer Quarterly, 44* (4), 566-590.
- Messinger, D., & Fogel, A. (2007). The interactive development of social smiling. *Advances in Child Development and Behavior, 35*, 328-358.
- Mundy, P., Block, J., Delgado, C., Pomares, Y., & Van Hecke, A.V. (2007). Individual differences and the development of joint attention in infancy. *Child Development, 78*, 938-954.
- Nogueira, S. E. (2009). A comunicação pré-verbal. In M. L. Seidl de Moura, D. M. L. F. Mendes, & L. F. Pessôa (Orgs.), *Interação social e desenvolvimento* (pp. 101-115). Curitiba: CRV.
- Nogueira, S. E., & Seidl de Moura, M. L. (2007). Intersubjetividade: Perspectivas teóricas e implicações para o desenvolvimento infantil inicial. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano, 17*(2), 128-138.
- Olson, J., & Masur, E. F. (2011). Infants' gestures influence mothers' provision of object, action and internal state labels. *Journal of Child Language, 38*, 1028-1054.
- Özçaliskan, S., & Goldin-Meadow, S. (2010). Sex differences in language first appear in gesture. *Developmental Science, 13*, 752-760.

- Papaeliou, C. F.; & Trevarthen, C. (2006). Prelinguistic pitch patterns expressing 'communication' and 'apprehension'. *Journal of Child Language*, 33, 163-178.
- Rochet-Capellan, A., Schwartz, J., Laboissière, R., Galván, A. Two CV syllables for one pointing gesture as an optimal ratio for jaw-arm coordination in a deictic task: a preliminary study. In: Proceedings of the European Cognitive Science Conference (EuroCogSci2007), pages 608- 613, Delphes, Grèce, 2007. Poster presentation.
- Rogoff, B. (1998). Observando a atividade sociocultural em três planos: apropriação participatória, participação guiada e aprendizado. In J. V. Wertsch, P. Del Río, & A. Alvarez (Orgs.), *Estudos socioculturais da mente* (pp. 123-142). (M. G. G. Paiva & A. R. T. Camargo, Trad.). Porto Alegre: Artmed.
- Rogoff, B. (2005). *A natureza cultural do desenvolvimento humano*. São Paulo: Artmed.
- Rossetti-Ferreira, M. C., Amorim, K. S., Silva, A.P. S. (2000). Uma perspectiva teórico-metodológica para análise do desenvolvimento humano e do processo de investigação. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 13 (2), 281-293.
- Rowe, M. L., & Goldin-Meadow, S. (2009a). Differences in early gesture explain SES disparities in child vocabulary size at school entry. *Science*, 323, 951-953.
- Rowe, M. L., & Goldin-Meadow, S. (2009b). Early gesture selectively predicts later language learning. *Developmental Science*, 12, 182-187.
- Salomão, N. M. R. (2010). Interação Social e desenvolvimento linguístico. Em V. L. R. Luna & Z. A. Nascimento (Orgs.), *Desafios da Psicologia Contemporânea* (pp. 91-104). João Pessoa: Editora Universitária/UFPB.
- Sarriá, E. (1991). Observacion de la comunicacion intencional preverbal: un sistema de codificacion basado en el concepto natural. *Psicotema*, 3 (2), 359-380.
- Sauer, E., Levine, S. C., & Goldin-Meadow, S. (2010). Early gesture predicts delay in children with pre- or perinatal brain lesions. *Child Development*, 81 (2), 528-539.

- Scaife, M., & Bruner, J. S. (1975). The capacity for joint visual attention in the infant. *Nature*, 253, 265-266.
- Schults, A., Tulviste, T., & Konstabel, K. (2011). Early vocabulary and gestures in Estonian children. *Journal of Child Language*, 1-23. Disponível em CJO 2011 doi:10.1017/S0305000911000225.
- Seidl de Moura, M. L., & Ribas, A. F. P. (2000). Desenvolvimento e contexto sociocultural: a gênese da atividade mediada nas interações iniciais mãe-bebê. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 13 (2), 245-256.
- Seidl de Moura, M. L., & Ribas, A. F. P. (2004). Evidências sobre características de bebês recém-nascidos: um convite a reflexões teóricas. In M. L. Seidl de Moura (Org.), *O bebê do século XXI e a psicologia em desenvolvimento* (pp. 21-59). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Seidl de Moura, M. L., Ribas, A. F. P., Seabra, K. da C., Pessôa, L. F., Ribas Jr., R. de C., & Nogueira, S. E. (2004). Interações Iniciais Mãe-bebê. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17 (3), 295-302.
- Seidl de Moura, M. L. (2009). Interações sociais e desenvolvimento. In M. L. Seidl de Moura, D. M. L. F. Mendes, & L. F. Pessôa (Orgs.), *Interação social e desenvolvimento* (pp. 19-36). Curitiba: CRV.
- Seidl de Moura, M. L., Mendes, D. M. L. F., Pessôa, L. F., & Marca, R. G. da C. (2011). Regulação dos estados de vigília de bebês (um e cinco meses) em contextos diádicos mãe-bebê. *Psicologia em Pesquisa*, 5 (1), 51-60.
- Slaughter, V., Peterson, C. C., & Carpenter, M. (2009). Maternal mental state talk and infants' early gestural communication. *Journal of Child Language*, 36, 1053-1074.
- Snow, C. E. (1998). Questões no estudo do *input*: Sintonia, universalidade, diferenças individuais e evolutivas, e causas necessárias. Em P. Fletcher, & B. MacWhinney

- (Orgs.), *Compêndio da Linguagem da Criança* (pp. 153-163). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Tomasello, M. (1995). Joint attention as social cognition. In C. Moore & P. J. Dunham (Eds.), *Joint attention: Its origins and role in development* (pp. 103-130). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Tomasello, M. (2003). *Origens culturais da aquisição do conhecimento humano*. (C. Berliner, Trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Tomasello, M., & Carpenter, M. (2007). Shared intentionality. *Developmental Science*, 10, 121-125.
- Tomasello, M., Carpenter, M., Liszkowski, U. (2007). A new look at infant pointing. *Child Development*, 78 (3), 705-722.
- Trevarthen, C., & Aitken, K. J. (2001). Infant intersubjectivity: Research, theory, and clinical applications. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 42 (1), 3-48.
- Veer, R. V. d., & Valsiner, J. (2009). *Vygotsky: uma síntese*. (6<sup>a</sup> ed.). São Paulo: Edições Loyola.
- Vila, I. (1995). Aquisição da linguagem. In C. Coll, J. Palacios, & A. Marchesi (Orgs.), *Desenvolvimento psicológico e educação. Volume I: Psicologia evolutiva* (pp. 69-80). (M. A. G. Domingues, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Volterra, V., Caselli, M.C., Capirci, O., & Pizzuto, E. (2005). Gesture and the emergence and development of language. In M. Tomasello & D. Slobin (Eds.), *Beyond Nature-Nurture. Essays in Honor of Elizabeth Bates* (pp. 3-40). N.J.: Lawrence Erlbaum Associates.
- Vygotsky, L. S. (1999). *A formação social da mente: O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. (6<sup>a</sup> ed., J. C. Neto, L. S. M. Barreto & S. C. Afeche, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (texto original publicado no Brasil em 1984).

Vygotsky, L. S. (2001). *A construção do pensamento e da linguagem*. (1<sup>a</sup> ed., P. Bezerra, Trad.). São Paulo: Martins Fontes.